

Maria do Amparo Rocha Caridade



SEXO,  
MULHER e  
PUNIÇÃO

a sexualidade feminina  
numa instituição penal

Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Mestrado em Antropologia

# Sexo, Mulher e Punição

A Sexualidade Feminina numa Instituição Penal

Maria do Amparo Rocha Caridade

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Russell Farry Scott

Recife, agosto de 1988

ACERVO: 170778

IU-06

Universidade Federal de Pernambuco  
BIBLIOTECA CENTRAL  
CIDADE UNIVERSITÁRIA  
50000 - Recife - Pernambuco - Brasil

A

1187/27-10-88

BC/PIU

BT000047401

I/89

A Mário, meu grande companheiro.

A Gabriel e Rodrigo, meus filhos amados.

A Eurídice, minha mãe, a quem amo muito.

...

E é por isso que a cidade

Vive sempre a repetir

Joga pedra na Geni

Joga bosta na Geni

Ela é feita pra apanhar

Ela é boa de cuspir

Ela dá pra qualquer um

Maldita Geni

...

Chico Buarque

"Aqui tudo não passa de aparências,  
é como um túmulo: lindo por fora,  
podre por dentro."

Uma detenta.

## AGRADECIMENTOS

Ninguém consegue percorrer sozinho o caminho árduo da pesquisa científica. Não sendo possível enumerar todos aqueles que me ajudaram nesta tarefa, limito-me a citar as pessoas que nela atuaram mais diretamente e as instituições que permitiram sua realização.

Meu primeiro agradecimento dirige-se as detentas da Colônia Penal Feminina, que contribuíram decisivamente com seus depoimentos, para a viabilidade deste trabalho. Uno a minha voz às vozes delas na luta feminina pela justiça social e pelo respeito à mulher.

A todos aqueles que antes de mim desbravaram o terreno fértil da sexualidade, aos autores citados neste trabalho, vivos ou mortos, meu reconhecimento por me terem apontado os caminhos.

A Russel Parry Scott devo a seriedade e o carinho com que acompanhou o meu processo de ver e pensar as questões abordadas, na forma encorajadora e democrática que lhe é peculiar.

Meu reconhecimento também a Judith Hoffnagel, co-orientadora, que muito acrescentou com suas críticas e sugestões.

Mário, meu companheiro de todos os instantes, foi o questionador constante que suscitou reflexões indispensáveis à construção deste trabalho.

Registro minha especial gratidão aos professores do Mestrado, que iluminaram os caminhos da reflexão e da pesquisa antropológica: Maria do Carmo Vieira (Du), Danielle Perin Rocha Pitta, Celina Hutzler, Luiz Gonzaga de Melo, Roberto Motta, Jodith Hoffnagel, René Ribeiro, José H. Lavareda e Maria do Carmo Brayner.

Agradeço especialmente à Diretora da CPF pela permissão para a realização desta pesquisa, aos técnicos e funcionários, que generosamente deram seus depoimentos e tornaram este trabalho mais concreto.

De muitas formas as pessoas contribuíram para a realização deste trabalho. A professora Virgínia Leal, fez a revisão gramatical do texto. Cynthia Zaicaner, cuja sensibilidade fez recriar o texto na capa. Arlúcia Saraiva pela técnica fotográfica. Aloísio e Antônio que me facilitaram o trabalho de processamento do texto final. Zinara Gouveia e Terezinha Melo pelo apoio gráfico.

O apoio das instituições foi de grande valia. A UNICAP concedeu-me a ajuda de 10 horas-aula em 1976. A ANPOCS/INTERAMERICAN FOUNDATION concederam-me uma bolsa através do concurso para o Programa de Dotações para a

Pesquisa. Da CAPES/CNDM recebi também uma bolsa através do concurso para Programa de Apoio a Teses sobre a Questão da Mulher. Agradeço à SUSIPE o ter-me autorizado a frequência ao campo de pesquisa.

A autora

## RESUMO

A sexualidade nas prisões femininas, tem sido pouco estudada no Brasil. Parece existir um pressuposto de que prisão implica negação do direito ao prazer, e o preconceito de que a satisfação sexual não é essencial para a mulher. A única penitenciária feminina de Pernambuco, é dirigida pelas Irmãs do Bom Pastor. Nela não são permitidas as "visitas íntimas", direito já adquirido pelos presos, em todo o Brasil. Através das histórias de vida, pude constatar que a sexualidade vivida pelas detentas, antes da prisão, foi reprimida, sofrida e pouco realizadora. A repressão religiosa da instituição recai, especialmente, sobre a sexualidade das detentas, considerada como um desvio ou pecado. É estabelecido um processo de violência simbólica, visando a regeneração moral das mulheres. Esta violência, não física, destrói a identidade e culpabiliza o desejo. Apesar de todo o controle exercido pela vigilância e pelo ambiente religioso, a sexualidade é vivida intensamente pelas detentas. Estas formas de controle produzem

manifestações sexuais específicas desta instituição. Embora produzidas por ela, estas formas de viver a sexualidade são recolocadas como desviantes e pecaminosas. A maneira transgressora de vivê-la é uma forma de contrapoder à ordem institucional estabelecida.

## SUMÁRIO

	pag.
INTRODUÇÃO .....	1
 <b>CAPÍTULO PRIMEIRO</b>	
<b>Caminhos e veredas em busca da sexualidade feminina na instituição penal.</b>	
1. Pontos de partida .....	09
2. O lugar da busca .....	12
3. O difícil discurso do sexo .....	13
4. Vendo e ouvindo. A observação, as entrevistas e as histórias de vida .....	19
5. A palavra dos estudiosos .....	25
6. Levantando hipóteses .....	34
 <b>CAPÍTULO SEGUNDO</b>	
<b>Repressão e sexualidade.</b>	
1. Introdução.....	39
2. Reprimir e reprimir-se .....	40
3. Repressão contra a mulher .....	45

4. Prisão. O lugar legitimado da repressão .....	61
5. A apropriação social e institucional do corpo .....	67
6. Sexualidade e estrutura familiar .....	74
7. O ideal cristão da castidade .....	81
8. A anti-sexualidade .....	86
9. Sexualidade e genitalidade .....	91
10. Resumindo .....	94

### **CAPÍTULO TERCEIRO**

#### **A colônia penal feminina do Bom Pastor - Um cárcere monacal.**

1. Contexto religioso da CPF. A conversão imposta .....	98
2. Estrutura da CPF. A ordem estabelecida .....	102
3. A população da CPF. Desviantes ou vítimas? .....	111
4. A CPF vista por dentro. A outra face .....	120
5. O cotidiano da CPF. A pequena morte da massa .....	124
6. Trabalho e lazer. Um vazio .....	131
7. Punição e reabilitação. Metas individualizadas de "salvação" .....	136
8. Em suma. ....	141

### **CAPÍTULO QUARTO**

#### **A sexualidade na CPF**

1. Introdução .....	145
2. A população das histórias de vida .....	146
3. A sexualidade das mulheres em suas histórias de vida	
3.1. Na casa dos pais .....	151

3.2. Na casa do primeiro parceiro .....	155
3.3. Em outras situações, com outras parcerias .....	157
3.4. O sexo na CPF .....	159
3.5. As perspectivas de vivência da sexualidade após a prisão .....	166
4. A sexualidade na visão dos funcionários, equipe técnica e direção	
4.1. A direção.....	169
4.2. Os funcionários .....	171
4.3. Os técnicos .....	173
5. Contextos e mecanismos institucionais controladores da sexualidade na CPF .....	176
6. Dimensão institucional da sexualidade .....	182
7. Principais manifestações da sexualidade na CPF	
7.1. A masturbação, uma manifestação da sexualidade tabuízada na CPF .....	187
7.2. O homossexualismo, a mais clara expressão da sexualidade na CPF .....	190
8. Nimuendaju, um programa cultural .....	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	201
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	210
ANEXOS .....	219

# Introdução

Numa época de intensa produção literária e científica sobre a mulher, qualquer abordagem sobre o tema é um pouco temerária, ainda mesmo que se trate de uma questão específica, como a sexualidade feminina numa instituição penal.

Embora muito se tenha falado e escrito sobre a mulher e pela mulher, é sempre possível trazer alguma contribuição para um dos mais revolucionários movimentos deste fim de século.

A delimitação do campo desta pesquisa a uma prisão feminina insere-se numa problemática mais ampla que é a questão da mulher. É uma tentativa de detectar a força que mantém o gênero feminino oprimido, e um esforço para contribuir com o processo de conscientização, isto é, da libertação do ser humano na sua integralidade, uma vez que a dominação não dignifica ninguém, nem o opressor nem o oprimido.

Esta pesquisa visa contribuir para a compreensão do processo de controle institucional da sexualidade na penitenciária feminina de Pernambuco. O universo estudado tem a peculiaridade de focar a única penitenciária feminina do Brasil, administrada por uma congregação religiosa.

Pode-se constatar a marcante oposição entre os ideais e a realidade nos dois grupos humanos que ali convivem: por um lado as mulheres religiosas que optaram por uma vida ascética e casta, e pelo outro, mulheres de "vida livre" que romperam com os limites sociais e morais da sociedade, motivo que as levou à situação de encarceradas.

A Colônia Penal Feminina (CPF) é dirigida pelas Irmãs do Bom Pastor que se propõem a um ideal de perfeição cristã, de virgindade e castidade, e cuja missão carismática é a "salvação das almas". Sua proposta apostólica visa a substituição da imagem de EVA, mulher sedutora e pecaminosa, fonte de prazer e de pecado, símbolo do mal, por MARIA, mulher virgem e imaculada que cumpriu o projeto divino de ser mãe. Sobre EVA pesa a condenação bíblica: "Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do teu marido, e ele te dominará" ( Gen. III,16).

Nesta pesquisa limito-me ao estudo dos mecanismos institucionais que controlam a sexualidade das mulheres detidas e suas reações claras e ocultas a tais controles,

mas deixo em aberto outras questões que poderão ser objeto de novos estudos.

Uma razão de ordem pessoal teve força decisiva na escolha da CPF como campo de pesquisa. Vivi no Bom Pastor. Vivenciei intensamente a experiência dessa instituição total. Professei o carisma dessa congregação que é a "salvação das almas", embora questionasse a possibilidade de salvar a alma sem a libertação do corpo, isto é, sem as mudanças políticas e econômicas que a possibilitem.

Retornar a etapas anteriores é uma forma de compreender-se, de integrar-se, de redefinir-se. Este trabalho, portanto, em parte sou eu mesma, mulher, religiosa e institucionalizada que fui, mas que se revê, que se recoloca, que recria seu existir, sua dimensão de vida, sua nova forma de estar no mundo. É também uma forma de solidariedade para com as mulheres que continuam oprimidas, dentro ou fora das instituições, visando fortalecer-lhes a crença de que é possível a superação de qualquer forma de dominação.

A situação social do oprimido, do marginalizado, completa o conjunto das razões que levaram a este investimento em "Sexo, Mulher e Punição". Entendo as detentas como o grupo mais oprimido e marginalizado da sociedade. Enquanto mulheres, pobres e presas, elas reúnem uma sujeição de gênero e de classe e um estigma que lhes

retira os espaços sociais básicos à continuidade de suas vidas como cidadãos e como pessoas.

Perscruto a vida interna da CPF, não pelo prazer de apontar falhas, mas para facilitar a compreensão de que a prisão é o mais deprimente dos processos usados por uma sociedade de classes para manter a dominação de uma minoria privilegiada sobre os corpos da massa trabalhadora. O processo de desumanização das pessoas completa-se ali, inclusive nem se cogita permitir as detentas, a básica e elementar satisfação sexual a que tem direito como pessoas humanas.

O desnudamento maior a que se propõe este trabalho o dos contextos e dos mecanismos institucionais, que na CPF controlam a sexualidade das mulheres, já que é entendida como pecaminosa, dentro da visão da instituição religiosa que a administra. Algumas Irmãs do Bom Pastor, em seus processos de renovação, têm desenvolvido uma atividade conscientizadora da realidade social do nosso povo. Infelizmente, porém este grupo renovador não atua na CPF.

A organização deste trabalho tem duas partes distintas, o teórico-metodológico e o empírico. O primeiro capítulo trata da questão metodológica enfocando a importância que a observação direta e a convivência demorada com a comunidade tiveram para possibilitar a abordagem de

uma temática tabuizada como é o sexo. As histórias de vida coroaram o esforço de elucidação do processo repressivo pelo qual passa a sexualidade da mulher, desde o silêncio sobre o corpo até a brutal violência sexual.

O segundo capítulo aborda a questão da repressão, realçando o fato de que o universo cultural parece orquestrado com sábios discursos para manter a supremacia masculina ao preço do lugar inferiorizante da mulher.

O terceiro capítulo inicia a revelação do mundo interno da CPF, o cotidiano vivido pelas mulheres, a força da estrutura religiosa da instituição sobre a concepção e controle da sexualidade, e o vazio do sentido de prender e punir sem reabilitar.

No quarto capítulo concedo a palavra às detentas, no relato de suas experiências, e teço a análise da sexualidade que é possível ser vivida na CPF. Uma sexualidade que apesar de produzida pela instituição, é por ela recolocada como desvio, como pecado. A constatação básica porém é a de sua vivência intensa apesar de todos os controles exercidos. O capítulo tem também a peculiaridade de focar como a repressão contra a mulher inscreve-se na sua sexualidade, que já vem reprimida desde a convivência anterior com seus parceiros e se intensifica na CPF onde os princípios religiosos, culpabilizam o desejo.

Mulher, por vezes recebe uma conotação pejorativa no uso que se faz do termo<sup>1</sup>. Neste trabalho, não só o termo não tem essa conotação, como seu uso muito freqüente tem a intenção de contribuir para a eliminação desse equívoco: somos a metade da humanidade que progressivamente se descobre, se afirma e se orgulha de ser chamada de mulher.

Embora torne-se inquietante a incerteza da utilidade deste trabalho, acredito no valor de, como mulher, denunciar a opressão em que vivem outras mulheres. Aguardo o momento em que elas o possam fazer por si mesmas, sem interlocutores. Por enquanto faço-me porta-voz desse grupo não apenas esquecido, mas até odiado e indesejado socialmente. Isto torna difícil a tarefa de me fazer ouvir. Atrever-me a ela é uma forma de contribuir com o avanço da luta feminina.

---

1. O Dicionário Aurélio traz inúmeras conotações pejorativas que são atribuídas ao termo como: "Mulher à toa. Mulher da comédia. Mulher da rótula. Mulher da vida. Mulher da rua. Mulher da zona. Mulher de amor. Mulher de má nota. Mulher de ponta de rua. Mulher do fado. Mulher do fandango. Mulher do mundo. Mulher do piolho. Mulher errada. Mulher fatal. Mulher perdida. Mulher pública. Mulher vadia." (Aurélio, 1986:1168)

Em contraposição o termo homem recebe positivas significações: "Homem da lei. Homem da rua. Homem de ação. Homem de espírito. Homem de Estado. Homem de letras. Homem de negócios. Homem de palavra. Homem de pulso. Homem de sociedade. Homem de leme. Homem do povo. Homem marginal. Homem público." (Aurélio, 1986:903)

A condição de segundo sexo, segundo gênero, segundo plano, segundo lugar, é a condição mesma do ser mulher. A conquista de um novo lugar, não o primeiro mas o igual, exige luta. Não se espera que nos ofereçam este lugar. Lutamos por ele.

# Capítulo Primeiro

**Caminhos e veredas  
em busca da sexualidade  
feminina na Instituição Penal.**

## 1. PONTOS DE PARTIDA

Várias pesquisas foram realizadas em ambientes prisionais<sup>1</sup> mas pouco se tem estudado a sexualidade das pessoas detidas<sup>2</sup> e menos ainda das mulheres presas.<sup>3</sup> Isto me leva a questionar os motivos conscientes ou ocultos de tal atitude. Suponho que o sistema de privação a que são submetidas as pessoas encarceradas contém o propósito de privá-las também de sua vida sexual. A concepção popular é a de que a pessoa presa deve ser privada do prazer além da própria liberdade. A ausência de condições para essa vivência parece "naturalizar" o fato na prisão, o que pode explicar o desinteresse científico pela questão.

---

1. PERRUCCI, M. - 1983; LEMGRUBER, J. - 1983; MUAKAD, I. B. - 1984; CELEM R. - 1983; EVANGELISTA, M. D. - 1983.

2. BRITO LEMOS - s.d.; DIAS, M. - 1962; BATISTA, N. - s. d.

3. CONCEIÇÃO SILVA e CONCEIÇÃO - 1987.

Alguns artigos sobre a questão sexual dos detentos estão publicados em revistas como:

Revista do Conselho Penitenciário Federal

Revista de Informação legislativa <sup>1</sup>

Em 1975, Venâncio M. Filho, promotor público do Rio Grande do Sul, em artigo sobre a questão do preso dizia que:

"... o regular exercício da sexualidade humana não é mero recreio, senão que necessidade imperiosa para o equilíbrio do ser humano; consiste pois em direito inalienável e intocável mesmo pela pena" (1975:103).

Tratando do direito que todo ser humano tem à intimidade, diz:

"Tais princípios igualmente se aplicam ao preso em geral, indistintamente, do sexo feminino ou do sexo masculino, no estado civil de casado ou de solteiro, ou de viuvo" (1975:108).

A questão sexual é uma questão humana, consequentemente não pode ser ignorada pelo sistema penitenciário que mantém pessoas submetidas ao regime de prisão. Também não se concebe a permanência de discriminação no tocante às condições para o exercício da vida sexual, entre homens e mulheres presas.

Desde 1971 as penitenciárias masculinas do Estado de Pernambuco conseguiram condições ambientais para a rea-

---

1. FILHO, V. A. 1975; PONZI, C. G. - 1971; MIOTO, A. - 1984.

lização das "visitas íntimas".<sup>1</sup> A Colônia Penal Feminina (CPF), única penitenciária feminina do Estado, continua até hoje sem oferecer as devidas condições para que as detentas recebam as "visitas íntimas" a que têm igual direito. Uma tal discriminação parece corroborar a concepção de que a sexualidade da mulher é menos exigente, e atende basicamente aos interesses procriativos. A abertura de espaço nas penitenciárias femininas do Brasil, para a realização dessas "visitas" tem sido muito lenta.

Nesta pesquisa pergunto pela sexualidade das mulheres detidas. O que acontece com ela? Como se expressa e de que forma é controlada pela instituição prisional? Que peso tem para o controle da sexualidade o fato da CPF, além de uma Instituição Total, ser dirigida por religiosas? São indagações que norteiam os passos deste estudo.

A escolha da CPF como campo de pesquisa está inserida num contexto mais amplo: o do interesse pela condição da mulher numa sociedade repressiva. A opção por este campo específico obedeceu aos seguintes critérios:

1. A CPF é um universo delimitado a ser estudado.
2. A condição de marginalidade social das mulheres desta comunidade.
3. O controle imposto a sexualidade humana pelos esquemas institucionais e religiosos.

---

1. Eufemismo utilizado para designar a prática das relações sexuais na prisão, por ocasião da visita do parceiro.

4. Ter sido membro da Congregação do Bom Pastor que dirige a CPF.
5. Interesse em contribuir com este estudo, para a mudança da condição sexual e social da mulher.

"Sexo, Mulher e Punição" tece uma análise da sexualidade da detenta da CPF, tangenciando questões mais amplas dentro das quais está inserida a temática, sobretudo as condições sociais, institucionais e religiosas da repressão sexual feminina.

## 2. O LUGAR DA BUSCA

A Colônia Penal Feminina do Bom Pastor (CPF), situa-se na Rua do Bom Pastor, número 1407, no bairro do Engenho do Meio, em Recife.

O acesso à instituição <sup>1</sup> me foi viabilizado pelo relacionamento estabelecido com as Irmãs do Bom Pastor em minha vivência religiosa anterior, e com a psicóloga da SU-SIPE (Superintendência do Sistema Penitenciário em Pernambuco), que facilitou meu acesso ao Superintendente, de quem obtive autorização para a realização desta pesquisa. De um lado e do outro era natural o receio de ver a instituição devassada e desnudada em suas nuances, nem sempre publicá-

---

1. Uma outra pesquisa foi realizada nesta penitenciária por MAUD PERRUCCI em 1979 e publicada pela Global Editora, em 1983 com o título de Mulheres Encarceradas

veis. O fato de ter pertencido à Congregação não me isentou de experimentar a desconfiança de que é alvo a figura do pesquisador, enquanto devassador da realidade que estuda. Esta desconfiança foi agravada pelo fato de se tratar de uma pesquisadora com conhecimento íntimo desta instituição religiosa. Apesar disso, gozei da liberdade de ir e vir na CPF, o que me permitiu acesso tranquilo a todos os setores em que vivem as mulheres. Numa frequência de duas a três vezes por semana, em horários diversos, mantive contato com a integralidade do dia vivido na CPF. Graças a esta mobilidade, tive também a oportunidade de entrar em contato com o cotidiano das mulheres, num clima de naturalidade. Não fiz uso do gabinete para a coleta de dados, mas dos locais de trabalho e sobretudo do pátio, lugar por excelência da vida que transcorre na CPF.

Este estudo sobre a sexualidade das mulheres detidas na CPF foi realizado no período de agosto de 1986 a fevereiro de 1988.

Embora 16 mulheres tenham sido selecionadas para a realização das histórias de vida, este trabalho contou com informações obtidas pela totalidade das detentas que no período da pesquisa, oscilou entre 49 a 60 mulheres.

### 3. O DIFÍCIL DISCURSO DO SEXO

Como era previsível numa penitenciária o clima ha-

bitual é de desconfiança entre as detentas. A delação, que lá recebe o nome de caboetagem, constitui-se num poderoso meio de controle da conduta das mulheres. Além de ser acatada, a caboetagem é também valorizada pela direção, enquanto fonte de informação sobre o que pensam e desejam as mulheres. Em contrapartida a amizade e a confiança são vistas como perigosas e, portanto, rechaçadas. As relações anteriores mantidas com a polícia deixam as mulheres precavidas contra qualquer participação de estranhos em suas histórias pessoais. O receio das publicações jornalísticas torna as respostas evasivas às perguntas que lhes são feitas diretamente. Por esta razão eliminei o gravador e os questionários, nos contatos, preferindo as anotações diretas. Em nenhum momento percebi este procedimento como dificultador de relações. Tive, no entanto, de conjugar a audácia e a cautela para vencer parte da distância entre nós.

Passei quatro meses contactando e estudando os setores administrativos da CPF. O primeiro contato com a comunidade carcerária ocorreu a 13 de agosto de 1986, dia do presidiário.<sup>1</sup> Esta oportunidade foi-me favorecida pelas professoras que me pediram para falar às detentas nessa data comemorativa. Na oportunidade expliquei-lhes a razão de minha presença entre elas e o interesse em estudar a questão da mulher, sobretudo daquelas que se encontram em dificuldades específicas.

---

1. Não consegui explicação para uma data comemorativa ao presidiário, nem por que esta data é o dia 13 de agosto.

Enfrentei resistências que foram vencidas à medida de minha frequência à comunidade com perseverança e clareza de atitudes. As perguntas que me dirigiam mostravam o nível de insegurança das mulheres ao revelarem aspectos de suas vidas

"Você é da SUSIPE?"

"O que você faz aqui?"

"Pra que é esse estudo?"

"A Irmã vai ler isso?"

"O que é mesmo que você quer da gente?"

Inúmeras vezes respondi a este tipo de pergunta, pois o terreno duvidoso das relações ameaça as mulheres na instituição.

Vencidas algumas resistências, constatei que mais importante do que qualquer explicação é a relação empática, onde se busca compreender e aceitar as pessoas como elas são. Na verdade o pesquisador se torna mais aceito pela sua forma de ser do que pelo significado que a pesquisa possa encontrar para a comunidade estudada. As explicações, por elas mesmo encontradas, para o meu trabalho foram bem mais convincentes - concluíram que eu estava escrevendo um livro sobre a vida delas na prisão, e algumas chegaram a expressar desejo de fazer parte deste "livro". Uma detenta, ao deixar a CPF, enviou-me este bilhete

"Tenho certeza de que seu livro não será somente mais um livro. Tenho certeza de que ele será uma grande mão puxando a corda do barco a nosso favor. Muito obrigada por você sempre lembrar que as presas são tão gente quanto você. Talvez num abraço eu te diga melhor estas coisas. Simples-

mente não se banalize como muitos fizeram, não diga a mesma coisa que eles." ( Lúcia) <sup>1</sup>

Eliminadas algumas dúvidas a respeito de minha pessoa e de minhas intenções, as mulheres pouco a pouco falaram de sua sexualidade, vencendo em parte a tabuização do tema e tendo a convicção de que a direção não teria acesso às anotações feitas. Esta aproximação foi favorecida pelos seguintes aspectos:

1. A comunidade demonstra muita necessidade de ser ouvida em suas expressões, fantasias, alegrias e tristezas.
2. Os técnicos não convivem com as mulheres, o que inviabiliza a fala catártica de que são muito carentes.
3. A valorização das caboetas pelas instituição enfraquece a coesão grupal e termina por favorecer maior confiabilidade às pessoas de fora da CPF.
4. As mulheres tornaram-se muito disponíveis às conversas e entrevistas, em virtude da solidão em que se encontram.

Com o passar do tempo procuravam-me espontaneamente e me diziam:

"Eu também quero ser entrevistada sozinha".  
(Glória).

Chamaram-me pelo meu nome e abandonaram o "doutora" que nos

---

1. Os nomes utilizados nesta pesquisa são todos fictícios. Os registros são fiéis às falas e às expressões utilizadas pelas detentas, porém escritos no vernáculo oficial.

separava ainda mais. A relação foi crescendo em confiança e proximidade.

Foram de grande importância as contribuições dadas por algumas de melhor nível intelectual e dotadas de senso crítico que perceberam a CPF como uma instituição autocrática e desumana. A maioria das mulheres queixou-se muito da direção e da vida na CPF, referindo-se à contradição que encontraram entre a freira, sua mensagem religiosa, e a forma injusta e parcial de lidar com a comunidade. As mais críticas sofreram pressões e lamentavelmente duas das melhores informantes desta pesquisa foram removidas para o Manicômio Judiciário.<sup>1</sup>

Alguns voluntários vão à CPF para evangelizar ou dar aulas de Yoga como formas de apoio para as detentas. Compreendi, no entanto, que aquilo que damos às pessoas nunca é tão importante como aquilo que procuramos não lhes retirar. Com esta atitude verifiquei um efeito catártico significativo em diversas entrevistas e histórias de vida, que oportunizaram o choro emocionado, a expressão de dores e angústias, até então silenciadas.<sup>2</sup> Numa destas entrevistas, uma mulher ficou muito aliviada em poder falar de uma relação homossexual, pela qual se sentia oprimida e desejava libertar-se.

---

1. Para o manicômio judiciário vão as detentas que apresentam comprometimento psíquico segundo laudo psiquiátrico.

2. Catártica é aqui entendida no sentido liberador do ato de falar ou expressar ações e vivências reprimidas.

Escutando e apoiando as mulheres, nas entrevistas, nas conversas e sobretudo nas histórias de vida, fiquei atenta à preservação da qualidade deste trabalho, e vigilante quanto a leitura da realidade institucional em seu movimento controlador. Esta atitude precisa ser cautelosa tendo em vista a afirmação de Hilton Japiassu no **Mito da Neutralidade Científica** :

"A objetividade da ciência significa antes de tudo a intenção subjetiva do cientista, que se caracteriza pela busca do conhecimento" (1981:56).

Já Cicourel, que identifica a necessidade do pesquisador participar das atividades diárias da comunidade para conhecer seu objeto de estudo, alerta para a possibilidade de perda da objetividade dos dados, pois

"...quanto maior a sua participação, maior o perigo de envolvimento (de virar nativo), porém o que se perde em objetividade ganha-se em riqueza" (in Guimarães, 1980:19).

Considero muito significativa a diversidade dos dados apreendidos com detalhes, na CPF, pela observação e pela convivência informal, que não teria obtido através de questionários ou de entrevistas formais.

As vigilantes também foram entrevistadas e mostraram-se disponíveis aos questionamentos feitos. Informaram de modo simples como controlam as mulheres pelo dia e pela noite. Na convivência direta que mantêm, revelaram-se mais sensíveis aos problemas vividos pela comunidade. As entrevistas com os técnicos tiveram um discurso menos compreen-

sivo, mais institucionalizado, mais avaliativo e mais profissionalizado acerca das detentas. A maioria deles considera a CPF como uma prisão privilegiada, pois as mulheres não ficam trancadas nas celas nem são espancadas; e dizem:

"Isto nem parece uma prisão."

A diretora expressou uma percepção muito negativa a respeito das detentas, chegando a dizer:

"Elas são tão ruins, tão vadias, que não dão pra nada."

Seu discurso foi autoritário, avaliativo e muito pouco tolerante.

#### 4. VENDO E OUVINDO: A OBSERVAÇÃO, AS ENTREVISTAS E AS HISTÓRIAS DE VIDA

A maior parte dos dados trabalhados nesta pesquisa, procede da observação direta, da convivência, de entrevistas realizadas, de conversas informais e de histórias de vida realizadas. A coleta dos dados se processou de forma lenta e gradual num intervalo de dois anos de contato com a instituição. Foram utilizados também escritos espontâneos das mulheres, grafitos existentes nas celas, dados da ficha pessoal e relatórios dos técnicos da SUSIPE.

A população carcerária feminina não é elevada, o que permitiria a aplicação de questionários a todas as internas. Embora isso fornecesse uma visão global das características da população e da CPF, não me permitiria o apro-

fundamento do estudo no sentido da leitura dos contextos institucionais controladores da sexualidade, da forma como as mulheres vivem, expressam e representam sua sexualidade. Por isso privilegiei a observação direta como método de trabalho compreendendo-a como reveladora do cotidiano e entendendo que é por esse cotidiano que se apreende a realidade. Berger e Luckman destacam a importância do cotidiano para essa compreensão:

"Entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante." (1987:38).

Malinowski refere-se a fenômenos que são muito importantes no trabalho de campo e que não podem ser apreendidos através de perguntas, mas devem ser observados na plena realidade:

"Denominemo-los os imponderáveis da vida real. Entre eles se incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, os detalhes do cuidado com o corpo, da maneira de comer e preparar refeições; o tom das conversas e da vida social ao redor das casas da aldeia; a existência de grandes amizades e hostilidades e de simpatias e antipatias entre as pessoas; a maneira sutil mas inquestionável, em que as vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento do indivíduo e nas relações emocionais dos que os rodeiam. Todos esses fatos podem e devem ser cientificamente formulados e registrados..." (in Guimarães, 1980:55)

Tentei o processo não de "tornar-se nativo", mas o de apreender os fatos, situações e significados no contexto natural e no momento em que ocorriam.

Nesta pesquisa assumi a função de "participante como observador", segundo a classificação de papéis que

Junker atribui ao observador participante:

1. O participante total - quando a verdadeira identidade e o objetivo do pesquisador não são conhecidos pelas pessoas que observa.
2. O participante como observador - tanto o pesquisador como o informante estão conscientes de que a relação entre eles é meramente de campo.
3. O observador como participante - usado em estudos em que as entrevistas são feitas numa só visita.
4. O observador total - papel que retira o observador de campo da interação social com seus informantes.

O processo de observação possibilitou também uma melhor compreensão da Instituição Total onde, segundo Goffman, o fato básico é

"O controle de muitas das necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas" (1974:18).

Para a realização das histórias de vida, foi selecionado um universo de 16 pessoas obedecendo aos seguintes critérios:

1. Mulheres que se encontravam em regime fechado de internamento, <sup>4</sup> que na CPF caracteriza-se

---

1. Segundo Celém, os regimes prisionais são de três tipos: embora os estabelecimentos podem ser mais "abertos" ou mais "fechados", e até mesmo ter características de um e outro regime.

sobretudo pela ausência de permissão de saídas nos fins de semana.<sup>1</sup>

2. Mulheres que estavam na CPF há mais de seis meses, considerando-se que com este tempo de permanência na instituição, já se encontravam familiarizadas com os contextos institucionais controladores da sexualidade.

Dados mais completos sobre a população serão encontrados no terceiro capítulo, onde será feita a etnografia da comunidade.

Busco nessas histórias de vida a ordenação cronológica das experiências sexuais vividas pelas mulheres em sua história pessoal, nos seus contextos sócio-econômico-cultural, até chegar às vivências da sexualidade na CPF. Como Langnes acho que a história de vida

"... dá uma visão cumulativa, multifacial e panorâmica de cada indivíduo..." (1973:30)

---

1. No regime fechado, há poucas possibilidades de circulação interna, o trabalho só é permitido no interior do estabelecimento e as saídas só se dão sob escolta.

No regime semi-aberto há circulação interna, permissão para o trabalho ou cursos fora do estabelecimento, sem escolta, assim como visitas à família ou a Igreja.

No regime aberto há ampla possibilidade de circulação intramuros, trabalho externo, cursos fora do estabelecimento visitas semanais ao lar ou à Igreja sem escolta, saídas em feriados e períodos de férias. (1983:24).

1. Os critérios para a permissão de saídas nos fins de semana, encontram-se na Lei das Execuções Penais (LEP) Art. 123.

Embora não tenha estabelecido um esquema fechado para a captação das histórias de vida, busquei nos relatos dados sobre:

1. Realidade sócio-econômica dos pais.
2. Vida e orientação sexual na infância.
3. Estruturação e desestruturação familiar.
4. Namoro, menstruação e primeira relação sexual.
5. Representação da sexualidade, relação com o prazer.
6. Contexto vivido antes do encarceramento.
7. Vida sexual na CPF.
8. Controle da sexualidade na CPF.
9. Internalização dos princípios religiosos.
10. Visão atual da sexualidade.

O corpo sexual, diferentemente do corpo biológico, não é de observação imediata. Ele só se revela de modo próprio, no momento oportuno. Na CPF, dado o terreno duvidoso, hostil e desconfiado da comunidade, não existem garantias para que o corpo sexual de uma mulher se revele facilmente. O acesso que tive a este corpo sexual, à intimidade das suas vidas, foi através dos escritos, poemas, grafitos, encontrados nas celas, mas sobretudo através da escuta confidente das histórias de vida. Além da tabuização já existente na sociedade acerca do sexo, na CPF ele é tratado como uma anomalia, um pecado, um desvio. É negativamente avaliado, é perigoso, é fonte de infração, é objeto de delação. Falar de sexo fica muito difícil e exige segurança.

Foi a certeza do sigilo, a segurança do anonimato das anotações feitas, a confiança estabelecida com a convivência, que viabilizaram a revelação do corpo sexual em seus sonhos, seus fantasmas, seus desencantos, seus desejos, suas práticas e seus conflitos. Mesmo sabendo que não tinha soluções para os problemas por elas referidos, para as dificuldades apontadas, houve grande disponibilidade das mulheres para falar de si e de suas histórias. A intimidade com o informante, na história de vida, requer o estabelecimento de boas relações; por isso só as iniciei após um ano de convivência com a comunidade.

O conjunto das histórias de vida, exige uma análise dos seus conteúdos, pois segundo P. Henry e S. Moscovici:

"... tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo" (in Bardin, 1979:33)

Para Bardin, essa análise de conteúdo é o

"... conjunto de técnicas de análise das comunicações, que se utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (1979:38)

O recorte que faço das histórias de vida, objetiva a análise das comunicações, no que se refere às experiências da sexualidade vividas antes da prisão, durante a prisão e as perspectivas que são colocadas acerca do futuro.

As histórias de vida também viabilizaram uma leitura do controle institucional da sexualidade. No ambiente hostil e desconfiado em que vivem, as mulheres, por medo da

delação, só falam da instituição em lugar seguro, tendo a certeza de que não serão caboetadas junto à direção. Eis a razão pela qual a escuta confidente facilitou a obtenção de informes, assim como a leitura das reações ao controle institucional. Pude também perceber a instauração de uma forma de contrapoder, nas práticas secretas e transgressoras da sexualidade. A afirmação das mulheres, como sujeitos, é viável por uma prática "desviante" de sua sexualidade. Este aspecto será melhor explicitado quando for tratada a dimensão institucional da sexualidade, no quarto capítulo.

## 5. A PALAVRA DOS ESTUDIOSOS

A sexualidade humana é considerada aqui na sua dimensão globalizante, polimorfa, polivalente e não apenas na forma regionalizada ou genitalizada. A plasticidade referida para a sexualidade tem afinidade com a concepção freudiana do caráter primitivamente informe da libido. O alto grau de flexibilidade alcançado pela libido diz respeito tanto aos objetos a que se dirige como às suas modalidades de expressão. Esta concepção globalizante e flexível da sexualidade é fundamental para a compreensão das suas vivências e manifestações pelas mulheres da CPF. Essa dimensão globalizante pode ser entendida também, no sentido expresso por Dulce Dantas de que

"... a mulher tem um pouco de sexo por todo o corpo" (1983:3).

A sexualidade também é vivida pela imaginação pois a fantasia desempenha um papel muito importante nas atividades sexuais humanas. Ela pode manifestar-se através dos mais variados tipos de comportamento: os modos de andar, falar, brincar, vestir, olhar, ser, revelam a sexualidade da pessoas. Também os gracejos, as insinuações, as piadas, as canções, os gestos e outras formas de comportar-se podem ser códigos afetivos ou eróticos, numa comunidade onde o sexo é controlado e vigiado.

Na **Introdução à Psicanálise - Teoria Sexual**, Freud refere a importância da satisfação das necessidades sexuais, como condição para se evitar a formação de neuroses. Refere também a existência de meios que permitem suportar a privação de satisfação da libido, sem que haja perigo de neurose, porque, dada a plasticidade das tendências sexuais, é possível a compensação de uma satisfação por outra, trocando-se um objeto de difícil acesso por outro mais fácil. Embora esses meios ajudem a suportar a privação, não a esvaíam, e o grau de insatisfação da libido, que o homem pode suportar, é limitado.

A sexualidade é também analisada na sua dimensão sócio-cultural, conforme a ênfase dada por Peter Fry:

"A cultura, longe de ser apenas um aspecto secundário da sexualidade, é... o seu âmago" (1982:16).

No entanto concedo capital importância a dimensão institucional da sexualidade, destacando como o faz Birman,

"... o papel das condições institucionais na organização de uma série matizada de comportamentos sexuais dos internados" (1980:12).

Os contextos institucionais controladores da sexualidade das mulheres, na CPF, produzem uma sexualidade própria àquela instituição que, no entanto, a considera desviante e pecaminosa.

Em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud mostra que a repressão provém da imposição, do domínio de um indivíduo sobre outro, e que o primeiro indivíduo na questão é o pai. É a partir deste domínio que se estabelece a forma patriarcal da sociedade, baseada na inferioridade da mulher e na repressão da sexualidade. Freud associa também essa tese da autoridade patriarcal com o auge da religião, sobretudo com a ascensão do monoteísmo no Ocidente. Em *Mal Estar na Civilização*, mostra como a cultura impõe pesados sacrifícios à sexualidade humana e como o processo civilizatório é um processo de frustração dos instintos humanos.

Analiso aqui a repressão sob três enfoques:

1. Enquanto viabilizadora da supremacia da instituição sobre o indivíduo. Freud via a repressão como condição de possibilidade da cultura e da civilização. A instituição se afirma sobre a repressão e controle de seus membros.
2. Enquanto força transformadora das pessoas em corpos úteis e submissos segundo a visão fou-

caultiana de uma " tecnologia política do corpo".

3. Na dimensão auto-repressora, onde se dá a internalização de códigos de permissão, proibição e punição da sociedade, vista por Freud e Chauí como a perfeição da repressão.

É pertinente também a esta análise a questão dos tabus explicitada por Malinowski ao estudar a **Moralidade de Costumes dos Selvagens**. Os tabus gerais referem-se às aberrações sexuais, à publicidade das coisas sexuais, aos excessos e às questões de gosto relativas a feiuras e deformações. Os tabus sociológicos referem-se à exogamia, ao incesto, ao adultério, ao parentesco por afinidade, à posição social (1983:436,437). Estas questões de moralidade e costumes estão muito presentes na trajetória sexual vivida pelas mulheres presas que se revelam tanto "transgressoras" como "conservadoras" dos costumes vigentes.

Em seu livro **Vigiar é Punir** Foucault mostra que o sistema punitivo passou por um processo de transformação a partir do século XIX, onde é suprimido o espetáculo da punição física, para o ingresso numa época de sobriedade punitiva. A pena não é mais o suplício, mas a perda de bens ou direitos, somada a privação como complemento punitivo. A expiação nessa nova fase deve atuar sobre o coração, o intelecto, a vontade e as disposições do infrator. A alma do criminoso passa agora a ser julgada como crime e participa da punição.

A punição é enfocada por Foucault como "uma função social complexa" (1984:26) e não apenas repressiva. Por isso deve ser estudada como fenômeno social, considerando-se a relação existente entre os vários regimes punitivos e os sistemas de produção em que se efetuam.

O autor considera que os sistemas punitivos devem ser recolocados numa certa economia política do corpo, porque mesmo sem ser suplício e castigos violentos, é sempre do corpo que se trata; é como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e dominação, por isso, é preciso torná-lo produtivo e submisso. Na CPF o corpo da mulher, embora não seja supliciado, é submetido a frequentes e humilhantes revistas nas entradas e saídas, ou quando alguma desconfiança se levanta contra alguém. O corpo é também identificado, revisado e reconhecido em suas marcas e cicatrizes no ritual de entrada da instituição, e sua história é registrada numa ficha. Mas a preocupação na CPF parece ser mais a de tornar os corpos submissos do que produtivos.

Para Foucault (1984:30,31,32) o trabalho de sujeição do corpo pode ser programado, tecnicamente pensado, sutilmente calculado por aparelhos e instituições, utilizando-se para isto uma verdadeira "tecnologia política do corpo" e uma "microfísica do poder".

A partir da ótica foucaultiana considero o fato de que o Estado se apropria do corpo para punir o indivíduo

por isso, na penitenciária, o corpo é confinado, trabalhado para tornar-se dócil, submisso, produtivo e regenerado. Para essa transformação, funciona como repressora uma "micrope- nalidade" que administra o tempo, a atividade, o modo de ser, a sexualidade, a vida do indivíduo, através de leves castigos, privações, discriminações, humilhações, etc. Na CPF isto se expressa através de pequenas normas internas, da vigilância ininterrupta, do horário rígido, das proibições diversas, dos anúncios de castigos, etc.

Diferentemente de Foucault, Goffman faz uma micro- análise dessa realidade ao revelar em *Manicômios, Prisões e Conventos* (1961) como acontece a vida numa Instituição To- tal. Ele analisa detalhadamente o mundo do internado, desde os rituais de entrada aos processos de mortificação do EU, despojamento de identidades, morte civil do cidadão, sistema de privilégios etc. Estas idéias são muito apropriadas para uma análise da vida que se processa na CPF.

As Instituições Totais têm, segundo Goffman, as seguintes características:

1. Nelas, o fato básico é o "controle de muitas das necessidades humanas pela organização bu- rocrática de grupos completos de pessoas" (1961:18).
2. As pessoas são "um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu", porque estas insti-

tuições funcionam como verdadeiras "estufas para mudar pessoas" (1961:22).

3. Os rituais de admissão dos internados são verdadeiros ritos de passagem do mundo exterior ao mundo institucional, onde o indivíduo despojado de seu papel de cidadão, sofre perdas irreversíveis como a "morte civil" (1961:25).

Observo na CPF por quais contextos, normas e observâncias passam esses controles, rituais e processo de morte civil.

É importante a observação de Goffman acerca do esquema de interpretação da Instituição Total sobre o indivíduo desde que é admitido. O preso deve ser um delinquente, deve ser punido e submetido. Na CPF as mulheres referem-se às expressões da diretora do tipo: "Entrou aqui fica debaixo dos meus pés.", ou, "Preso não tem vontade.". Essa identificação automática do internado segundo Goffman, "...está no centro de um meio básico de controle social" (1961:78).

A literatura pertinente tem mostrado como as instituições que impõem convivência exclusiva de um ou outro sexo constituem-se em locus favoráveis ao desenvolvimento e prática do homossexualismo. Em "Instituições fechadas e Sexualidade" Isméri S. C. Conceição diz:

"Nas instituições unissexuais a sexualidade se ma-

nifesta sob a forma de masturbação e homossexualismo" (1986:25).

Na CPF isto também ocorre. Procuro porém ali igualmente a sexualidade não revelada, mas que impregna o ambiente e povo a cabeça e os corpos das mulheres.

Peter Fry, estudando a homossexualidade masculina em cultos afro-brasileiros, propõe que a questão seja compreendida como um fato social e não biológico. Fry pressupõe que a

"...sexualidade, como tudo que é em princípio natural, é limitada e controlada através de conceitos e categorias construídas historicamente" (1982:37)

Esta observação tem importância especial para este estudo enquanto busco compreender o que na CPF desperta a prática do homossexualismo. A concepção, existente na CPF, do sexo como pecado, pressiona as mulheres a abdicarem de suas habituais expressões para adotarem nova conduta sexual.

A postura construtivista adotada por Peter Fry, acerca do homossexualismo, segue-se a visão de Luiz Mott, que acredita que o fenômeno deriva da própria natureza. Ele assume portanto uma perspectiva mais essencialista. Sua abordagem em *Lesbianismo no Brasil*, rica de exemplos, tanto da história como da literatura, apontam na direção essencialista. O conceito de lesbianismo que enfatiza neste livro é de capital importância para a compreensão das vivências lesbianas entre as mulheres da CPF:

"...lésbica é a mulher que alimenta forte emoção

e afeto por outra mulher, incluindo ou não relações eróticas" (1987:15).

A análise do homossexualismo existente na CPF passa tanto por explicações construtivistas como essencialistas. Encontro ali uma diversidade de razões explicitadas pelas mulheres para as suas vivências homossexuais:

1. Algumas mulheres "gostariam de ter nascido homens".
2. Outras se dizem "pressionadas pelo ambiente e pelas relações que lá se estabelecem."
3. Outras acham que essa vivência é "uma ajuda natural para se suportar a cadeia". Ali é preciso ter alguém que cuide, proteja e goste delas.

Há mulheres também que não suportam a idéia de viverem uma relação homossexual.

Considero da maior importância as abordagens de Peter Fry e de Luiz Mott, contudo na CPF, as relações homossexuais merecem ser analisadas também em sua dimensão institucional.

Qual o peso da CPF, como instituição na determinação do homossexualismo lá existente? Qual o papel da pressão religiosa da instituição na produção desse comportamento sexual? Qual o sentido para a instituição, da produção e administração do homossexualismo na CPF?

Embora o homossexualismo seja a mais clara manifestação da sexualidade das mulheres presas, não a privilegio enquanto expressão. Ele é visto neste estudo como uma das expressões possíveis na CPF.

A abordagem teórica não se esgota por aqui. Dedico um capítulo especial à devassa histórica explicitadora das raízes da dominação patriarcal e à conseqüente inferiorização vivida pela mulher desde milênios. Busco os contextos em que o "feminino" tornou-se o dominado, e a sexualidade da mulher foi apropriada pelo social para a procriação.

## 6. LEVANTANDO HIPÓTESES

Mulheres não encarceradas vivem a privação de relações heterossexuais por circunstâncias peculiares a cada situação. Desta forma não são as detentas as únicas pessoas a viverem esta experiência. Pressuponho, porém, que:

1. Há uma reprodução na CPF da repressão sexual exercida pela sociedade sobre a mulher.
2. A condição de internada tem efeito sobre a manifestação da sexualidade da mulher detida.

A partir de uma visão cultural, histórica, social e institucional da repressão da sexualidade humana, é fácil constatar a eleição do sexo feminino nessa trajetória para o exercício da submissão ao modelo patriarcal de dominação. Os modelos de dominação patriarcal e religiosa somam-se, na

tarefa de garantir o ideal para a sexualidade feminina, como sendo a reprodução e a maternidade, numa aliança milenar entre o "natural" e o "sagrado" da função mãe. Por isso, a sociedade apropria-se do corpo feminino para a procriação. O Estado também se apropria do corpo e da sexualidade para controlá-la, puní-la e torná-la submissa. Os esquemas de controle e vigilância são corroborados pelas concepções do sistema religioso, para garantia desse projeto modelador, na sociedade mas especialmente na CPF.

Neste contexto levanto as seguintes hipóteses:

1. A repressão da sexualidade feminina na CPF é uma reprodução dessa mesma repressão na sociedade na qual está inserida esta instituição.
2. A repressão sexual da mulher é agravada na CPF enquanto instituição total.

Esta segunda hipótese fica reforçada pelo fato de ser esta instituição dirigida por pessoas pertencentes a uma congregação religiosa. A sexualidade é controlada na CPF sobretudo através da religião e há uma força muito grande nessa forma de repressão.

Dada a dimensão globalizante atribuída à sexualidade humana, acredito que as mulheres buscam formas al-

---

interditada pela instituição, que lhe impede o livre curso, tanto nas relações homo como heterossexuais. O retorno dessa interdição é uma sexualidade vivida intensamente pelas mulheres, numa forma de contrapoder à instituição. É a instituição intensificando o que quer reprimir.

# Capítulo Segundo

Repressão e Sexualidade

"Em todas as sociedades conhecidas pode-se reconhecer a necessidade do homem em se realizar. Ele pode cozinhar, tecer, vestir bonecas ou caçar colibris, se tais atividades são atividades apropriadas ao homem, então toda a sociedade, tanto homens quanto mulheres, as considera importantes. Por outro lado, quando estas mesmas ocupações são exercidas pelas mulheres, são consideradas menos importantes."

MARGERET MEAD, Homem e Mulher

## INTRODUÇÃO

O aprendizado de ser mulher, em nossa sociedade ocidental, supõe que frequentemente ela aceite e interiorize uma imagem depreciativa e constrangedora de si mesma. Esta é a resultante do processo repressivo que pesa sobre ela desde tempos imemoriais.

A temática da repressão feminina tem permeado a literatura ocidental em diversos aspectos. Seleciono aqui apenas alguns discursos que referendam o status inferiorizante da mulher nesta sociedade dando ênfase ao discurso bíblico e cristão por entender que ele adquire maior peso na determinação das concepções vigentes na CPF, acerca da sexualidade da mulher. O processo repressivo contra a mulher é particularizado na tradição judaico-cristã pela negação da sexualidade prazerosa e pela valorização da função reprodutora legitimada no casamento monogâmico cristão.

A fetichização da função materna reteve a mulher

no doméstico, que passou a ser o seu lugar "natural". O doméstico é aqui visto como o palco da vida feminina, onde os papéis de mãe e "rainha do lar" tecem uma cortina de fumaça ao governo opressor do patriarca poderoso e autoritário. A desconfiança cristã do prazer do corpo e da sexualidade, comanda o processo repressivo instaurado contra a mulher, vista como o ser sexual. Estas formas de pensar a sexualidade humana, o corpo, o doméstico e a mulher, fazem parte também do controle religioso que se exerce na CPF, no sentido de conter o sexo, evitar o pecado e "reabilitar" a mulher.

Os temas abordados neste capítulo encaminham à constatação de que a história da mulher é a história do "segundo sexo", do "sexo frágil", do "gênero oprimido", do "ser inferior". Isto pretende confirmar a hipótese de que há uma repressão contra a mulher, na sociedade, que se continua e se intensifica na CPF.

#### REPRIMIR E REPRIMIR-SE

"A história do homem é a história de sua repressão."

Marcuse.

Ao se perguntar pela sexualidade das mulheres detidas na CPF, a primeira idéia que ocorre é a de repressão. Parto do pressuposto de que esta instituição apenas reproduz o que vem acontecendo na humanidade desde os

tempos mais remotos, quanto à sexualidade da mulher. Procuro acompanhar a trajetória humana neste ato de reprimir e reprimir-se. Enfoco particularmente algumas raízes patriarcais preponderantes na contínua história da dominação masculina e a conseqüente inferiorização da mulher. Aproprio-me de alguns conceitos, na tentativa de melhor compreender como a sexualidade tem sido reprimida e como a mulher foi submetida ao exercício de uma vida sexual desprazerosa e apenas procriativa.

O termo repressão está sendo utilizado nesta pesquisa como sendo o conjunto dos processos pelos quais a sociedade controla o comportamento dos indivíduos. Este controle se exerce em duas etapas, uma externa e outra interna. Esta última corresponde à auto-repressão, que é a interiorização da primeira.

Nick Heather chama a repressão externa de opressão quando diz: "Opressão é o que alguém faz com você; repressão é o que você faz a si mesma" (1977:142). O modo como a sociedade exerce a sua opressão é, principalmente, forçando as pessoas a se reprimirem.

Embora varie a terminologia não há discrepância entre os autores quanto ao processo de repressão. A definição encontrada no **Vocabulário da Psicanálise** de Laplanche e Pontalis para o termo repressão, no sentido lato, é: "Operação psíquica tendente a fazer desaparecer da

consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: idéia, afeto etc. Neste sentido, o recalçamento seria uma modalidade especial de repressão" (1986:594). Observam-se aí dois níveis: a repressão e o recalçamento; o nível externo e o nível interno de repressão. Reprimir significa tirar do campo da consciência os conteúdos desagradáveis ou inoportunos e recalque significa levar essa repressão ao nível do inconsciente.

O **Vocabulaire de la Philosophie** de Lalande define o recalçamento como: "O processo pelo qual o espírito sem querer e sobretudo sem saber, afasta as idéias que lhe são penosas ou desagradáveis e as mantém fora do campo da sua consciência" (1986:906). Repressão e recalçamento implicam a ação externa de uma agência repressora e ação interna de auto-controle do superego, que é a repressão internalizada. É nessa internalização que, segundo os autores, reside a perfeição do processo repressivo.

Freud, na **Metapsicologia**, alerta para outras características do processo repressivo:

" Não devemos representar seu processo como um ato único, de efeito duradouro, semelhante, por exemplo, ao dar morte a um ser vivo. Muito ao contrário, a repressão exige um esforço contínuo, cuja interrupção a levaria ao fracasso sendo preciso um novo ato repressivo... a manutenção de uma repressão supõe, pois, um contínuo gasto de energia..." (1967:1047).

Estas concepções são fundamentais para a

compreensão do processo que mantém a CPF em aparente harmonia e a sexualidade das mulheres em aparente anulação e silenciamento.

A repressão sexual não é exclusiva dos povos ditos "civilizados". Malinowski faz vários registros dos processos repressivos encontrados entre os nativos por ele estudados. Em **Vida Sexual dos Selvagens** ele diz:

"Os nativos conseguem livrar-se quase por completo das perversões por meio de sanções que poderíamos chamar de psicológicas, mais do que sociais. As aberrações sexuais são ridicularizadas, fornecem matéria para um grande número de anedotas sarcásticas, e, graças a um tal tratamento, não só ficam marcadas como impróprias mas são tornadas efetivamente indesejáveis" (1983:436).

Nas referências de Malinowski estão presentes também as instâncias repressoras recalcantes que se observa nos conceitos de repressão explicitados.

Em **Mal Estar na Civilização** Freud admite que a cultura só foi possível graças ao custo altíssimo da repressão dos instintos humanos. É este também o preço pago pelos indivíduos na prisão. A instituição prisional se nutre e se fortalece da fragilidade dos seus membros. A CPF afirma-se na medida em que as mulheres são passivas e submissas. Sua força está na fraqueza das detentas, reproduzindo-se aí a dialética do Senhor e do Escravo, onde o despontar da consciência de si do Escravo ameaça constantemente o poder do Senhor. O poder do Senhor é inquestionado enquanto a consciência se mantém escrava. Isto

explica porque as manifestações da consciência crítica na CPF são patologizadas e podem justificar a remoção de alguém para o Manicômio Judiciário.

Na CPF a instância repressora externa pode ser observada nas normas, proibições, obrigações, punições, baculejos, <sup>1</sup> na contínua vigilância e no espírito religioso da instituição. A instância recalcante é a internalização que as mulheres fazem das normas e princípios religiosos e do regulamento da instituição, mas sobretudo a internalização do medo, especificamente o medo do castigo. Observa-se na CPF um estado de medo, semelhante à espada de Dâmocles. O castigo na CPF mantém-se por um fio. A transgressão sexual é passível de castigo e as mulheres receiam suas vivências mais explícitas. Consequentemente a sexualidade mantém-se camuflada sob o signo do medo.

Que o processo repressivo da sociedade sobre a mulher reproduz-se e intensifica-se na CPF é mostrado claramente por Zezita:

"A vida da gente é sofrida e humilhada. Acham sempre que estamos errada. Aí está o negócio, como é essa vida da gente. Ser presidiária é triste. Cada dia que passa sofro mais ainda, aqui dentro é um inferno... Se eu tivesse família não estava aqui, nunca tive amor de ninguém. Por isto sofro demais, queria poder ter uma mãe para mim dar carinho, queria poder sentir amor, foi uma coisa que não tive nem quando era criança. Sou uma

---

1. Termo usado pelas mulheres à devassa feita aos seus pertences e à cela, pelas vigilantes, quando há alguma suspeita de furto ou uso de maconha.

pessoa revoltada aqui dentro. Com toda essa solidão a gente ainda é humilhada".

Quando Zezita grita "aqui dentro é um inferno", "nunca tive amor de ninguém", "queria uma mãe para mim dar carinho", propõe um basta ao sofrimento que lhe acompanhou a vida. A CPF é, para ela, a reprodução ampliada de seu passado opressor.

Explicitarei a seguir minha percepção de como o universo cultural parece orquestrado em seus diversos "saberes" para garantir a supremacia masculina, ao preço da submissão do feminino, na humanidade.

#### REPRESSÃO CONTRA A MULHER

"Pergunta-se como tudo isso começou? É fácil verificar que a dualidade de sexos como qualquer dualidade, gera conflito. Sem dúvida, o vencedor assumirá o status de absoluto. Mas por que o homem teria vencido desde o início? É possível que as mulheres pudessem ter obtido a vitória, ou que o resultado do conflito nunca pudesse ter sido resolvido. Então, como é que o mundo sempre pertenceu aos homens e que essa situação só recentemente começou a mudar? Será essa mudança boa? Ocasionará uma divisão do mundo em partes iguais, tanto para os homens quanto para as mulheres?"

Simone de Beauvoir - **O Segundo Sexo**

As relações de gênero no contexto histórico da humanidade foram relações de dominação do masculino sobre o feminino. Busco compreender o processo dessas relações em

alguns dos seus aspectos antropológicos, religiosos, filosóficos e psicanalíticos, visualizando nessa trajetória o cotidiano da mulher reduzida à casa, ao doméstico, à maternidade, sob o domínio do homem, na alegação do "natural" feminino em contraposição ao "cultural" masculino.

Acredita-se não haver resposta objetiva à indagação de Simone de Beauvoir, mas algumas culturas tentaram suas explicações do fato. É um exemplo disso o mito da luta entre o homem e a mulher pela posse do "Jakuí" (poder), segundo os índios Xingu. Apesar de extenso, o mito tem aqui a importância de suscitar a reflexão e fazer a denúncia de que a mulher é cúmplice da opressão de outras mulheres. Diz o mito:

"As Iamuricumá tocavam uma flauta chamada jakuí. Tocavam, dançavam e cantavam todos os dias. De noite a dança era executada dentro do tapãim (casa das flautas), para que os homens não vissem. As flautas eram vedadas a eles. Quando a cerimônia era realizada durante o dia, fora do tapãim, os homens tinham que se fechar dentro de casa. Só as mulheres se conservavam de fora, tocando, cantando e dançando, e sempre enfeitadas com colares, penachos, braçadeiras e outros adornos, hoje próprios dos homens. Quando acontecia um homem, por descuido, ver o jakuí, as mulheres imediatamente o agarravam e o violavam todas. O Sol e Lua não sabiam de nada disso, mas da aldeia deles estavam sempre ouvindo as cantorias e os gritos das Iamuricumá. Um dia a Lua disse que era preciso ir ver o que as Iamuricumá estavam fazendo. Resolveram ir, e foram. Aproximaram-se da aldeia e ficaram de longe, olhando. A Lua não gostou de ver o movimento das mulheres: as velhas tocando curutá e dançando, outras tocando o jakuí, e outras ainda gritando e rindo alto. O Sol e a Lua, para ver melhor avançaram mais e entraram na aldeia. As mulheres estavam em festa. Quando o Sol e a Lua iam chegando, o chefe delas disse para o seu pessoal:

- Não falem nada, senão eles vão fazer uma coisa qualquer para nós.

O Sol, logo na chegada, disse à Lua:

- Não estou achando bom mulher tocar jakuí. Isso não pode ficar assim.

Depois começaram a conversar sobre a maneira de resolver o caso, dizendo o Sol à Lua:

- Vamos fazer um horí-horí (zunidor) para por medo nas mulheres.

- Vamos fazer, então, e acabar com isso. Está muito feio assim.

Dito isso, saíram a preparar o horí-horí. Levaram um dia inteiro. Depois de pronto o zunidor, a Lua perguntou quem ia levá-lo contra as mulheres, para por medo nelas.

- Pode deixar que eu levo - disse o Sol.

E passou a se enfeitar com braçadeiras de penas, penachos e outras coisas. Depois de adornar-se todo, seguiu no rumo das Iamuricumá. A Lua ficou esperando na aldeia. O Sol, ao se aproximar, começou a girar o enorme horí-horí que ele fez. As mulheres continuavam dançando, mas já amedrontadas com a zoadá daquela coisa que vinha chegando. Quando viraram os olhos e viram o Sol trazendo e fazendo zoar o seu medonho horí-horí, ficaram apavoradas. A Lua gritou mandando as mulheres se recolherem dentro das casas. Estas na mesma hora largaram tudo e correram para dentro. Os homens por sua vez, saíram para fora dando gritos de alegria e se apoderaram dos jakuí. Vendo o que acontecia, a Lua falou:

- Agora está certo. Os homens é que vão tocar jakuí e não as mulheres.

Naquela mesma hora os homens começaram a tocar e a dançar no lugar das mulheres. Uma delas, que havia esquecido uma coisa no meio da aldeia, pediu, de dentro da casa, que a levassem para ela. Quando viu isso a Lua falou:

- Agora vai ser sempre assim. Desse jeito é que está certo. Mulher é que tem que ficar dentro de casa, e não homem. Elas vão ficar fechadas quando os homens dançarem o jakuí. Não podem sair. Não podem ver o horí-horí, também porque este é um companheiro do jakuí. Os homens aprenderam tudo

que as Iamuricumá sabiam: as músicas do jakuí, os seus cantos e danças. Primeiro, eram só elas que sabiam." (In Nunes, 1987:40 e 41

As explicações míticas segundo L. Strauss (1973:241) fazem parte do sonho coletivo da humanidade e se relacionam simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro. Este mito confirma o fato lamentável de que mulheres, (a exemplo da Lua ) se tornaram opressoras e carcereiras de outras mulheres. Na maior parte das culturas porém o que se observa é a dominação do homem sobre a mulher.

É como objeto que ela tem sido trocada e tratada nas diversas culturas. Para Lévi-Strauss, a lei universal do comportamento social humano é a troca: troca de mensagens que é a comunicação, troca de bens que é a economia e a troca das mulheres que é o parentesco. Sobre o casamento ele diz:

"Vimos na troca, ... a forma universal do casamento, e estudamos o casamento dos primos cruzados não como expressão primitiva, arcaica, relativamente antiga ou recente desta forma, mas como um caso privilegiado que permite perceber, de modo particularmente claro, por trás do casamento a onipresença da reciprocidade" (1976:182).

No processo de troca Lévi-Strauss lembra que quem cambia as mulheres são os homens, e não o contrário, dando a entender que nessa transação os homens ganham a plenitude social e as mulheres, subordinadas, situam-se na esfera das

coisas adquiridas pelo homem. É ainda Lévi-Strauss quem diz:

"Seria, portanto, falso dizer que se trocam ou que se dão presentes, ao mesmo tempo que se trocam ou se dão mulheres porque a própria mulher não é senão um dos presentes, o presente supremo entre aqueles que podem ser obtidos somente em forma de dom recíproco" (1976:105).<sup>1</sup>

Balandier buscou a lógica da dominação masculina, analisando grandes áreas culturais da África Negra,<sup>2</sup> e observou que a generalidade do status de inferioridade feminina faz da mulher uma subordinada frequentemente insubordinada e considerada perigosa. É por referência a ela que se definem as primeiras relações de desigualdade, dissimuladas nas sociedades hierárquicas ou de classes, mas sempre presentes.

"A relação homens/mulheres é o alicerce mais profundo de todas as relações desiguais, o que explica porque as contestações ( simbólicas ou reais), desde o momento em que se generalizam, trazem-na à baila juntamente com outras relações de subordinação" (Balandier, 1976:61,62).

A situação da mulher na cultura ocidental é de constante repressão e subordinação, e a bíblia desempenha

---

1. Na mitologia grega Pandora é a primeira mulher projetada para perder o homem. Zeus a encomenda a seu filho Hefesto, que para criá-la teve a participação de todos os habitantes do Olimpo. Assim os deuses "presenteiam" os homens com a desgraça. Preparada a cilada, Zeus enviou o "presente" a Epimeteu, que ao abri-lo recebeu todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. (Brandão, 1986:168).

2. Sobre estas culturas, ver Balandier, 1976:21 e passim.

papel preponderante na construção deste fenômeno cultural. Destaco alguns pontos do Antigo e do Novo Testamento que evidenciam isto.

As citações e abordagens que se seguem, estão à margem de qualquer pretensão teológica ou exegeta. Visam apenas focar a situação de inferioridade a que a mulher é submetida nesta civilização fundamentada nos princípios judaico-cristãos.

O mito bíblico mais enfatizado faz a mulher surgir de uma costela de Adão, como se pode observar no Gênesis:

"E Adão pôs nomes convenientes a todos os animais (domésticos), a todas as aves do céu, e a todos os animais selváticos; mas não se achava para Adão um adjutório semelhante a ele. Mandou, pois, o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e, enquanto ele estava dormindo, tirou uma das suas costelas, e pôs carne no lugar dela. E da costela que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher; e a levou a Adão. E Adão disse: Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará virago, porque do varão foi tomada" (Gên. II, 20 a 23).

Além de um ser dependente, a mitologia bíblica mostra a mulher como fonte de pecado.

"Viu, pois, a mulher que (o fruto da árvore) era bom para comer, formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; tendo conhecido que estavam nus, cozeram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas" (Gên. III, 6 e 7).

Interrogado por Deus, Adão não assume seu ato e culpa a mulher:

"A mulher que tu me deste por companheira, deu-me (do fruto) da árvore e comí".

Eva também não assume a desobediência:

"A serpente enganou-me e eu comí" ( Gên. III,13).

Toda mulher passou a ser, como Eva, um símbolo da tentação que leva o homem ao pecado.

O domínio do homem sobre a mulher foi justificado como castigo do pecado:

"Multiplicarei os teus trabalhos, (especialmente os de ) teus partos. Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido, e ele te dominará" ( Gên. III,16).

Curiosamente a punição bíblica incide sobre o ato de parir e relaciona daí por diante, sexo, culpa, dor e dominação no destino feminino.

Além do Gênesis, outros livros do Antigo e do Novo Testamento referendam o status inferiorizante da mulher. No Decálogo, a mulher é colocada ao lado dos pertences do patriarca.

" Não cobiçarás a casa de teu próximo; não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença" (Ex. 20,17).

No Eclesiástico encontram-se recomendações de prudência nas relações com as mulheres e uma observação degradante acerca da mulher prostituta:

"Toda a mulher que é prostituta, será pisada como esterco no caminho" (Ecl. 9,10).

No capítulo 25 a mulher má é assim concebida:

"...a maldade da mulher é uma consumada malícia. Toda a chaga é suportável, não porém a chaga do coração; e toda a malícia, não porém a malícia da mulher... Toda malícia é leve comparada com a malícia da mulher; ...Se a mulher tem o mando, ela se levanta contra o seu marido ... Da mulher nasceu o princípio do pecado, e por causa dela é que todos morremos. Não dêis à mulher má, liberdade de sair a público. Se não andar sempre debaixo da tua mão, ela te cobrirá de confusão diante dos teus inimigos. Separa-a da tua pessoa, a fim de que não abuse sempre de ti..." (Ecl. 25,17 a 36).

São muitas as marcas de malignidade atribuídas à mulher no Antigo Testamento. A concepção da mulher como causa do mal deixou raízes profundas na consciência feminina, como uma culpa original, um dos fatores explicativos talvez de sua submissão milenar ao gênero masculino.

No Novo Testamento, Cristo só traz mensagens libertadoras acerca da mulher, e resgata-lhe a dignidade humana tão aviltada pelos patriarcas do Antigo Testamento. Flandrin diz com muita propriedade que

"... a igualdade entre o homem e a mulher, em matéria de sexualidade, é uma invenção cristã, que contradiz as idéias tradicionalmente aceitas no mundo ocidental, e que aliás não pode se impor até uma época muito recente" (1986:152)

No Novo Testamento, porém, São Paulo parece esquecer completamente a mensagem de Cristo e, com ele

teólogos cristãos redirecionam a doutrina cristã para o enfoque inferiorizante da mulher:

"As mulheres sejam sujeitas aos maridos, como ao senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como o Cristo é a cabeça da Igreja, seu corpo, do qual ele é o Salvador" (Ef. 5,22 a 23).

Na carta aos Coríntios reforça:

"O homem na verdade não deve cobrir a sua cabeça porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. E o homem não foi criado por causa da mulher, mas sim a mulher por causa do homem" ( Cor. 1,7 a 9).

As afirmativa de São Paulo referendam bem a estrutura familiar patriarcal, base da repressão que se instalou contra a mulher. Os diversos exemplos bíblicos citados consagram sob a "palavra divina", a malignidade e inferioridade da mulher. É natural que na CPF com sua estrutura religiosa dominante, as mulheres sejam vistas apenas como desviantes e pecadoras.

A discriminação da mulher não é um fato do passado; lamentavelmente ainda é um peso dos dias atuais e se reveste de muitas sutilezas. Em setembro de 1987, a TV Globo mostrou o Papa João Paulo II em visita aos EEUU. Uma mulher da multidão questionou a ausência feminina na hierarquia da Igreja Católica e reivindicou o sacerdócio para as mulheres. O Papa respondeu-lhe que a função da

mulher é a maternidade. A sacralização da função materna serve aqui de freio ao desejo de participação igualitária das mulheres na hierarquia eclesiástica e mascara a ideologia masculina da Igreja Católica. Sobre isto diz L. Boff:

"A declaração sobre a questão da admissão das mulheres ao sacerdócio emanada da Sagrada Congregação para a Doutrina da fé (15 de outubro de 1970) recende muito à argumentação dos séculos passados; como se nada houvesse acontecido na história depois das fixações canônicas a partir do século XII. Segundo o Código de Direito Canônico ainda vigente (codificado em 1917) a mulher é, eclesiasticamente, equiparada às crianças e aos loucos" (1983:35).

Passados quase dois mil anos após a mensagem libertadora e igualitária de Cristo, a Igreja continua a referendar o segundo plano como o lugar "natural" para a mulher. A CPF com sua administração religiosa não está isenta desta discriminação, na medida em que atende às exigências patriarcalistas de manter as mulheres em submissão. A filosofia grega é grandemente responsável por tal situação. Tanto Platão como Aristóteles fizeram restrições à capacidade feminina.

A filosofia grega teve um papel decisivo na estruturação mental do mundo ocidental. A influência de Platão e Aristóteles continua muito forte ainda mesmo nos dias atuais, sobretudo na Teologia Cristã. O idealismo de Platão nos chegou através de Santo Agostinho, que viveu no quarto século depois de Cristo. Foi ele quem deu ao Cristianismo uma estrutura racional e o contaminou com o

pessimismo radical no tocante ao corpo, particularmente da mulher. Ele descobriu uma profunda semelhança entre a visão bíblica da decadência do homem pelo pecado e a concepção degenerativa dos sistemas políticos da República de Platão.

Num de seus diálogos chamado Timeu, Platão refere-se à criação da mulher como sendo o resultado de uma degeneração do homem:

"Entre os homens que receberam a existência, todos aqueles que se mostraram covardes e passaram sua vida a agir mal, provavelmente foram transformados em mulheres em sua segunda encarnação" (1950:538).

Na República, Platão assume uma atitude um pouco mais otimista em relação à mulher, dizendo que, na sociedade ideal por ele imaginada, todos devem ter as mesmas oportunidades, uma vez que tanto os homens como as mulheres são dotados da mesma capacidade. Ele recusou toda propriedade privada, até mesmo as mulheres, e extinguiu a família, por considerá-la nociva ao bem comum. (1950 - Livro V da República).

"Se pois, nós exigimos das mulheres os mesmos serviços que dos homens, devemos formá-los nas mesmas disciplinas" (1950:165).

Santo Agostinho reconhece em Adão a condição espiritual do ser humano, mas em Eva ele vê a parte sensual. Por ela Satã triunfou.

"Toda uma vertente do pensamento agostiniano está dominada pelo dualismo: o mal vem do corpo, portanto da mulher, inferior e carnal... o pecado do ato sexual, mortal na fornicação, tornou-se venial no matrimônio: pode ser redimido..." (Georges Duby, In Lepargneur, 1985:29).

A mulher representa no pensamento agostiniano o instinto, a sensualidade, o mal, enquanto o marido representa a razão e o dever. A Igreja é altamente influenciada por esta visão de que o mal vem do sexo, da mulher.

Um estudo atento da Cidade de Deus de Santo Agostinho, que serviu de modelo na organização da Igreja, revela a marca indelével da filosofia platônica. Esta influência negativa sobre a teologia cristã foi percebida por Santo Tomás de Aquino, no século XIII, que tentou corrigi-la com o realismo da filosofia de Aristóteles. Enquanto que para Platão o homem é apenas uma alma que se encarnou num corpo, a que ele comparou a uma caverna escura no livro VII da República, Aristóteles definiu o homem como um animal racional, isto é, composto de corpo e alma, duas partes distintas e constitutivas do ser humano.

"Santo Tomás, repetindo Aristóteles, considera a mulher um *mas ocasionatus*, um varão deficiente, destinado a ser mero receptáculo da força generativa única do varão. Esta deficiência biológica irá explicar a *imbecillitas naturae* da mulher, sua dependência em tudo do homem" (Boff, 1988:85).

Quem desafiou de uma maneira mais direta o pessimismo da civilização ocidental foi Rousseau, que no século XVIII ousou contestar a doutrina do pecado original. Iniciou o seu tratado de educação, o *Emílio* com esta afirmação:

"Tudo é perfeito em saindo das mãos do seu criador, e tudo degenera nas mãos dos homens" (1951:5).

Podemos considerá-lo como sendo o descobridor da criança como um ser com suas próprias características e não um pequeno homem marcado pelo pecado como era vista anteriormente. No entanto, em se referindo a Sofia, a futura companheira do Emílio, ele assim se expressa:

"Na união dos sexos cada um concorre igualmente para o objeto comum, mas não da mesma maneira. Desta diversidade nasce a primeira diferença marcante entre as relações morais de um e de outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco: é necessário que um queira e possa, e basta que o outro não ofereça resistência. Estabelecido este princípio decorre que a mulher é feita para agradar ao homem" (1951:446).

A escolha destes filósofos neste estudo se deveu ao fato de que, busco compreender as raízes do pensamento ocidental cristão acerca da mulher. A forma como eles a viram tem consequência que se fazem notar ainda em nossos dias.

Como mestres da humanidade, estes pensadores influenciaram grandemente outros campos do conhecimento com suas formas de ver e pensar a mulher.

A teoria psicanalítica tem também seu discurso que corrobora a inferioridade feminina e garante a falocracia da psicanálise. Esse discurso vem sendo contestado por mulheres psicanalistas. Lamentavelmente, Freud que teve tamanho alcance e compreensão da realidade humana, rompendo tantos limites de sua época, não conseguiu desembaraçar-se dos preconceitos e misoginias da era vitoriana. Suas teorias,

sobretudo as da castração e inveja do pênis, referendaram o lugar inferior em que vivia a mulher de sua época.

Christiane Olivier, psicanalista francesa, contesta em seu livro **Les Enfants de Jocaste** inúmeros pontos da teoria freudiana sobre a sexualidade feminina. Embora reconheça que a inferioridade da mulher não foi inaugurada por Freud, analisa as consequências de sua teoria que referenda a condição de inferioridade feminina.

"O que é grave com o aparecimento de Freud, é que a inferioridade constatada socialmente, tomou um aspecto científico..." (1980:14).

Acha que a teoria do monismo sexual e a caracterização da libido como masculina, marcam o encontro da teoria freudiana com a ideologia dominante de primazia do macho. Encontra na visão freudiana eco com a bíblia patriarcal do Velho Testamento:

"Como Deus tira Eva da costela de Adão, Freud tira a sexualidade feminina da libido masculina" (1980:14).

Olivier acredita que a ausência de Jocasta na teoria psicanalítica a deixou sem referenciais femininos e que, por isso, não há nela explicação para o desejo da mulher.

"...eu não encontro traços de meu desejo numa teoria fundada unicamente sobre premissas masculinas" (1980:13).

Sobre a inveja do pênis ela questiona se é inveja do pênis ou inveja daquilo que não se tem. Não inveja também o homem o seio, o útero, a maternidade, a vagina? Assim a inveja não seria especificamente feminina, mas pertenceria

aos dois sexos e se dirigiria aos atributos sexuais do outro. Os poetas e artistas de todos os tempos cantaram, em célebres elogios, as delícias do seio, a feminilidade, a maternidade. Por isso ela acredita que

"O lugar da inveja masculina reside no seio, tão regularmente cantado, exaltado, revestido de todas as qualidades de ternura, plenitude e doçura, atribuídas à mãe" (1980:28).

Segundo Olivier essas idéias são fruto da imaginação de um homem que quis estabelecer comparação entre os sexos e não fazer a constatação da diferença entre um e outro.

A partir da contestação que faz a inúmeros pontos da teoria freudiana, Olivier conclui:

" É preciso que homens e mulheres assumam uma igualdade de papéis na diferença de sexos, para que a criança possa perceber que a diferença dos corpos não gera a diferença dos poderes, conceito que serve de base à guerra atual entre homens e mulheres" (1980:192).

Dulce Dantas, psicanalista pernambucana, questiona também este ponto com muita propriedade:

"Como seria e como se comportaria essa mulher "humana", barrada no seu desejo por modelos que não aqueles calcados em valores tipicamente masculinos?" (1984:2).

Considerando os diversos discursos científicos míticos, religiosos ou filosóficos, observo que o universo cultural parece orquestrado para garantir a pouco questionada supremacia masculina que subsiste desde

milênios, ao preço amargo da submissão da mulher. Inegavelmente o movimento de emancipação feminina é radicalmente revolucionário e único na história da humanidade. É um grito libertador que emerge do silêncio da memória social, um brado incontido de igualdade de direitos na diferença dos sexos. Um movimento dialético da mulher pela mulher, capaz de eliminar a forma mais universal de dominação, recriando uma nova condição do ser homem e do ser mulher. Vivo a emoção de participar como mulher, da construção desse novo tempo.

A vivência desta emoção me faz fundir neste estudo o pessoal e o científico na suposição de que o fato enriquece o trabalho. Como mulher torno-me uma "observadora participante" da trajetória feminina na humanidade. Como mulher fui submetida por outras mulheres e pelos "sábios discursos masculinos" que governam a humanidade; guardo porém a certeza de que um novo discurso mais sábio se gesta, que não é masculino nem feminino, dominante ou dominado; é humano acima de tudo.

Essa vivência determinou também a escolha das abordagens feitas acerca da repressão contra a mulher.

## PRISÃO . O LUGAR LEGITIMADO DA REPRESSÃO

"O poder político é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra"

Marx.

Toda a história repressiva da humanidade parece encaminhar a concepção de que há um lugar social legitimado para o exercício pleno da repressão: a prisão. Ela é vista como o abrigo do "mal" que deve ser reparado e do "mau" que deve ser punido.

No caso da mulher, "má por definição de gênero", essa punição é na CPF sutilmente reforçada por princípios religiosos que facilitam o processo culpabilizante e auto-repressor.

Questiono a quem serve a prisão. Um pouco de história encaminha a reflexão.

O regime penitenciário teve suas origens nos primórdios da Idade Média, após a união do poder civil com o poder religioso realizado por Constantino. Espontaneamente ou por imposição os penitentes se recolhiam às celas conventuais para meditar e se arrepender dos seus pecados. No entanto foi a partir do século XVI que os mendigos, os vagabundos, as prostitutas, os loucos, os ladrões e todos aqueles que incomodavam a elite política e religiosa da

época foram enviados aos antigos leprosários e cercados de altos muros.

A instituição prisão, segundo Foucault (1980), teve início nos fins do século XVIII e princípio do século XIX, coincidindo com a ascensão e dominação da classe burguesa. Pinel libertou os loucos dos grilhões e os internou nos hospícios. Surgiu então a psiquiatria para justificar cientificamente o tratamento dado aos loucos.

Os internamentos massificados visavam delimitar o bem e o mal, desinfetar a sociedade dos seus membros indesejáveis e favorecer a aparência saudável de uma sociedade cheia de contradições. A função da prisão não consiste apenas em punir os "culpados", mas prevenir pelo medo da punição que outras pessoas incorram nos mesmos "erros", isto é, nos comportamentos que a sociedade considera nocivos ao seu funcionamento. Desta forma, a prisão visa muito mais os que estão fora, do que os que estão dentro dela. Este mesmo esquema se reproduz na CPF. Não é tanto o castigo em si que mantém a ordem. É o medo do castigo. É o terror da evitação. Essa é a forma mais neurotizante de repressão e a que mais destrói o indivíduo.

A prisão a partir de suas origens nunca visou a recuperação da pessoa humana, mas esteve sempre a serviço da classe dominante, resguardando-a do convívio ameaçador com pessoas "desviantes". Tem razão Marx ao afirmar que

"A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classe" (1985:8).

Esta luta é pertinente nas sociedades onde predomina a propriedade privada. Não é difícil constatar que as prisões estão superlotadas de pessoas pobres, consideradas por alguns estudiosos como "classes perigosas", e que os verdadeiros criminosos, aqueles que exploram e se apoderam do suor dos trabalhadores e que desviam recursos públicos, nem sequer são confrontados pela justiça. A prisão existe para aqueles que recusam vender sua força de trabalho aos donos do capital, ou que não encontram os meios considerados dignos de sobrevivência. Assim o entende Cecília Pires:

"Embora a criminalidade não possa ser explicada exclusivamente pelo aumento da pobreza, é certo que amplas camadas voltadas para o assalto e o crime jamais utilizariam esta forma de sobrevivência se a sociedade fornecesse oportunidades mínimas para seu sustento" (1985:58).

Embora o regime penitenciário declare sua intenção principal de reeducar e reintegrar socialmente os presos, a sociedade conhece todos os inconvenientes da prisão, que além de não reeducar, provoca reincidência, fabrica delinquentes, organiza e solidariza essa delinquência e jamais reduz a taxa de criminalidade. Diz Guida:

"O pior é que aqui na CPF, aprendí coisas que não sabia lá fora, não sabia nem faria; aqui eu aprendi a usar tóxico, maconha, tendo eu vou fundo. Isso aqui é uma escola."

Apesar disso Foucault diz que

"ela é a detestável solução de que não se pode abrir mão." (1984:208).

Ele evidencia a prisão como o grande fracasso da justiça penal, mas vai além e denuncia que este aparente fracasso faz parte de um projeto maior, tem uma função social, ou seja: não objetiva reduzir a delinquência, mas gerí-la, administrá-la de tal forma que assegure os interesses das classes dominantes (1980:240). Seu êxito estava onde ninguém procurou. Seu sucesso foi produzir delinquência na perspectiva poder-saber, para o exercício da tática geral de sujeição.

Corroborando essa visão, diz Rui Rebello Pinho: A prisão

"...esta substituta histórica da pena capital, iguala-se à sua antecessora, mata de fato o homem criminoso, lenta e dolorosamente, não de um só golpe, porém de golpes constantes, que vão sendo dados vários num só dia, durante anos e anos. De muitas outras vezes, quando não mata o homem criminoso, também não mata o criminoso no homem, e, o que é pior, não raro, mata o homem no próprio homem, sem destruir o delinquente " (Revista do Conselho Penitenciário Federal, nº 33/55).

Um conto oriental, narrado por Basaglia, ajuda a compreender o processo que ocorre na prisão.

Um homem vivia em luta com uma serpente. Um dia, enquanto dormia, a serpente entrou-lhe pela boca e instalou-se no seu estômago, ficando ele a partir desse momento sob o controle absoluto da serpente, perdendo a faculdade de desejar, de querer e atuar de forma autônoma. Quando a serpente partiu, o

homem sentiu-se livre, mas não sabia mais o que fazer com a própria liberdade.

E Basaglia conclui tristemente que

"... nesta sociedade todos somos escravos da serpente, e que, se não tentamos destruí-la ou vomitá-la, chegará o momento em que nunca mais poderemos recuperar o conteúdo humano de nossa vida" (1974:70).

É bastante pertinente a analogia que se pode traçar entre esse conto e a condição institucional da detenta. Ilustra bem a internalização que é feita por parte da detenta de um inimigo que a penetra, a devora e a transforma no ser que, quase sempre, jamais desejou ser.

Em o **Menino do Dedo Verde**, Maurice Druon apresenta uma bela definição de "ordem" através do pequeno Tistu que responde ao Sr. Trovões na lição sobre Prisão:

"A ordem? É quando a gente está contente". E tão profundas foram as perguntas e respostas de Tistu sobre a prisão que o Sr. Trovões escreveu-lhe no caderno de notas: É preciso vigiar de perto este menino; ele pensa demais. Tistu chega a uma conclusão sábia e lamentável:

"Tenho certeza de que, se me fechassem alí, mesmo sem ter feito nada de ruim, eu acabaria muito mau." (1973:45 e 52).

A visão poética de Druon, a análise racional de Foucault e o conto oriental citado por Basaglia referem-se ao mesmo fato: a destruição do ser humano submetido. Uma presidiária confirma as teorias:

"Aqui é o último ponto a que eu podia ter chegado. Depois que a pessoa sair daqui será sempre marginal, um fora da lei, jamais terá a confiança da sociedade. Entrou aqui, tem de tornar-se mau. Encerra a vida."

A lei enquadra dentro da lei os que estão fora para transformá-los em foras da lei.

Analisando o processo de evolução histórica do castigo, Célia Braga enfoca três momentos diferentes desse processo: o suplício, a punição e a vigilância, e os considera

"...estratégias fracassadas, na medida em que sempre se basearam na destruição e nunca na construção ou reconstrução" (1986:7) É uma consideração bastante pertinente à análise de qualquer sistema carcerário. A estratégia da vigilância e punição da CPF produzem uma forma negativa e falsa de viver; as mulheres precisam escapar da punição e da vigilância.

A CPF guarda alguma semelhança com as primeiras etapas do regime penitenciário. As celas individuais das detentas são uma continuação das celas monacais e o ambiente religioso convida à penitência e ao arrependimento.

No que tange à sexualidade, a mulher presa em Pernambuco é claramente discriminada, pois não faz jus ao direito que tem às "visitas íntimas", por falta de condições institucionais. De qualquer forma, o "descuido" do Sistema Penitenciário de Pernambuco pela sexualidade das mulheres presas é parte integrante de seu projeto punitivo e da desconsideração mais geral para com a sexualidade feminina. Neste sentido, cabe a referência de Edilene Queiroz

que aponta o corpo da mulher, como alvo de maiores tabus que o homem:

"O corpo da mulher, como lugar da fecundação, abriga forças da natureza que precisam ser controladas" (1987:35).

A CPF escuda-se no fantasma da gravidez para, juntamente com outros preconceitos moralizantes, descartar a viabilização das "visitas Intimas".

#### A APROPRIAÇÃO SOCIAL E INSTITUCIONAL DO CORPO

"Estudar a apropriação social do corpo é estrategicamente importante para os cientistas sociais, uma vez que ele é, sem dúvida, o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui."

J. C. Rodrigues

As instituições refletem apenas o social quando se apropriam do corpo dos internados, porque a sociedade respalda-se nos saberes dominantes para manter os corpos dos indivíduos submetidos aos princípios que determina como ideais para todos. Os princípios de nossa cultura ocidental estão calcados no pensamento judaico-cristão acerca do corpo.

No século XIII São Tomás de Aquino, numa tentativa de corrigir os desvios do cristianismo provocados pelo pessimismo platônico e agostiniano, que vinha atuando na Igreja

desde o século IV, procurou conciliar a doutrina cristã com o realismo aristotélico.

O homem foi definido por Aristóteles como um animal racional, isto é, composto de corpo e alma, enquanto que para Platão ele não passava de uma alma que provisoriamente se encarna num corpo e que ele comparou a uma caverna escura, na qual a alma cai por desgraça. Desta forma, São Tomás resgatou o corpo humano, considerando-o uma parte essencial do homem e não apenas um instrumento de purificação para a alma durante o seu peregrinar nesta vida terrena.

Persistiu, no entanto, uma grande desconfiança da moral cristã acerca do prazer e da sexualidade. Manteve-se uma forma negativa de ver o corpo como inimigo, de mortificá-lo para extinguir nele o desejo, fonte do mal. Esse tropismo cristão, para o dolorismo e a aversão pelo prazer, tornou-se a base principal da repressão para com o corpo, que tem consequências irreparáveis para as questões de identidade pessoal.

Essa visão permeia a Instituição Total que destrói a individualidade, visando a submissão da pessoa ao sistema no qual está inserida. Nick Heather acredita que todas as instituições totais têm uma finalidade encoberta e não oficial:

"Destruir a identidade anterior do indivíduo e refazê-la num molde definido pela instituição"  
(1977:97)

é a expressão máxima de uma violência silenciosa, sem armas e sem açoites, mas que deixa sequelas irreversíveis.

Para tais objetivos, as instituições utilizam largamente os processos de massificação, de negação de si mesmo, de auto-anulação, de despojamento dos papéis, de mortificação dos corpos e até mesmo da modificação da aparência pessoal através do uniforme, do hábito religioso, dos fardamentos militares, da raspagem do cabelo, da tonsura sacerdotal e outras formas de discriminação. O corpo transforma-se num objeto caricaturado pela instituição.

Viktor Frankl descreve o ritual de entrada a que foi submetido ao chegar no campo de concentração:

"Depois, empurraram-nos para outro lugar, onde nos rasparam à navalha, mas não apenas as cabeças: não ficou um único pelo sobre os nossos corpos. ...Mal nos reconhecíamos uns aos outros... Enquanto aguardávamos a nossa vez, sentimos o que era a nudez absoluta, o não ter nada além do corpo (e esse mesmo totalmente privado de pelo). Possuíamos apenas a nossa existência literalmente nua" (s. d. pg. 24)

Nas prisões e nos manicômios os indivíduos são frequentemente expostos aos olhares dos vigilantes e ocasionalmente dos visitantes, como se fossem objetos exóticos. A invasão da privacidade é considerada na nossa cultura como uma das mais profundas agressões à dignidade humana. Uma detenta assim protesta:

" Nós somos presas, somos privadas de nossa liberdade, mas não somos privadas dos nossos direitos de pessoa humana, temos nossos senti-

mentos , temos nosso direito de pensar e ser o que realmente somos, isto quer dizer, individualidade, intimidade." Jane.

Na tentativa de impor ao indivíduo uma nova identidade, a Instituição atua diretamente sobre o seu corpo, embora seu objetivo seja a estrutura mental. A Bioenergética diz que

"... cada ser é o seu corpo" (Lowen, 1982:47) porque ele é o dado mais imediato da própria existência, e é por ele que começa identidade de cada um. É também pelo corpo, pelas vivências corporais, que se inicia o processo da perda de identidade.

O corpo detido sofre processos de adaptação aos novos códigos, única maneira para sobreviver institucionalmente. A experiência anterior de um corpo livre é confrontada com os limites impostos e a pessoa passa a viver uma nova experiência, a de um corpo institucionalizado, regulamentado, comandado nos seus gestos e necessidades. Um corpo como se não tivesse vida própria e que respira artificialmente pelos pulmões da instituição.

Ao chegar à CPF, o corpo da detenta é exposto, desnudado, revistado, perscrutado, cadastrado no ritual de entrada na instituição. Detalhes curiosos são registrados nas fichas pessoais, embora o modelo não o solicite (Vide anexo 14). Registram-se detalhes como: dentes ausentes, cor da pele, tipo e cor do cabelo, tipo do nariz, de orelhas, de

sobrancelhas, dos lábios, marcas, cicatrizes e tatuagens, uma espécie de retrato falado, modelo através do qual certamente a mulher será identificada, mesmo que mude de nome, modelo também que identifica a classe social a que pertence esta mulher. Não há identificação dactiloscópica, fotográfica, biométrica, epidêmico-sanitária. Não. Há uma exposição vexatória - é a punição primeira. É o início da grande submissão da qual só escapam os oriundos de uma classe econômica mais favorecida. As mulheres que têm algum dinheiro são poupadas destes exames minuciosos. Na **Revolução dos Bichos** (George Orwell, 1986), mesmo na sociedade igualitária, uns se tornavam mais iguais do que outros. A prostituta preta, pobre e viciada é humilhada, enquanto a cafetina branca, rica e igualmente viciada é assistida.

A condição do corpo institucionalizado é largamente analisado por J. Birman. Considera ele que, perdendo a condição de sujeito e reduzido ao estado corporal, o indivíduo é tutelado pela instituição como sendo portador de uma "minoridade social" (1980:19). É esvaziado de sua identidade e nesse esvaziamento os processos disciplinares institucionais tentam a composição de uma nova identidade. Dá-se uma apropriação institucional do corpo.

A importância de se estudar a apropriação social do corpo é realçada por J. C. Rodrigues, ao indicar o corpo como o mais natural e concreto patrimônio que o homem pos-

sui. Perder esse patrimônio, delegando à instituição o seu comando, é despojar-se da própria identidade. O Estado apropria-se do corpo do indivíduo para puni-lo, e no caso das mulheres presas em Pernambuco, o faz de modo discriminado, ao não oferecer condições para o exercício do direito que têm às "visitas íntimas". Além desse aspecto,

"...a sociedade projeta (sobre o corpo) a fisionomia do seu próprio espírito" (1983:62).

Os corpos das mulheres da CPF trazem reflexos dessa "fisionomia" da sociedade. Embora as fichas individuais sejam muito pobres, há uma avidez pelo registro do bizarro, do exótico, das patologias perigosas comuns na maioria do grupo. Não há registro do estado geral, das condições de saúde, e sim um mapa de seus corpos sofridos, contados em cada marca, cicatriz, lesão ou tatuagem de seu corpo. Dados destas fichas mostram alguns aspectos da fisionomia da sociedade em que vivem as mulheres:

1. Corpos marcados pelo sofrimento e pela violência. Há registros de cicatrizes de balas, de peixeiradas, de lesões adquiridas pelo uso do Algafan,<sup>1</sup> de defeitos físicos e sequelas de maus tratos.

2. Indicadores culturais da classe à qual pertencem. Trazem gravados nos corpos o nome ou as iniciais da

---

1. Em uma pesquisa realizada em 1987, Janirza C. Rocha Lima diz: "No Recife Metropolitano, grupos de farmacodependentes de maconha descobrem as propriedades narcóticas do Cloridrato de Destropropoxifeno - conhecido comercialmente como Algafan Composto - passando a incorporá-lo à sua dependência" (1987:7), e documenta extensivamente as lesões que deixa nos corpos dos usuários.

pessoa amada, e tatuagens as mais diversas, feitas sem esmero técnico nem requintes.

3. Indicadores raciais de sua classe. Predomina na CPF uma "morenidade" acentuada. As fichas individuais registravam em 6.1.88 o seguinte quadro

10 brancas

08 negras

07 pardas

24 morenas.

Esta é também a realidade racial encontrada nas classes sociais mais pobres. Este corpos são facilmente identificados, em sua "morenidade", pela polícia como passíveis de suspeita. Uma detenta expressou, certa vez, que

"O corpo do negro é um corpo perseguido."

Ser negro e pobre, segundo algumas delas, é motivo bastante para suscitar as desconfianças e perseguições da polícia.

O modelo anatomico da classe dominante é o corpo branco do burguês, com sua pretensa superioridade racial e cultural. Neste sentido, Heleieth Saffioti, em seu livro **O Poder do Macho**, defende a tese de que o poder é macho e é branco. (1983).

O corpo da mulher detida é acintosamente desrespeitado pela polícia machista e pelos agentes das delegacias. Ao chegar à CPF muitas mulheres têm o corpo marcado por inúmeras queimaduras com pontas de cigarro.

Algumas referem que, antes de chegarem à delegacia, foram levadas para os matos e sob a mira de um revólver tiveram que satisfazer sexualmente os policiais de todas as formas por eles desejadas.

Os corpos destas mulheres registram histórias repressivas que vêm quase sempre desde os maus tratos na infância, na vida conjugal, nos ritos policiais e no cotidiano opressor da CPF. Ultrajado e por vezes desfigurado, esse corpo é despojado de identidade e cidadania.

A apropriação do corpo da mulher, pelo social ou pela instituição, tem sido a forma básica de oprimi-la na sociedade e de modo especial na prisão. Por essa apropriação o indivíduo perde sua condição primeira de identidade e é submetido. A CPF é um coletivo desses corpos submetidos, mas a identidade pessoal de algumas mulheres subsiste à custa de furtivas transgressões. A transgressão é a não submissão, e no caso da CPF, é a forma de ser, de afirmar-se como sujeito.

#### SEXUALIDADE E ESTRUTURA FAMILIAR

Pergunto onde acontece, na prática, a repressão sexual, quem repassa em primeiro lugar o controle social da sexualidade, e penso que a estrutura familiar patriarcal é o lugar por excelência da reprodução do processo repressivo. A família funciona como a instância repressora externa, con-

duzindo suavemente o processo internalizador de proibições e punições da sociedade. Considero alguns modelos de estrutura familiar, destacando os papéis desempenhados por machos e fêmeas e destaco alguns aspectos negativos da nossa estrutura familiar patriarcal.

Robin Fox, estudando as condições da evolução sexual, defende a tese da supremacia do biológico sobre o cultural, para explicar as diversas estruturas da organização familiar humana. Partindo do princípio de que a primeira forma de reprodução foi assexuada, resta explicar a predominância da reprodução sexuada. A causa mais provável deste fenômeno pode ter sido o aumento da variação genética que permite uma maior capacidade de adaptação ambiental, o que não ocorre, por exemplo, na reprodução por cissiparidade, pela qual o indivíduo apenas se repete tendendo a desaparecer quando o ambiente se torna hostil à sua estrutura biológica (Robin Fox, 1986:9 e passim).

A predominância da reprodução sexuada teve que vencer a dificuldade gerada pelas necessidades de contato entre os sexos com a frequência mínima que permitisse a troca do material genético.

Tornou-se ainda necessário que um dos sexos assumisse a responsabilidade da gestação.

"Habitualmente é a fêmea que se encarrega da gestação e que assume os cuidados dispensados à prole: a fêmea sozinha, a fêmea em conjunto com

outras fêmeas, a fêmea e o macho inseminador, ou ainda grupos de machos e fêmeas, sem contar com outras combinações possíveis" (R. Fox, 1986:10).

A unidade básica da família seria constituída pela mãe e sua progenitura dependente, em oposição às categorias culturais que partem do núcleo pai, mãe e filhos, reproduzindo o ser humano no interior da sua espécie as variações encontradas entre os mamíferos. A permanência do macho depende da sua necessidade e utilidade para os cuidados da prole.

Na seleção dos machos pelas fêmeas prevalece a astúcia na busca da alimentação. A invenção das armas facilitada pelo bipedismo e a consequente liberação das mãos, aliada a um maior volume cerebral, compensam vantajosamente a fragilidade física dos homínidas.

Segundo Robin Fox,

"Do ponto de vista das fêmeas, a transformação essencial residiu na divisão do trabalho imposta por este novo modo de vida, a caça. Essencialmente os homínidas produziram o alimento vegetal - destinado à dieta onívora - e dependiam dos machos para a carne" (1986:19 e 20).

As fêmeas além da coleta e preparação dos alimentos vegetais precisam cuidar das crianças.

O autor acredita que o modelo de base, que é a relação mãe-filho, tende a reaparecer como se pode constatar pelo aumento crescente da gravidez entre adolescentes, pelas

taxas de divórcio e pelo movimento feminista. Questiono se se trata de reaparecimento ou de permanência do modelo, que recebe feições diferentes. Talvez seja isto o que ocorre com as famílias do bairro dos Coelhos (Recife), estudadas por Russell Parry Scott - uma outra feição desse mesmo modelo familiar. Sobre estas famílias diz Scott:

"Na família favelada a presença da casa chefiada pela mulher é notória. A pobreza, a incerteza do ganho e o desemprego sempre têm alguma contribuição para afastar os homens da casa. ... Não fica claro se o homem abandona a mulher ou se é ela que o expulsa de casa. São muitas mulheres "chefeando" casas onde o homem tem uma participação truncada" (1986:).

Permanece na base do modelo, a relação mãe-filho, mas o homem que já não sustenta a casa e dá trabalho, torna-se dispensável. Não se trata de reaparecimento, posto que a relação mãe-filho sempre se manteve.

Do ponto de vista cultural, a análise da sexualidade pode partir, em primeiro lugar da visão de Edgar Morin, para quem o ser humano não é uma ilha, mas uma península profundamente enraizada na natureza. A interação entre a natureza e a cultura é uma constante e a Antropologia não pode definir exatamente quando termina uma e começa a outra. Diz o autor:

"Os sinos dobram por uma Antropologia reduzida a uma tênue faixa psicocultural flutuando como um tapete voador sobre o universo natural" (1975:199).

Em segundo lugar, pode partir da constatação de que, entre os seres humanos, o sexo jamais é vivido apenas em sua dimensão biológica. Nas diversas culturas o sexo é a área básica em torno da qual se construíram códigos sociais e morais e se organizou a sociedade. Freud inscreve a questão da origem da cultura na proibição do incesto, que naturalmente desencadearia as normas e as leis primordiais da organização social humana (Freud, 1967, pgs 511 e passim).

Mas as culturas variam muito quanto ao grau de aceitação ou repressão da sexualidade. Currier faz uma classificação das culturas em quatro categorias:

1. Culturas sexualmente repressivas - que negam a sexualidade, condiderando o sexo como uma área muito perigosa do comportamento e valorizando a inatividade sexual. O prazer sexual não é valorizado e o sexo visa apenas a reprodução.

2. Culturas sexualmente restritivas - que colocam limites em relação à sexualidade. A castidade pré-matrimonial é exigida, pelo menos para um dos sexos, com liberdade sexual para o outro sexo. O prazer sexual é mais valorizado pelo sexo que desfrutou maior liberdade sexual no início da vida. O sexo é temido. Esse tipo de cultura é predominante entre os povos civilizados.

3. Culturas sexualmente permissivas - tendem a tolerar a sexualidade. Aos adolescentes de ambos os sexos é

geralmente concedida liberdade sexual antes do casamento. O prazer sexual é valorizado, considerado como normal, natural e inevitável na vida humana.

4. Culturas corroboradoras quanto ao sexo - tendem a cultivar a sexualidade. O sexo é considerado indispensável à felicidade humana e a experiência sexual precoce é vista como uma aprendizagem natural. O prazer é altamente valorizado por ambos os sexos e a falta da gratificação sexual é intolerável. Os Trobriandeses e os Muria<sup>1</sup> são exemplos desse tipo de cultura.

Currier diz também que as culturas tradicionais européias eram repressivas ou restritivas e que

"... a Inglaterra Vitoriana, que representa o seio da tradição para a maioria dos povos de língua inglesa, desenvolveu uma das culturas mais repressivas quanto ao sexo, da história das civilizações" (1984:13).

A visão judaico-cristã da sexualidade, que impregna nossa cultura, tem ramificações nessa era vitoriana de repressão ao sexo.

Embora Robin Fox tenha evidenciado a estrutura familiar básica como sendo constituída pela mãe e sua prole, e na atual família patriarcal se revelem aspectos de matriarcalidade ou pelo menos de matrifocalidade, o que se observa na civilização contemporânea ocidental é o patriarcalismo e seu esquema de dominação, calcado no mito da su-

---

1. Povos tribais não hindus da Índia Central.

perioridade e racionalidade masculina. Dessa forma a estrutura familiar patriarcal é a base sobre a qual se alicerça a repressão contra a mulher e sua conseqüente inferiorização. Nessa estrutura alienante, a mulher tem sido na prática uma propriedade

dos pais enquanto solteira;  
do marido , após o casamento;  
dos filhos pelo resto da vida.

A palavra família tem sua origem no latim arcaico e recebe a curiosa significação de "conjunto de escravos", sob o poder de um mesmo senhor. "Famulus" é "escravo", "família" é o plural "escravos" (in Nunes, 1987:95). Retrata bem o termo, o que tem sido a família patriarcal: o locus da dominação masculina. Embora Robin Fox mostre a relação mãe-filho na base da estrutura familiar, o patriarcalismo investiu o homem da máxima autoridade considerando ele o "provedor". Nas feições atuais do modelo familiar, em que o homem quase não sustenta mais a casa, como ficara essa autoridade?

A estrutura familiar das mulheres que estudo não foge a este modelo. Embora muitas alimentem o sonho de ter uma família constituída dentro dos padrões e modelo vigentes, a maioria tem de arcar com o cuidado dos filhos, sem contar com o apoio do marido provedor. Por outro lado, a relação que tiveram com sua mãe quando criança foi quase sempre dificultada pela pobreza e marcada pela repressão e moralismo. Muitas tiveram de fugir de casa, em busca da "li-

berdade" que desejavam. Para algumas o "fugir de casa" foi o grito de revolta contra a repressão vivida no ambiente familiar. Para outras, a forma de viver a própria sexualidade, mesmo de forma precipitada ou por vias pouco desejadas.

Nessa análise concordo com a visão de Robin Fox de que a relação mãe-filho é a base da estrutura familiar. Essa relação é fundamental à formação da família e também da sexualidade nela desenvolvida. A mãe é a repassadora primeira das normas e conceitos que a sociedade e seu povo tem sobre o corpo e a sexualidade.

Essas concepções, em nossa cultura, têm raízes na visão cristã da sexualidade.

#### O IDEAL CRISTÃO DA CASTIDADE

" Não apenas o prazer não é meta lícita nas relações sexuais, mas quando intervém entre cônjuges, eles transgridem as leis do matrimônio."

Gregório, o Grande

A repressão sexual da estrutura familiar patriarcal e da estrutura religiosa da CPF respaldam-se no ideal cristão da castidade, como um bem maior, do que na vivência da sexualidade mesmo dentro do cenário legitimado

ideal cristão da castidade, como um bem maior, do que na vivência da sexualidade mesmo dentro do cenário legitimado para o sexo, o casamento monogâmico e procriativo. Mesmo aí, o sexo é alvo de suspeitas e a virgindade e a castidade se constituem em ideais cristãos. A virgindade pré-nupcial é uma exigência para as mulheres e desejável para os homens, o que dá origem à dupla moral sexual desta civilização. O fato é que nessa tradição, segundo Gregersen,

"Virgindade por toda a vida é defendida como uma possível carreira sexual - e reconhecida como espiritualmente mais elevada do que a vida de casado..." (1983:12).

A exaltação da virgindade/castidade leva o papa Gregório a estabelecer que:

" O prazer carnal não pode, de maneira alguma, estar destituído de culpa." Regra Pastoral III, 27 (in Lepargneur, 1985:9).

Foucault aponta raízes mais profundas da visão ocidental da sexualidade humana em o **Combate da Castidade** (1986:25 e passim). Ele recupera a análise que Cassiano faz da "fornicação" como um dos oito espíritos do mal, e por ele assemelhada à "gula" posto que ambos são vícios "naturais". Segundo Cassiano, porque a fornicção tem raízes no corpo, terá de ser vencida, submetendo-se este corpo a mace-rações, mortificações, vigílias, jejuns e muito trabalho.

Na divisão que Cassiano faz do vício da fornicção são encontrados três aspectos:

1. A junção dos dois sexos que ele chama de "for-nicacio".

2. A impureza que ele chama de "immunditia".
3. A libido que evolui nos "vincos da alma".

Como Cassiano escreve para monges, centra a análise do problema nos dois últimos aspectos e traça o caminho ascético que os conduzirá ao mais elevado grau de castidade, por um processo que contém diversos estágios. Embora privilegie os dois últimos aspectos, Cassiano não deixa de alertar para o perigo das relações e diz:

"Que ninguém, sobretudo entre os jovens, fique com um outro, ainda que por pouco tempo, ou se afaste em sua companhia, nem se dêem as mãos." (1983:30).

Essa é também uma norma explícita na CPF. Uma mulher não pode ficar a sós com outra, devendo a vigilante afastá-las, de certo também para prevenir a fornicação.

Foucault mostra porém que, segundo Cassiano, o alvo no combate à castidade não é a ordem da relação, mas o fazer progredir a castidade, único meio de apagar o espírito de fornicação. Esse progresso se dá pela economia dos prazeres, e no guiar o movimento do pensamento que induz os movimentos do corpo. A meta a conquistar é o controle perfeito que o indivíduo deve adquirir sobre os sonhos e imagens a ponto de garantir até a eliminação da poluição noturna.

Entra em jogo, segundo Foucault,

"... toda uma técnica para analisar e diagnosticar o pensamento, suas origens, suas qualidades, seus perigos, seus poderes de sedução, e todas as

forças obscuras que podem se ocultar sob o aspecto que ele apresenta" (1983:37).

O que se quer é a eliminação do impuro através de

"... uma vigilância que jamais se desarma, uma suspeita que se deve ter, por toda a parte e a cada momento, sobre si mesmo ... de modo a dessemboscar tudo o que de "fornicação" secreta possa se ocultar nos mais profundos vincos da alma" (1983:37)

Embora pareça bizarra a visão de Cassiano, e artigo de museu, sua preocupação com a "fornicação", "immunditia" e "impurezas", a administração da CPF, nos tempos atuais, tem a real preocupação com a prevenção destes "males", através de uma vigilância contínua, e uma vida permeada de orações.

Estes princípios estão na base do pensamento judaico-cristão que marca nossa cultura ocidental e com maior força a congregação religiosa do Bom Pastor, cujo carisma é a "Salvação das almas" ou seja, o resgate da mulher transgressora dos princípios morais e cristãos da sexualidade. Por isso o corpo das mulheres presas, já cerceados pelos limites físicos dos muros que as retêm, é vigiado, trabalhado, controlado e ocupado na perspectiva de transformarem o espírito. Orações frequentes, missa dominical e preleções completam a tarefa apostólica de subordinação do corpo para que o espírito se eleve. O modelo ascético vivido pelas Irmãs com seu ideal de castidade, é de certa forma implantado na comunidade carcerária que sobrevive como pode à

privação da vida sexual.

Muitos sentimentos humanos são descuidados na tarefa de gerar a ordem e a submissão. A amizade é desencorajada na CPF para prevenir o homossexualismo e a "fornicação", mas de certo também para evitar a coesão grupal e para impedir o surgimento de lideranças. A consequência disso é naturalmente o estímulo à delação, por parte de quem pretende alguma atenção especial da direção, a intriga que dá sabor amargo à convivência na comunidade.

O ideal cristão da castidade com a consequente mortificação do corpo, produz uma ambivalência no pensamento ocidental, que passa a procurar a felicidade numa outra vida, desprezando a vida terrena e seus prazeres.

A visão hegeliana da consciência infeliz explicita um pouco dessa ambivalência e ajuda a esclarecer como a direção da CPF em sua especificidade de ser religiosa, lança mão de certas concepções e ações para controlar as detentas, num exercício cotidiano de infelicidade sob a promessa de uma vida eterna feliz.

Diz Hegel:

" A consciência infeliz, que na Fenomenologia encontra a sua encarnação histórica no judaísmo e em uma parte da idade média cristã, é, com efeito, a consciência da vida como a infelicidade da vida" (in Hyppolite, 1971:24).

É pelo convite ao desprazer, pela tentativa de evitação do pecado sexual, pelo tropismo cristão para a dor e para a punição, que se gera na CPF, esperança de felicidade. São traços da consciência infeliz porque se constituem metas de conquista de uma outra vida, metas de regeneração, de salvação.

A expressão da consciência infeliz na CPF é mais um elemento esclarecedor do processo que intensifica a repressão na instituição. Essa repressão é mais nítida quanto à sexualidade, posto que, mulheres com propostas de vida casta, coíbem a sexualidade de outras mulheres consideradas pecadoras.

Essa aversão ao prazer e o tropismo cristão para a dor, desenvolve em algumas mulheres a culpabilização do próprio desejo que deixa de ser meta de felicidade, de bem estar para tornar-se fonte de inquietação e ambivalência.

#### A ANTI-SEXUALIDADE

" É provável que o poder econômico e sociopolítico tenha se unificado ao religioso no esforço de realizar uma sociedade sexofóbica."

M. Bernardi

O ideal de castidade e a consciência infeliz, que permeiam o pensamento ocidental cristão, contribuíram para

que se desenvolvessem na sociedade atitudes anti-sexuais, de negação do prazer como valor humano, que nem mesmo no casamento devia ser consentido. A duas categorias de pessoas, sobretudo, a sexualidade é negada: às crianças, sob a alegação da virtude da pureza, e à mulher destinada ao marido e à maternidade. A fetichização da pureza/maternidade, em nossa cultura, deixa a mulher em estreitos parâmetros de vivência de sua sexualidade.

A anti-sexualidade desenvolve-se através do direcionamento da sexualidade para o casamento e para as funções reprodutivas, justificando seu controle pela instituição para garantia dos costumes vigentes. Sendo o casamento o único espaço legitimado para a vivência sexual, impõe-se a auto-repressão para os que não estão casados, ou estão em regime de internato: os jovens, os presos, os religiosos, os solteiros e os viúvos. Marcello Bernardi considera que a dessexualização das crianças e dos jovens é importante para uma sociedade conservadora, porque,

"Destruída a idéia do prazer, é fácil impor a idéia do dever. Isto é, do sacrifício, da obediência, da disciplina, da resignação" (1985:17).

O controle da sexualidade na CPF tem essa tônica; a "reabilitação" é tentada quase exclusivamente através do controle, como se as boas ações pudessem fluir naturalmente a partir da sexualidade regulada, interditada, administrada dentro dos parâmetros dos "bons costumes". Ela seria justificada somente para a procriação, mas na CPF também a gravidez é temida pela direção.

A produção da anti-sexualidade na coletividade não existe por acaso; ela faz parte de um projeto maior. Para Bernardi,

" É provável que o poder econômico e sócio-político tenha se unido ao religioso no esforço de realizar uma sociedade sexofóbica" (1985:57).

O autor acredita que o sistema patriarcal sexofóbico está sustentado em três pilatras:

1. A História, que evidencia o homem, o patriarca, como herói e que se constitui no melhor fundamento cultural para a manutenção do sistema autoritário e repressivo.

2. A instituição, instrumento largamente utilizado pelos planejadores da repressão sexual.

3. O trabalho, enquanto dever, enquanto "princípio de realidade", em oposição ao prazer. Daí, segundo Foucault, a importância de tornar o corpo detido, "submisso e produtivo".

A CPF parece coroar esse esforço repressivo de projeto social de controle da sexualidade:

- mulheres carcereiras de outras mulheres referendam o sistema autoritário e repressor do patriarcalismo vigente.

- a instituição com seus princípios religiosos é utilizada para reprimir com suave eficiência.

- falsas ocupações mantêm os corpos detidos apenas submetidos.

O projeto de dessexualização atinge o ser humano numa dimensão muito particular - o seu erotismo, no sentido

em que Bataille o considera - como um aspecto da vida interior humana, porque embora a pessoa busque fora o objeto.

"... este objeto responde a interioridade do desejo" (1987:101).

É tão profunda a dimensão erótica do ser humano que isto o diferencia do animal.

"O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão." ( ídem).

Neste sentido Bataille coloca a atividade sexual humana longe da simplicidade animal e anuncia:

"Ela é essencialmente uma transgressão" (1987:101)

As reflexões de Bataille e de Bernardi apontam uma dimensão muito temida da sexualidade que é seu caráter subversivo, perigoso, porque ela é transgressora e inimiga de toda forma de poder. É um perigo real para a ordem estabelecida da sociedade patriarcal, assentada no poder do macho adulto. Neste sentido diz:

"O livre fluir da sexualidade, que é a procura de prazer e amor, é inconciliável com a opressão com a disciplina militarista, com as renúncias em nome da permanência das instituições, com o ódio, com a perseguição à conquista" (1985:34).

A sexualidade na CPF encontra obstáculos, que são tecnicamente pensados e religiosamente instituídos, para prevenir a subversão da submissão pelo prazer, da ordem pelo pecado, perigo maior para o projeto de "salvação das almas". Neste sentido ela não apenas reproduz, mas intensifica a repressão sobre a sexualidade da mulher, a "ovelha desgarrada" a Eva periculosa, que precisa ser redimida.

Um dos frutos da dessexualização é a vivência do medo que a pessoa experimenta ante a própria felicidade e a ambivalência face à situação de prazer e desprazer. A religião propaga fortemente a visão deste mundo como "um vale de lágrimas" e o sofrimento é mostrado como o meio natural de expiação e prevenção do mal original de que se é portador.

Bernardi acredita que a tendência não é de superação do conflito, mas de adaptação à situação. Segundo ele, esta adaptação é a causa primeira da doença de nossa civilização, pois concordar com a realidade como ela está já é o sintoma. Para ele:

"A adaptação a uma condição contraditória e frustrante, mobiliza no indivíduo a angústia" (1985: 125).

A Instituição Total trabalha pela adaptação do indivíduo à situação.

Freud vê também nessa adaptação, via repressão dos instintos, o caminho para a neurose. Na **Introdução à Psicanálise - Teoria Sexual**, ele chama a atenção para a importância da satisfação das necessidades sexuais como condição de se evitar a formação de neuroses. Considera igualmente que é limitado o grau de insatisfação da libido que o ser humano pode suportar. Freud e Bernardi parecem concordar que a repressão sexual, a anti-sexualidade constitui uma doença coletiva, que é tanto maior, quanto mais intensa for a pressão anti-sexual. Essa intensidade é óbvia no contexto institucional e religioso da CPF.

Bernardi lamenta ainda que o ser humano trabalhe incansavelmente para um "progresso" que não lhe traz alegria. A repressão que comanda esse "progresso" apresenta-se como benéfica, portanto necessária, mas não se tem dúvida de que ela conduz também a um processo mórbido. Na CPF, a repressão conduz a um processo que é considerado "desviante" de vivência da sexualidade. O processo de desprazer na CPF reflete o tropismo cristão para a dor, como dimensão ascética e regeneradora.

#### SEXUALIDADE E GENITALIDADE

O processo mórbido da sociedade tem como um dos saldos a ausência de uma linguagem para a sexualidade. Há de um lado a linguagem depreciativa, estigmatizada, estereotipada, os eufemismos<sup>1</sup> de outro lado, a linguagem controladora, avaliadora do sexo como perigoso e pecaminoso, e por fim a linguagem técnica, científica e fria. Falta-nos uma linguagem humana, da sexualidade que reúna dimensões afetivas e significativas. Por vezes são os poetas que dela se aproximam. Muito apropriadamente diz Nunes:

"Sem reduzir a um subjetivismo radical, há na sexualidade humana uma intimidade tal que escapa a qualquer racionalismo mais comprometido com os discursos do poder. É preciso fazer a arqueologia do silêncio, observar os mecanismos da

---

1. Os Eufemismos Sexuais foram largamente estudados por Edilene Queiroz em dissertação de mestrado em Antropologia, UFPE, 1987, sob o título **Tabus Sexuais e Eufemismos**.

constituição da "normalidade" e ao mesmo tempo ter elementos críticos para a sedução do consumismo hedonista" (1987:16).

É comum a confusão que existe entre os termos sexualidade e genitalidade, isso porque lamentavelmente nossa cultura ocidental genitalizou a sexualidade.

Aproprio-me da distinção feita por Bernardi que entende por sexualidade

"... a procura do prazer numa relação de amor " (1985:114).

Essa busca do prazer é encontrada na pessoa em todos os estágios de seu desenvolvimento: na sucção do seio materno pelo recém-nascido, na inquietação do adolescente e no simples olhar de um adulto que vivencia uma relação de amor fugaz e passageira, e nas carícias e companheirismo das pessoas idosas. A sexualidade é uma dimensão profunda, característica do ser humano, pois somente ele é capaz de amar. Desta forma,

"... até o puro pensamento, o sonho e o desejo, estariam todos na área da sexualidade enquanto veículos de prazer inseríveis na vivência de uma relação amorosa" (idem).

A sexualidade envolve a pessoa por inteiro em toda a sua vida e não se esgota na genitalidade.

A genitalidade é definida por Bernardi como "... uma operação física estreitamente ligada ao uso dos órgãos reprodutivos, em si finalizada na procriação e não necessariamente inserida em uma relação afetiva" (1985:114).

Esta dimensão encontra-se na união de dois animais, ou seres

humanos indiferentes que se desprezam ou até mesmo se odeiam. A prostituição, os estupros e as relações conjugais mantidas sob dominação são exemplos deste ato de genitalidade que representa apenas uma dimensão restrita e mutilada da sexualidade.

O consumismo sexual é outra dimensão distorcida de vivência sexual. Sobre isso diz Nunes:

" O sexo é o objeto de consumo por excelência. Consumimos pessoas e coisas. A pornografia, o sexo objetual, é produzida e encomendada, os sex-shops, vibradores, sexo-em-grupo, novos estímulos, motéis, tudo isso criou uma quantificação da sexualidade, sem alterar qualitativamente sua significação" (1987:74).

Essa distinção entre sexualidade e genitalidade torna-se fundamental para a compreensão do que é vivido pelas mulheres da CPF. O contexto controlador ali existente não permite a vivência da genitalidade que é a grande interdita. Tudo é vivido no plano da sexualidade e parece não haver, por parte dos técnicos e da direção, a compreensão da intensidade com que esta dimensão é vivida pelas detentas. O controle e a repressão impossibilitam a genitalidade mas não destroem a sexualidade. Antes, pelo contrário, a aguçam. Esse aguçamento se dá no silêncio que desafia e desmascara o poder controlador da instituição e se constitui numa forma de contrapoder.

Utilizo nesta pesquisa o termo sexualidade em sua dimensão globalizante, não apenas regionalizada ou genitali-

zada, mas polimorfa e polivalente. Opera a nível biológico mas também no nível da fantasia, do sonho, tendo o desejo por substância. Expressa-se nas mais variadas formas de comportamento: os modos de andar, de ser, de brincar, de vestir, de olhar, de tocar, de conviver, etc.

#### RESUMINDO

Os aspectos abordados neste capítulo ressaltam o fato de que a repressão é um fenômeno geral da humanidade e das diversas culturas. Numa análise global, verifica-se que a repressão sobre a mulher incide no seu corpo e sobretudo na área sexual, alvos constantes da vigilância e dos controles sociais. Para que isto ocorra sem maiores transtornos, fizeram-na acreditar na sua inferioridade e, para isso, muitos discursos patriarcais argumentaram na direção de apontar a incapacidade feminina face à "natural" capacidade do homem, único ser criado à imagem e semelhança de Deus, conforme dizem Santo Agostinho e Santo Ambrósio:

" Esta imagem (de Deus) está no varão como criação única, origem dos demais seres humanos; ... " (in Boff: 84)

Destaco a importância do pensamento judaico-cristão nesta tarefa de submeter a mulher e sua sexualidade e particularizo o discurso bíblico como a raiz antifeminista básica que repercutiu enormemente na vida da Igreja, fazendo com que as coisas da fé, da comunidade, da ordenação ministerial, fossem da competência exclusiva dos homens. Desta

forma, a sociedade possui uma religião masculina, um saber masculino, e conseqüentemente um poder masculino. A relação homem/mulher, na história da humanidade, tem sido a relação do senhor e do escravo segundo a dialética hegeliana e não uma relação de pessoa para pessoa. Mas essa dialética possibilita a consciência de si que a mulher vem adquirindo.

Detenho-me mais na análise de dados históricos, que por vezes possam parecer bizarros e antiquados, mas o faço por uma necessidade imperiosa de identificar as influências do pensamento ocidental cristão, na condução do processo repressivo da sexualidade ainda vigente em nossos dias, particularmente na CPF. Enquanto instituição total e dirigida por religiosas seu contexto controlador tem marcas evidentes deste pensamento cristão que nega e culpabiliza a sexualidade.

A CPF tem uma administração religiosa, católica, que guarda estreita relação com os princípios visualizadores da mulher como um ser inferior e pecaminoso, e do sexo, como algo negativo e fonte de pecado a ser evitado. A proposta desprazerosa, casta e castradora da instituição pode ser entendida como parte do que Hegel chama de "consciência infeliz", posto que é na infelicidade desta vida (vale de lágrimas), pela mortificação, pelo desprazer, que reside a esperança de felicidade numa outra vida.

Embora a prisão não seja o único locus da repres-

são na sociedade, ela é percebida como o lugar onde as pessoas devem ser punidas, privadas da liberdade e do bem estar. Dessa forma, pode parecer " artigo de luxo" alguém preocupar-se com a repressão sexual que possa ocorrer numa prisão.

Contudo é isto que pretendo nos próximos capítulos: tentar a verificação empírica da reprodução desse movimento repressor, que provém da sociedade e da religião, e que se particulariza e se intensifica numa instituição total e sobretudo na CPF, com sua administração religiosa. Tentarei evidenciar como a junção da instituição total com o pensamento judaico-cristão negador da sexualidade, desenvolve contextos apropriados de controle e repressão, que permitirão confirmar a hipótese levantada.

A segunda parte deste trabalho é especificamente empírica: trata da vida das mulheres na CPF e suas formas de conceber e viver a sexualidade, mesmo controlada pela instituição. A etnografia da comunidade evidencia o cotidiano submetido à instituição e seus controles. A análise das histórias de vida, revela a sexualidade existente na instituição total de orientação cristã, que é a CPF.

## Capítulo Terceiro

A Colônia Penal Feminina  
do Bom Pastor.

## O CONTEXTO RELIGIOSO DA CPF. A CONVERSAO IMPOSTA

"O Senhor é meu pastor  
nada me pode faltar."

Sl.22

Neste capítulo objetivo desvendar a CPF em seu interior, em sua estrutura e em seu cotidiano. Busco as raízes históricas da instituição religiosa que a dirige e associo o carisma da Congregação de "salvar as almas" das mulheres, ao projeto ainda vigente de convertê-las, punindo-as e privando-as em sua sexualidade.

A CPF de Pernambuco funciona no espaço físico pertencente à Congregação do Bom Pastor e é dirigida por suas religiosas. Santa Maria Eufrásia Pelletier e São João Eudes fundaram em 1835 em Angers no nordeste da França esta Congregação com os objetivos de trabalhar pela recuperação moral das mulheres marginalizadas, sobretudo aquelas que se desviaram dos padrões cristãos, na vivência da sua sexualidade.

A analogia com a parábola evangélica do Bom Pastor, que reconduz a ovelha tresmalhada, indica o carisma da Congregação. Além dos votos de pobreza, castidade e obediência, que são comuns a todas as congregações religiosas, as Irmãs do Bom Pastor fazem um quarto voto que lhes é específico - o da "salvação das almas". Diz a fundadora:

"Pode-se dizer que o quarto voto, minhas filhas, constitui a essência de nossa vocação. É este voto, minhas filhas, que vos dá o entusiasmo, necessário para voar às paragens longínquas, a fim de conquistar as almas para Deus" (1977:57).

Na história da Congregação, a conquista das almas para Deus refere-se à reabilitação<sup>1</sup> das mulheres que tiveram sua "honra perdida" seja por vivências sexuais precoces, ou por se afastarem dos princípios cristãos do casamento religioso e monogâmico. É do conhecimento geral que a Congregação do Bom Pastor sempre cuidou de "mulheres". Na conotação popular, o termo se refere a pessoas que perderam a virgindade, ou que são pouco recomendáveis à convivência com "pessoas de família". É bem conhecido o estigma que pesava sobre o fato de alguém ser do Bom Pastor.

Não se tem conhecimento da existência de alguma congregação religiosa masculina preocupada com a recuperação moral dos homens decaídos, por suas vivências sexuais fora do casamento. Isto revela a discriminação sexual que pesa

---

1. O termo reabilitação aqui utilizado difere do termo usado tecnicamente em Direito. Na terminologia do BP, significa acima de tudo, a conversão da pessoa em seus princípios morais e religiosos.

sobre a mulher, nesta civilização que, na preocupação com a transmissão da propriedade privada a herdeiros de paternidade incontestável, controla a sexualidade da mulher, para fins reprodutivos. A dupla moralidade da civilização ocidental, que exige a castidade e a monogamia apenas para a mulher fica referendada por esta atividade das religiosas do Bom Pastor.

A CPF de Pernambuco insere-se no contexto apostólico da Congregação porque, no desejo de "conquistar almas para Deus", Santa Maria Eufrásia abriu espaços para o trabalho com as mulheres encarceradas em vários países. No Brasil, as Irmãs dirigiram penitenciárias femininas em diversos Estados. Dentro do processo de renovação da Congregação na América Latina, este trabalho foi questionado e, para não serem identificadas com o sistema punitivo do governo, as irmãs devolveram ao Estado estas instituições <sup>1</sup>. Convém salientar que as penitenciárias masculinas nunca foram dirigidas por padres.

A continuidade da direção da CPF em Pernambuco pelas religiosas está sendo justificada pelo fato de ter sido a penitenciária construída desde 1946, no terreno de propriedade da Congregação. O adiamento da solução deste problema revela uma certa cumplicidade entre Estado e a Congregação. Existe uma recíproca satisfação. Os técnicos e

---

1. Conforme documento do Encontro de Superiores Provinciais em Bogotá - março de 1984. (Em anexo)

funcionários consideram a CPF uma prisão muito especial porque as mulheres não apanham, não passam o dia presas na cela, não tem havido motins, rebeliões ou violência física como noutras prisões. No entanto, as mulheres presas expressam um desejo claro: que a penitenciária seja retirada do domínio das religiosas.

Enquanto se realizava esta pesquisa, as rebeliões nos presídios foram uma constante, tanto no Recife como noutros Estados brasileiros e em outros países. Constatei também o surgimento de algumas idéias geradoras de movimentos e mudanças, que não chegaram a se concretizar. Na CPF, a delação é certa e a falta de coesão grupal garante o fracasso de qualquer movimento. Além disso, a liderança prontamente identificada foi removida para o Manicômio Judiciário. Esta é uma das formas do trabalho repressivo e eficiente na CPF.

Comparada com as penitenciárias masculinas do Estado, a CPF é um lugar tranquilo para o Sistema Penitenciário de Pernambuco. A repressão ali exercida é bem mais eficiente do que a violência praticada nos presídios masculinos. Assemelha-se ao que diz Foucault quando trata da **Microfísica do Poder** :

"... sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo" (1985:218).

Os princípios religiosos e as proleções contribuem para o exercício da vigilância interior e da culpabilização.

O trabalho repressor produz uma aparente harmonia na CPF. Contudo, algumas mulheres chegaram a afirmar que preferiam ser espancadas pela polícia, de quem nada esperam, do que viver sendo humilhadas por freiras que se dizem pessoas de Deus.

Sabe-se, pela história, que os conventos foram usados para garantir a virgindade e a castidade feminina. Era lá que as mulheres aguardavam a oportunidade de um casamento, acertado por seus pais, ao preço de um bom dote. Após tantos movimentos de emancipação feminina, importa questionar se a custódia oferecida às detentas da CPF, pelas Irmãs do Bom Pastor, propõe a promoção da mulher, ou reforça o sistema patriarcal discriminador da sexualidade feminina, que ainda caracteriza nossa sociedade.

Ao situar a CPF no contexto apostólico do Bom Pastor, quis destacar a ação da Congregação sobre as mulheres e questionar até que ponto sua meta regeneradora não reforça a discriminação existente com relação à mulher, numa sociedade patriarcal, machista e opressora.

#### A ESTRUTURA DA CPF. A ORDEM ESTABELECIDADA.

"Cada etnografia é uma interpretação de somente parte de uma cultura"

Bohannan.

A estrutura da CPF deve ser compreendida no contexto maior da Superintendência do Sistema Penitenciário em Pernambuco (SUSIPE), órgão subordinado à Secretaria da Justiça do Estado que administra a política penitenciária proposta pelo Conselho Nacional de Política Penitenciária.

A SUSIPE apresenta em seus organogramas três subsistemas que integram a estrutura organizacional e funcional da Superintendência: (vide organograma)

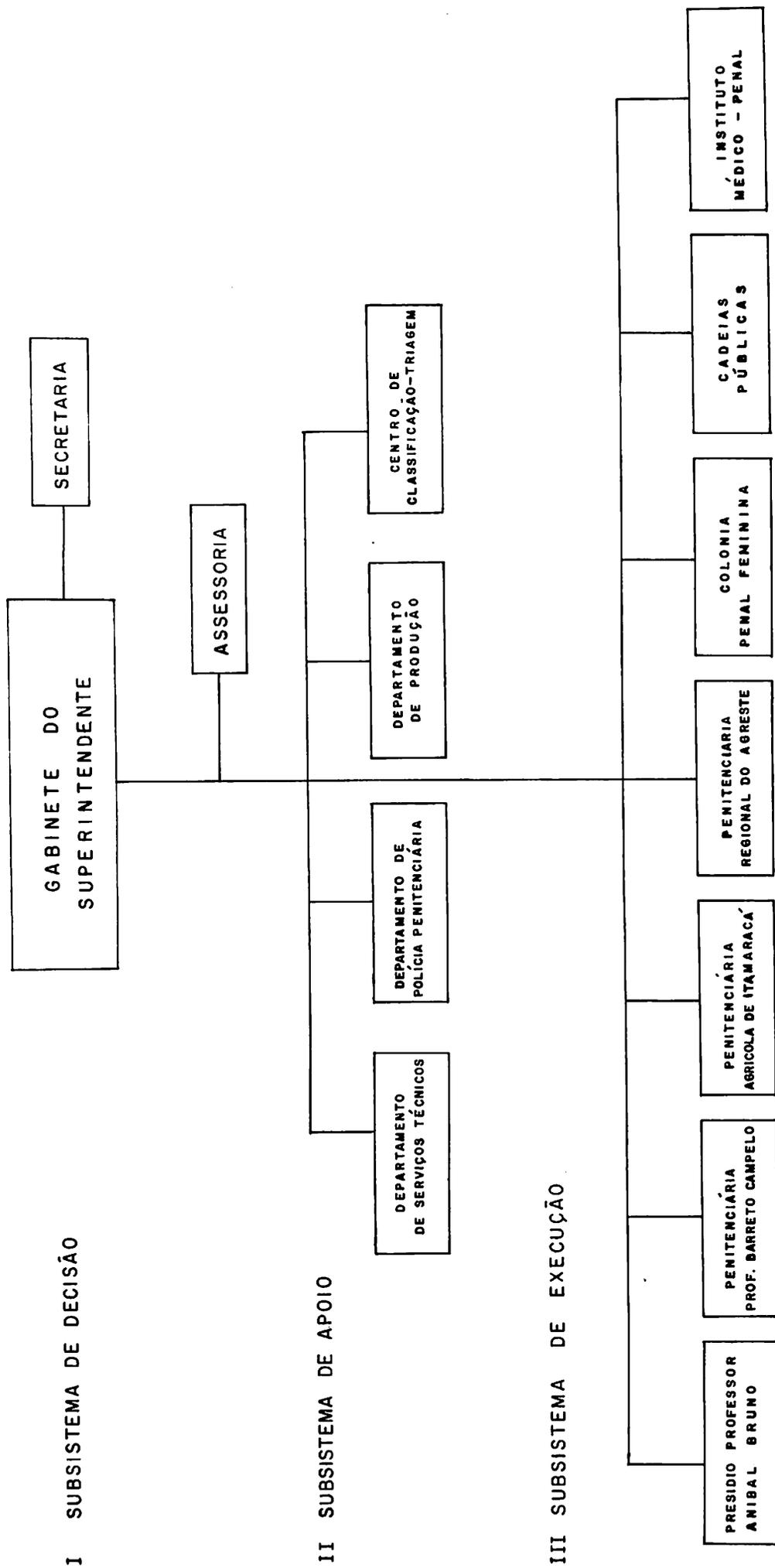
- Um subsistema de DECISÃO que é composto pelo gabinete do Superintendente, pela Secretaria e Assessoria.

- Um subsistema de APOIO contendo o Departamento de **Serviços Técnicos** (a CPF conta com 11 técnicos), o **Departamento de Polícia Penitenciária** encarregada da segurança interna das prisões (a CPF conta com 19 agentes penitenciários), o **Departamento de Produção** que atende as penitenciárias agrícolas de Itamaracá e Canhotinho, e o **Centro de Classificação e Triagem** onde se realizam os exames dos detentos antes de sua lotação nas diversas penitenciárias.

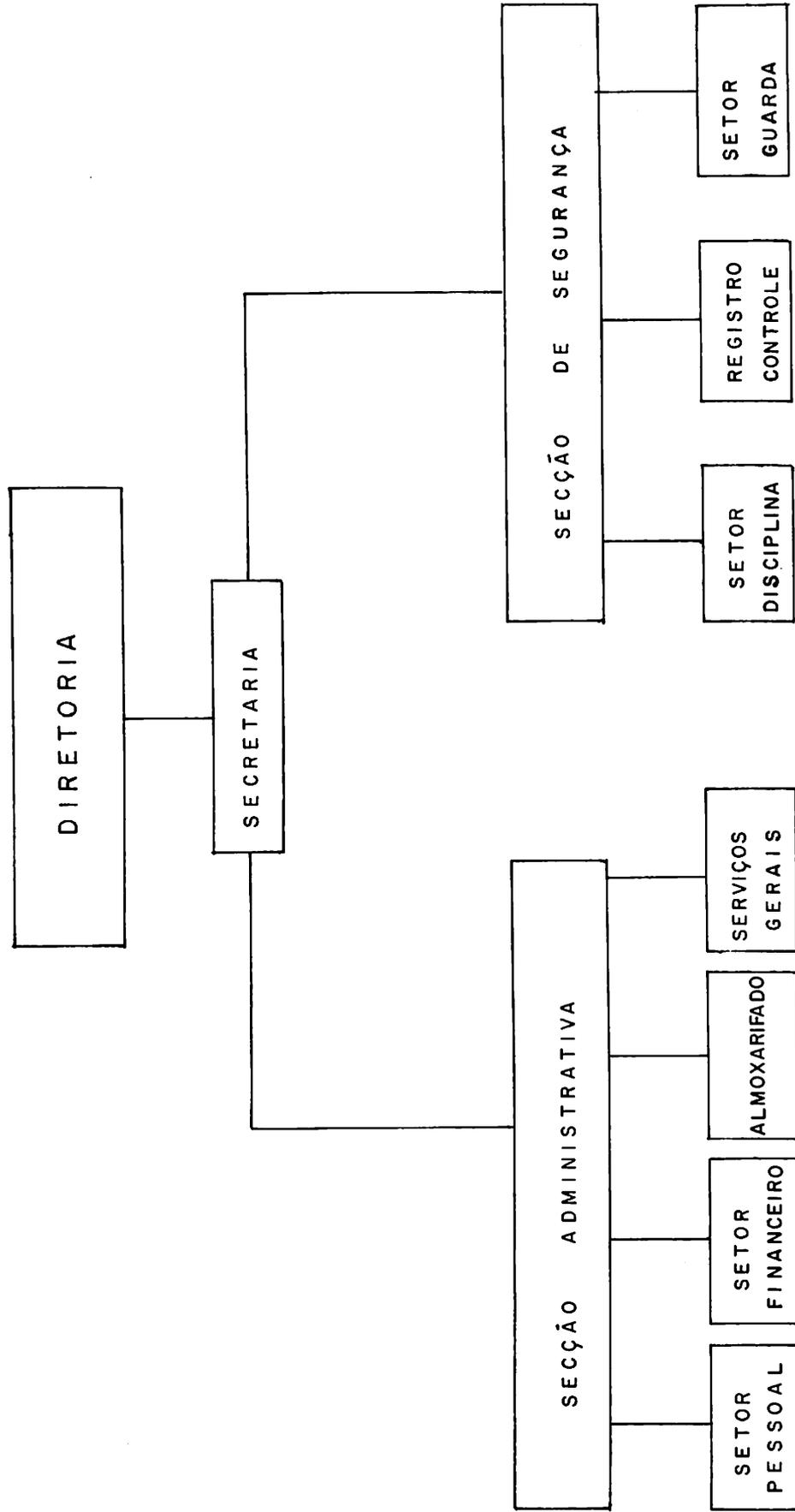
- Um subsistema de EXECUÇÃO que é integrado por quatro presídios masculinos, um feminino (a CPF) e um Manicômio Judiciário.

No bairro do Engenho do Meio, um alto e longo muro é a linha divisória entre a liberdade e o confinamento e indica a existência de duas grandes instituições: o convento e a prisão. Sob a proteção desse muro também se encontra um dos núcleos da FEBEM de Pernambuco. Esta simbiose do

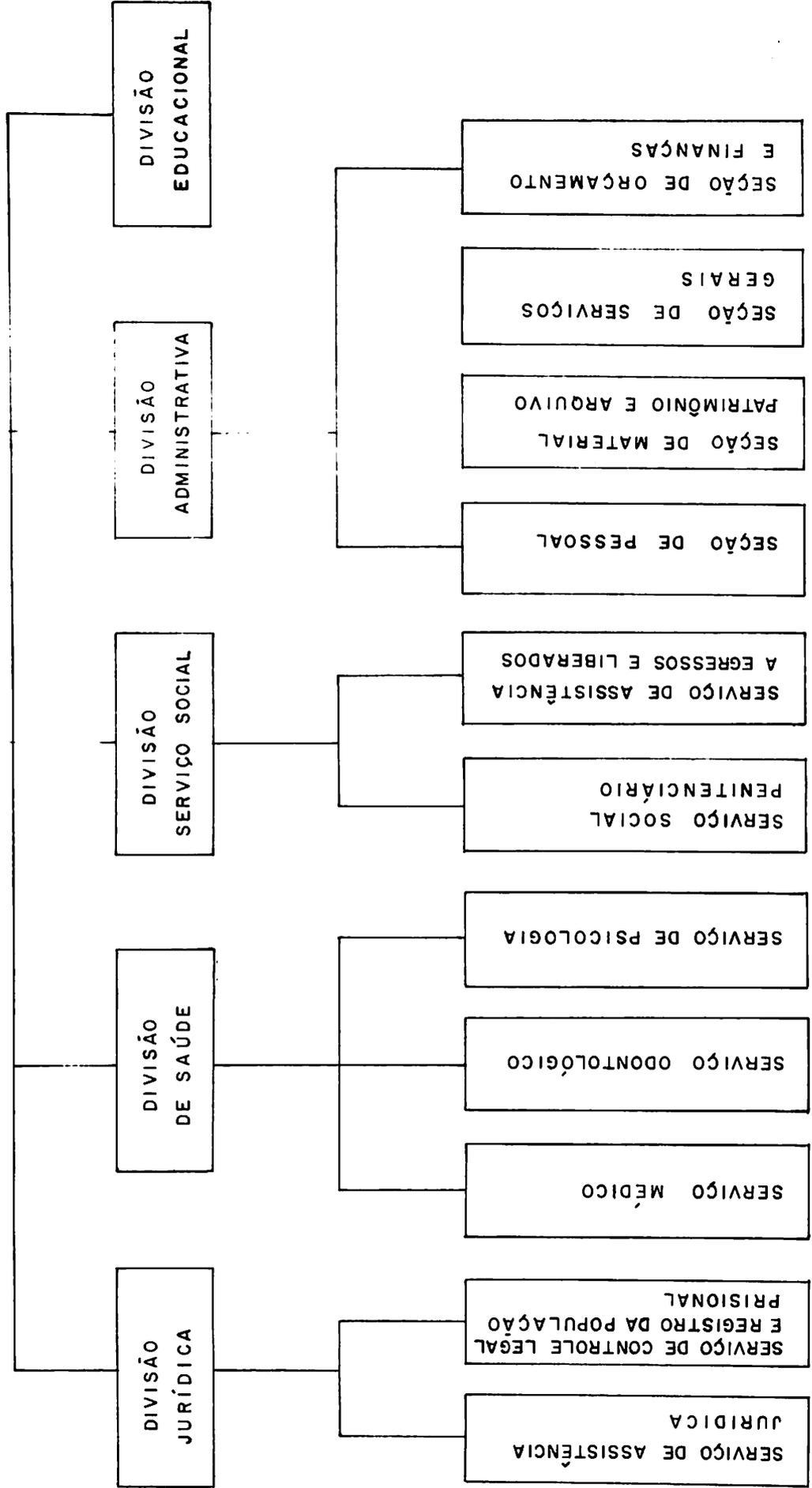
ORGANOGRAMA DA SUSIPE (1)



ORGANOGRAMA DA CPF



DEPARTAMENTO DE  
SERVIÇOS TÉCNICOS



convento e da prisão teve início no governo do Dr. Agamenon Magalhães em 1946. Por trás do mesmo muro, uma outra simbiose, mulheres e crianças, muitas vezes mãe e filho, vivem sua carreira moral de marginalizadas, numa junção simbólica muito forte, possibilitada pela convivência destas instituições.

A CPF é uma modesta construção, capaz de comportar cinquenta mulheres, embora ultimamente este número tenha sido largamente ultrapassado. A entrada principal é vigiada por policiais armados, em suas guaritas. Na portaria da CPF, num pequeno recinto contíguo às salas da administração e da direção, acomodam-se os vigilantes masculinos.

O ponto central da estrutura interna da CPF é um pátio retangular, ladeado pelas celas, pelo refeitório, pelas salas de aula e de visitas e pelos banheiros. O espaço é exíguo para abrigar o quantitativo de mulheres que para lá são levadas. Não havendo celas suficientes, as consideradas "bem comportadas" dormem num ambiente comum e atualmente começa o uso de beliches.

O cenário principal da vida, que ali se desenrola, é o pátio central ajardinado. Em meio às plantas, está uma grande imagem do Senhor Morto (vide anexo 2), com seu corpo chagado, uma lembrança constante para o dia a dia das mulheres, da meta redentora da instituição religiosa que as guarda.

A decoração da sala de visitas se caracteriza por um excesso de motivos religiosos, como se pode observar nas fotos em anexo. Na parede principal está um crucifixo, ladeado pelos quadros de Jesus e de Maria e no fundo da sala outras imagens de Jesus e Maria ornamentadas com vasos de plantas. Nas paredes laterais estão os quadros do Cristo sentado à beira do lago e de Maria Madalena, chorando aos pés do crucificado, um símbolo bíblico da mulher arrependida dos seus pecados sexuais.

O quadro de Maria Madalena tem um significado especial nesse contexto, pois a congregação, na sua ação apostólica e redentora, criou o instituto das "Irmãs Madalenas" em 11 de novembro de 1825 para aquelas mulheres regeneradas, que quisessem ingressar na vida religiosa, com os objetivos da "penitência, contemplação e trabalho" (1942: 53). Estas Irmãs eram popularmente conhecidas como as "Madalenas Arrependidas". Atualmente elas se chamam "Irmãs Contemplativas do Bom Pastor", têm sua própria superiora, mas dependem ainda do governo provincial do Bom Pastor. Este instituto foi criado para dar novas oportunidades às mulheres arrependidas que estavam impossibilitadas de integrarem os quadros da Congregação do Bom Pastor, dadas as suas vivências passadas. Neste contexto, Maria Madalena é o símbolo do arrependimento, da penitência, da conversão.

A decoração da CPF é feita exclusivamente com símbolos da religião católica. Nenhuma paisagem nem mesmo

uma foto de criança, decora os espaços da detenção. Também não existem imagens passíveis de evocar o sincretismo religioso ou outras devoções populares. O catolicismo tradicional é a única expressão religiosa permitida na CPF, inclusive com a obrigatoriedade da Missa Dominical, sob pena de castigo. Foucault expressa bem isto, em *Vigiar e Punir* :

"Deve ser feito com tanta frequência quanto possível, um trabalho sobre a alma do detento. A prisão, aparelho administrativo, será ao mesmo tempo uma máquina para modificar os espíritos" (1984:111).

O refeitório contendo mesas e cadeiras, serve também para os trabalhos de acabamento dos tapetes Casa Caiada <sup>1</sup>. Os banheiros feios e decadentes, têm portas serradas em cima e em baixo, a fim de facilitar a contínua vigilância. Este setor, destinado aos cuidados do corpo na sua intimidade, é o mais deteriorado de todos (vide fotos, anexo 7).

As celas são individuais e estão dispostas ao longo de um corredor muito mal iluminado. Para cada duas celas, uma lâmpada, controlada externamente, inviabiliza qualquer trabalho ou leitura que exija acuidade visual. O espaço exíguo comporta apenas uma cama e uma pequena prateleira. Uma janelinha externa nas portas das celas (visor) permite à vigilante observar o comportamento da detenta, privada do

---

1. Os tapetes Casa Caiada são bordados artesanalmente em Recife. As detentas fazem apenas o acabamento que é também manual: Cola e forro. Vide fotos em anexo.

mundo externo. O "olho do poder", como diz Foucault, está por toda a parte.

A decoração interna das celas, feita com colagens de revistas, desenhos e grafitos nas paredes, expressam não apenas os sentimentos de suas usuárias, mas também os daquelas que as precederam, tendo em vista o constante revezamento na sua ocupação (vide foto, anexo 10).

Quando as vigilantes desconfiam de alguma coisa, ou quando algo foi subtraído a alguém, a intimidade das mulheres é mais uma vez devassada pelo "baculejo"<sup>1</sup>. Até mesmo os escritos pessoais são revistados e despertam profundo interesse das autoridades, que vêem na prática do pensar e escrever, um sinal de conspiração. A cela torna-se assim um lugar muito ambivalente para a detenta. Poderia ser o espaço da vivência de sua intimidade. No entanto, Frei Beto, que viveu esta experiência diz que:

"A cela é terrível como tudo aquilo que suprime ou esmaga a liberdade humana" (1985:232).

A CPF conta com um gabinete médico e um gabinete odontológico, com instalações precárias. Há queixas referentes à falta de higiene e até mesmo do sigilo relativo aos diagnósticos médicos.

---

1. Termo utilizado para a revista geral nas celas.

Do outro lado do pátio, existe um terreno baldio, chamado "horta", que, segundo depoimentos de algumas detentas, serve para castigar alguém, fazendo a limpa do mato.

O sistema administrativo é constituído por uma Irmã Diretora e uma Irmã Auxiliar, que não pertence ao quadro funcional. O corpo técnico é composto de uma psicóloga, uma assistente social, três advogados, duas médicas ginecologistas, dois dentistas, um psiquiatra, uma nutricionista, duas professoras, dois agentes de saúde, oito agentes de setor pessoal, um chefe de finanças, um motorista e seis trabalhadores de serviços gerais. O pessoal técnico é lotado na SUSIPE, por isso não compõe o organograma da CPF.

A estrutura física da CPF é pobre, velha e insuficiente. O ambiente impregnado da simbologia religiosa não deixa dúvidas de que se trata de uma instituição que visa a conversão das pessoas ao catolicismo. A estrutura mental dos funcionários e técnicos parece afinada com o espírito religioso predominante, ou pelo menos acomodada a uma forma de evitação de conflitos.

#### A POPULAÇÃO DA CPF. DESVIANTES OU VÍTIMAS ?

"Muitas vezes pra almoçar ou tomar café, eu tive de vender minhas carnes".

(Uma detenta)

A descrição e análise das pessoas que compõem a população da CPF visa evidenciar o fato notório de que na CPF estão mulheres pobres que, na sua grande maioria, arriscaram-se por estratégias perigosas e ilegais em busca de subsistência própria e a dos filhos. Evidencia também o peso que o empobrecimento dessa camada social da população tem para a condição feminina, responsabilizada pelo cuidado dos filhos. Enfoca ainda a estrutura mental conservadora e repressora da maioria delas, herança de uma educação machista e opressora.

A população da CPF é oriunda, na sua quase totalidade, das camadas de baixa renda. As estratégias de sobrevivência da maior parte delas eram a prostituição e o tráfico de drogas.

O estigma <sup>1</sup> inerente à função e sobretudo à palavra prostituta força o uso de termos mais socialmente aceitos, tais como doméstica, desocupada, massagista e garçone. É um mercado referido como razoavelmente rentável, mas quase sempre humilhante e sofrido.

O tráfico de drogas é quase exclusivamente de maconha, em pequena quantidade, o que denota o baixo poder aquisitivo das traficantes da CPF. Uma exceção a isto foi a

---

1. Estigma recebe aqui a conotação dada por Goffman, ao referir-se a um atributo profundamente depreciativo (1982:13)

presença de duas estrangeiras, pertencentes a grupos de traficantes internacionais. O tráfico de drogas, previsto no Art. 12 da Lei 6368/76, constitui o mais alto índice de criminalidade entre as mulheres da CPF.

Algumas delas sobreviviam como "descuidistas" ou "lanceiras", a arte dos pequenos furtos, e outras participavam de assaltos, integrando ou não alguma gangue. Seria tema, para novo estudo, problematizar a dinâmica microsocial dos recursos dessas mulheres. O quadro abaixo, elaborado por técnicos da CPF em outubro de 1986, demonstra que a renda da maioria das detentas ao chegar a CPF não ultrapassa o salário mínimo.

QUADRO I. RENDA DAS DETENTAS AO CHEGAR A CPF

RENDA	TOTAL
INEXISTENTE	09
0 a 1 SM	36
1 a 3 SM	03
3 a + SM	04
	52

Do Relatório do S. Social da CPF em outubro/86

Muitas destas detentas lutavam pela sua subsistência e a de seus filhos, fazendo uso dos espaços ilícitos que lhes sobraram no mercado de trabalho. Nenhuma delas é proprietária dos campos de plantação de maconha,

mas pequenas traficantes da erva. Falando da "Cultura da Pobreza e Cultura da Opressão", Pedro Rigol diz que:

"... pobre é aquele que foi feito pobre, e marginal é aquele que foi marginalizado" (1977:76).

É o que ocorreu à quase totalidade das mulheres da CPF, foi empobrecida e marginalizada na luta pela subsistência.

Em função da situação judicial, as detentas se dividem em Provisórias, ou Sumariadas, e Condenadas. As Sumariadas são aquelas que aguardam na prisão a decisão judicial e as Condenadas são as que já estão cumprindo pena. Algumas vivem em regime aberto, cumprindo prisão domiciliar e outras em regime semi-aberto, podendo sair nos fins de semana, dependendo do bom comportamento. Aquelas que vivem em regime fechado, resta a convivência estritamente feminina do internato. A CPF é uma penitenciária que tem os três regimes por ser a única feminina do Estado.<sup>1</sup>

Através das histórias de vida foi possível constatar a precariedade das condições sociais, econômicas, culturais e psicológicas que conduziram as detentas a "comportamentos desviantes", numa sociedade cujas estruturas, sobretudo as de mercado de trabalho, não favoreceram o desenvolvimento de outras formas de comportamentos. Sandra assim se explica:

---

1. Conforme Código Penal Brasileiro: Art. 34 - regime fechado; Art. 35 - regime semi-aberto; Art. 36 - regime aberto

"O dinheiro não dava, resolvi me movimentar com esse negócio de maconha, não pelo uso, mas pelo dinheiro que me dava, mas fui apanhada pela polícia."

A maioria das mulheres da CPF faz parte do mercado de trabalho informal e raramente conta com a presença de um parceiro definido na manutenção da casa. Esse enfoque microssociológico da pobreza vem suscitando o interesse de estudiosos. Elizabeth Jelin e Monica Gogna falam do fenômeno da feminização da pobreza, utilizando a expressão de Merrick y Schmmink que dizem:

"Os lares com chefes mulher, são especialmente vulneráveis porque as mulheres sem companheiro têm a responsabilidade primária pelo cuidado dos filhos e a realização das tarefas domésticas ao mesmo tempo que participam na atividade econômica em maior proporção que o resto das mulheres. Dada a tensão entre ambas as responsabilidades, sua dedicação ao trabalho remunerado tende a ser parcial, o que se traduz em baixos ingressos e instabilidades trabalhistas - características típicas dos empregos do setor informal" (in Jelin e Gogna, 1987:11). <sup>1</sup>

A partir de algumas conclusões de Jelin e Gogna, pode-se inserir as mulheres da CPF no fenômeno da "feminização da pobreza":

1. A pobreza é um fenômeno crescente no mundo.
2. O desenvolvimento econômico não apaga automaticamente a situação de pobreza.
3. Há importantes variações na forma e intensidade da pobreza.
4. Entre os pobres, as mulheres, as crianças e os velhos são os mais afetados. (1987:12).

---

1. Tradução própria

Essa microssociologia da pobreza tem também sido estudada por Motta e Scott em **Sobrevivência e Fontes de Renda. Estratégias das Famílias de Baixa Renda no Recife**, 1983. Mais recentemente, Scott 1986, também Scott 1987, diz ele:

"Na família favelada a presença da casa chefiada pela mulher é notória. A pobreza, a incerteza do ganho e o desemprego sempre tem alguma contribuição para afastar os homens da casa" (1987:1).

A meu ver, a situação de pobreza e desemprego da população da CPF oportuniza tanto o fenômeno da feminização da pobreza como a presença de um modelo de família que difere do tradicional modelo patriarcal e monogâmico. São raras as mulheres da CPF que têm um casamento civilmente constituído e até mesmo um parceiro definitivo. O que é estável nesse modelo de família é a presença da mãe com seus filhos, semelhante ao que foi observado por Robin Fox, no capítulo anterior. Dada a circularidade e instabilidade de parceria, tem-se uma família constituída de pais diferentes: e embora se tenha a casa chefiada pela mãe, não se tem um modelo matriarcal nem matrilinear de família.

A instabilidade social e as dificuldades econômicas contribuíram para que estas mulheres buscassem estratégias de sobrevivência perigosas, ilegais e estigmatizantes. O sustento dos filhos, a exiguidade do mercado de trabalho e o despreparo para enfrentar uma sociedade competitiva, não lhes deram melhores

oportunidades. Isto é agravado pelo fato de que

"... com a passagem do tempo, a presença de um marido que, ao mesmo tempo, é pobre, dá trabalho e é desrespeitador da casa desfaz qualquer garantia de reputação para a mulher, evidentemente acompanhado por uma diminuição na satisfação sexual" (Scott, 1987:9).

A atitude frente ao sexo, nas mulheres da CPF é repressora, conservadora e por vezes moralista. O discurso sobre o sexo entre mãe e filha é evitado no cotidiano familiar. No entanto, as histórias de vida revelaram significativa precocidade nas vivências sexuais. É frequente a expressão: "Eu me perdi muito nova", em geral entre os 10 e 15 anos de idade. Das histórias de vida realizadas, 14 delas afirmaram terem tido a primeira relação sexual nessa faixa etária.

O "eu me perdi" torna-se, em geral, o ponto de partida para uma nova desorganização familiar. A reação dos pais para com a filha desvirginizada é quase sempre a expulsão de casa por "deshonra".

Embora muitas mães tenham passado por experiências semelhantes, não desejam isto para suas filhas e não podem suportar o fracasso de seu projeto de um casamento "decente", na família. A concepção de casamento decente é expressa pelo desejo de ver a filha casada oficialmente e publicamente, dentro dos padrões sociais vigentes. É o que disse Luiza em sua história de vida:

"Ainda vou ver uma filha minha casada assim direitinho de traje de noiva e tudo".

Outras vezes, temendo a repressão, ou escapando à insuportável situação da casa, a menina foge muito nova com o homem que a desvirginizou e aí tem início uma história cíclica de parceria e abandono, pois a relação quase sempre dura pouco. A alternância da parceria/abandono faz com que cada filho tenha um pai, mas a família não tem um homem, conforme já visto anteriormente. O eixo de sustentação dessa família é a mulher.

O amor materno é internalizado como uma boa coisa e sobretudo uma obrigação, embora, na prática, os filhos são um fardo que pesa quase que exclusivamente sobre elas. Esse amor é identificado concretamente com o assumir, o cuidar dos filhos. É o que diz Glória:

"Se a mãe não amar os filhos, quem vai amar? Ela tem que gostar deles, senão eles vão viver que nem batata".

O desamor materno é identificado com amargura:

"Minha mãe me obrigou a ir embora com o cara. Ela jurava me matar até que um dia botou minha roupa fora de casa e me expulsou. Tive de ir com ele. ... Agradeço a ela, mulher má, o viver hoje na cadeia, a vida errada que tive."

São frequentes os discursos culpabilizantes da mãe que não amou as filhas:

"Ela nunca me deu orientação nenhuma sobre sexo"  
(Lúcia)

"Eu estava grávida com 12 anos, e mamãe não me quis. Ele me levou num hospital e me fizeram o aborto" (Jane).

"Mamãe queria que eu casasse, eu não quis, mas tive de sair de casa, fui pra rua. Fui pra zona"  
(Guida).

"Contei pra minha mãe que ficou muito chocada, bateu em mim e me levou pra vistoria, depois me internou na FEBEM" (Lia).

Na medida em que estas mulheres condenam suas mães, e as responsabilizam pela situação em que se encontram, condenam-se também a si mesmas, numa sequência interminável de culpabilidade.

Encontrei também a visão da mãe como o "porto seguro", como a presença reconfortante.

"Minha mãe era muito pobre mas muito boa, e me defendia de meu pai que era um animal quando batia na gente" (Luiza).

"Minha mãe nunca me abandonou, até hoje que estou presa. É a pessoa com quem conto na vida". (Clara).

"Meu pai humilhava mamãe porque tinha tirado ela da prostituição. Mas ela era muito mãe". (Dulce)

Ser uma "boa mãe" é uma exigência internalizada pelas mulheres, que por uma outra via conduz ao mesmo resultado culpabilizante.

Um poema de Fernando Pessoa exprime bem o que se pode concluir acerca da população da CPF:

"Temos, todos que vivemos,  
Uma vida que é vivida  
E outra vida que é pensada,  
E a única vida que temos  
É essa que é dividida  
Entre a verdadeira e a errada."

Fernando Pessoa.

Entendo que a avaliação e o julgamento da vida

como sendo verdadeira ou errada tem de passar, no caso da CPF, pelo alerta de Gilberto Velho de que é preciso

"... verificar as condições patológicas de um sistema social que vão gerar os comportamentos individuais desviantes" (1979:14).

#### A CPF VISTA POR DENTRO. A OUTRA FACE.

"Tudo aqui é um inferno com cara de céu".

(Uma detenta)

Numa visão superficial a CPF apresenta-se como um lugar tranquilo, onde mulheres pacatas conversam ou trabalham, a sós ou em grupos. Sentadas nas calçadas do pátio, nos bancos, debaixo das árvores ou à sombra do caramanchão, as detentas passam a maior parte do seu dia (vide fotos, anexo 11).

Neste contato com a natureza, umas ensinam às outras bordados simples, numa tentativa, segundo elas, de "matar o tempo". Para quem chega, isto nem parece uma prisão, tendo em vista a aparente harmonia.

Esta impressão se desfaz na medida em que se aprofunda o contato pessoal com as mulheres. É então que se percebe o quanto de revolta, insatisfação, hostilidade e desconfiança marcam a convivência comunitária. A tranquilidade aparente encobre muita dor, que não tem meios de

ultrapassar os umbrais da instituição. As autoridades ou os meios de comunicação que por lá aparecem esporadicamente são sutilmente impedidos de ter acesso à intensidade de tal sofrimento.

Uma das mulheres, ao deixar a CPF, enviou-me o seguinte depoimento:

"Reina aqui na CPF um clima maravilhoso de paz, quem vem visitar o presídio encontra tudo na maior ordem, tudo limpo, flores nos cantos, um Cristo no centro esquerdo do pátio, lembrando que a religião predominante é a católica, as presas sempre com um amargo sorriso nos lábios, e no fim da visita a conclusão que aqui é um colégio interno. Que engano, a calma aqui é uma farsa imposta pela direção, cada pessoa aqui tem vontade de esganar a outra, cada uma odeia de coração a diretora, mas por medo de castigo, esconde todo ódio por baixo do sorriso. Cada noite traz a certeza de um dia a menos nesse paraíso infernal e a dor de estar mais perto de enfrentar o mundo lá fora. ... aqui tudo não passa de aparências, é como um túmulo: lindo por fora, podre por dentro."

A partir de diversos depoimentos (este escrito por alguém que deixava a instituição), a harmonia observada na CPF equivale à expressão de Rousseau no Contrato Social:

"Ceder à força é um ato de necessidade, não de vontade, é entretanto, um ato de prudência". (s.d.:32).

Algumas mulheres percebem nesta falsa harmonia um impedimento para as intervenções e as mudanças necessárias. Contudo, ninguém se atreve a desafiar os meio controladores, temendo o castigo, a delação e o conseqüente registro na ficha pessoal. Uma outra percepção que incomoda muito à comunidade é a de que as "caboetas"<sup>1</sup> são acreditadas e

---

1. Termo com que são chamadas as deladoras.

preferidas pela direção. Uma delas administra a cozinha, gozando de plena confiança da administração enquanto é profundamente odiada pelo resto da comunidade. Uma mulher com várias entradas na CPF diz o seguinte:

"As outras diretoras conversavam com a gente, aconselhava. Essa só chama a gente de bando de mulé ruim. Pra ela nó tem as cabocla. Mas aqui já teve irmã muito boa, eu conheço isso desde a Madre... que era uma santa".

A chegada da detenta na CPF, é envolta num ritual de entrada iniciado na portaria com a entrevista feita pela agente penitenciária, para fins de registro dos dados na ficha pessoal.<sup>1</sup> Nessa ocasião é feita uma revista global podendo abranger inclusive os órgãos genitais, caso haja alguma desconfiança referente ao tráfico de drogas. A leitura integral do corpo é registrada numa ficha: cor, estatura, tatuagens, defeitos físicos e cicatrizes. Não se trata de uma pesquisa antropométrica, mas de um registro do corpo com suas marcas. Em seguida é ritualmente encaminhada para uma cela, por um acesso pouco visível às demais mulheres, com as quais não é permitida nenhuma comunicação. Nesta cela permanece por 3 a 7 dias em total isolamento, findo o qual é inserida na comunidade.<sup>2</sup> Esta solidão é vivida numa angústia profunda, sobretudo pelas detentas primárias, atormentadas por dúvidas cruéis e por uma total impotência, impedidas de saber a situação de

---

1. Vide modelo. Anexo 14.

2. Não encontrei explicação para este isolamento inicial. Foi-me apenas referido que se trata de um ritual específico que sempre existiu na CPF.

família e do próprio andamento do caso, de como será a vida ali e do tratamento que lhe vai ser imposto. Elas não são informadas das normas a que são submetidas, ignorando tanto seus direitos como seus deveres.

Este ritual é assim compreendido por Goffman:

"O processo de admissão pode ser caracterizado como uma despedida e um começo, e o ponto médio do processo pode ser marcado pela nudez". (1961:27).

Essa nudez é o despojamento da identidade e da cidadania a que a pessoa é submetida e que a torna um ser sem direitos.

Algumas marcas profundas na vida destas pessoas têm início nesse momento. A perspectiva de novos isolamentos, a administração minuciosa do tempo, do espaço e do próprio corpo, a destruição de toda a vontade própria, das necessidades e dos desejos mais elementares, a ausência total de privacidade, a massificação, a obrigatoriedade das tarefas, a submissão às ordens recebidas, as repreensões, as orações obrigatórias sem o respeito ao credo de cada uma, são um convite constante para que abdicuem de si mesmas e se tornem simples peças da engrenagem institucional. É a carreira moral de que fala Goffman.<sup>1</sup>

A disciplina é o grande instrumento que regula as condutas, a transformação das pessoas, a produção do

---

1. O termo refere-se à trajetória percorrida pelo interno, em consequência a mudanças ocorridas no eu da pessoa e em seu esquema de imagens para julgar a si e aos outros. (1961/111 e passim).

indivíduo útil à instituição e à sociedade por ela representada. As mínimas atividades são minuciosamente regulamentadas, sobretudo as mais pessoais, como o banho, o comer e o dormir. Durante todo o tempo o olho institucional penetra a vida íntima do indivíduo, fazendo adaptar o seu esquema bio-psíquico às determinações ditadas para a coletividade.

O objetivo deste processo é a destruição da individualidade e a produção de corpos e mentes submissas. Em sua experiência no campo de concentração, Viktor Frankl constata:

"O indivíduo adapta-se a tudo, mas não nos perguntem como" (s d: 27).

Essa face "interna", "privada", "irrevelada" da CPF parece ser o inferno denunciado, o túmulo de aparências, de ordem e de passividade - tudo encoberto pela religiosidade.

O COTIDIANO NA CPF. A PEQUENA MORTE DA MASSA.

" Não vamos, portanto, tratar do sofrimento e da morte dos grandes heróis e mártires, mas dos "pequenos sacrifícios" e da "pequena morte" da grande massa".

V. Frankl.

O amanhecer na CPF não é um despertar para a vida, mas para uma morte lenta, para uma constante

mortificação. O dia cronológico é iniciado às cinco horas e trinta minutos com o toque de uma campainha, cujo som determinará a seqüência minuciosa das ações coletivamente realizadas. O desejo parece desperto nesse cotidiano mortificado. É o que deixa perceber o poema de Guida intitulado

Ponto de Partida

"Eu quero ver a luz do dia  
 E encontrar você.  
 Ser como o sol e as estrelas  
 E o amanhecer  
 Iluminando os teus olhos pelo brilho dos meus  
 Ser como a brisa leve  
 Que te eleva aos céus  
 Estou andando pelos campos  
 Respirando a PAZ.  
 E cada flor que eu encontro  
 Tem um cheiro teu  
 Atravessando as fronteiras  
 E ao entardecer,  
 Vivendo de todas as maneiras  
 Só por ti querer.  
 Mais agora estou só e sem amigos  
 Procurando alguém pra conversar  
 Esperando que um dia a gente se encontre  
 Em nosso ponto de partida  
 Pra de novo começar!  
 E recomeçar.  
 Você mim aceita ...? Te amo demais."

As fantasias de estar pelos campos, de romper fronteiras, misturar-se aos sonhos de amor e liberdade, com a solidão e a falta de amigos, com os desejos de encontro, com a necessidade de aceitação e de paz interior. Estes sentimentos fazem parte das expectativas, das ilusões, dos sonhos vividos, da solidão experimentada pelas detentas, no monótono dia a dia da CPF.

Segundo informes obtidos, um pequeno grupo de privilegiadas consegue escapar à realização das tarefas e aos castigos impostos pelo seu descumprimento. Este grupo, por uma delas denominado de "oligárquico", causa a revolta e mal estar na comunidade. As mulheres temem qualquer indisposição com este grupo de "caboetas" que tudo levam para a direção, em troca de pequenos privilégios: ter acesso e permanecer no salão de beleza (desativado), dormir em celas abertas, ter acesso à cozinha e obter melhores refeições e, sobretudo, serem acreditadas pela direção.

O grupo gira em torno da chefe da cozinha como a privilegiada da diretora e por ela grandemente prestigiada. Os membros deste grupo, infiltrados junto às visitas de jornalistas e autoridades, conseguem impedir que as detentas expressem a mínima queixa da instituição. Constantemente vigiadas pelas próprias colegas, dentro de uma aparente liberdade, elas nada podem revelar embora gostassem de fazê-lo.

O café da manhã é servido às seis e meia da manhã e compõe-se de um pão e uma caneca de café. Uma hora mais tarde começam as aulas de leitura, cuja frequência é obrigatória para quem nelas se inscreveu, e as faltas são passíveis de castigo. A partir das nove horas são iniciadas as tarefas da limpeza da casa, que são revezadas mensalmente. O almoço é servido às onze e meia. Com o prato na mão e em fila, elas aguardam que se faça o silêncio exigido

para as orações antes de serem servidas, e sob a supervisão de um vigilante masculino. Há sempre um vigilante masculino presente para estabelecer a ordem exigida, de silêncio, oração e fila, para dar início ao almoço.

A alimentação é sentida pelas detentas como quantitativa e qualitativamente limitada. A porção básica é composta de feijão, arroz e farinha, sendo variável o peixe, o charque, os ovos ou a carne. Não há verdura no almoço, embora a sopa de verduras seja servida algumas vezes no jantar.

Após o almoço há um repouso obrigatório que termina às quatorze horas. Algumas não conseguem dormir durante o dia e a obrigatoriedade de fazê-lo gera uma sensação de insônia que é incômoda. O serviço médico referiu-me queixas frequentes de insônia.

Duas ou três vezes por semana, há uma reza do terço que é obrigatória e que desencadeia o sentimento de revolta na maioria. Ocasionalmente, na hora do terço, a diretora faz uma reunião que quase sempre versa sobre as imperfeições das tarefas. É sempre um discurso repreensivo, repressivo e humilhante. O toque da campainha que as convoca para estas reuniões desperta um sentimento de mal estar geral e dúvida coletiva. Tudo é obscuro para confundir, para manter e reforçar o estado de medo, "numa espécie de caminhar simbólico para o patíbulo", segundo expressão de uma delas.

O jantar é servido às dezessete horas e trinta minutos, sempre precedido das orações rituais e composto de: uma sopa, um pão e uma caneca de café. Em seguida elas permanecem na sala de televisão ou nas calçadas anexas, sendo expressamente proibida a permanência no pátio a partir das dezoito horas. A programação é controlada pela direção, apesar da exclusividade da Rede Globo. A interdição do pátio que acolheu as mulheres durante o dia visa impedir qualquer "safadeza" que possa ocorrer entre as plantas mal iluminadas.

Nas celas é exigido rigoroso silêncio, não sendo permitido o uso do rádio e interditadas as visitas de colegas. Trancadas em suas celas às 21 horas elas enfrentam mais uma noite, atormentadas pelos fantasmas do desejo, registrados por uma delas no seguinte poema:

#### SOLIDÃO

"Dias tristes, tardes tristes, chega a noite  
 E nem mesmo ela mim ajuda.  
 Noite sem estrelas e a chuva vem chegando.  
 Olho para os lados e só vejo escuridão.  
 No chão fortes pingos sobrepondo a noite que chove  
 Rios enchem, luzes de carros que vão e voltam  
 Sem deixar pistas.  
 Pessoas que passam por mim sem dizer nada  
 Começo a caminhar pelas ruas desertas da vida.  
 Água banha meu corpo enquanto caminho  
 Trovões e relâmpagos mim assustam  
 Chega a vontade de gritar por você  
 Mais a distância mim impede  
 Meu pensamento se volta a você  
 Que poderia estar ali  
 Mim protegendo da chuva, da escuridão  
 Do medo de tudo e principalmente  
 Da SOLIDÃO ..."

(Guida)

O sentimento de solidão trazido pela noite que cai parece coroar a monotonia vivida durante o dia de Guida, que reclama da tristeza, da escuridão, da chuva e do trovão ameaçador. E pede proteção ao amado que não pode ajudá-la.

Falando do dia monótono que vive, uma outra detenta assim se expressa:

" É um dia que passa, esperando uma noite sem fim".

É como se o tempo parasse nesse existir esvaziado de sentido e de esperança.

Os dias são sempre iguais: na desesperança, na revolta, na tristeza, na saudade, no medo, nas "caboetagens", nas hostilidades, na busca de uma palavra amiga, num vazio sem fim. Uma vida que passa sem acontecer. As recém-chegadas logo se acomodam a esta vida através da qual as pessoas da instituição acreditam recuperar as mulheres.

O companheirismo e a solidariedade na desgraça são destruídos pela caboetagem e pelas pequenas hostilidades e a amizade é vista negativamente, podendo inclusive ser interpretado como "saboeira".<sup>1</sup> Nesse contexto obscuro, brilha apenas a luz da esperança de uma liberdade mais ou menos remota, dependendo das sentenças que pesam sobre cada uma delas. O desespero é uma constante e as tentativas de suicídio não são raras. É nessa morte em vida que se apoia

---

1. Termo utilizado para indicar o lesbianismo na CPF.

o poder da instituição. A anulação, a subserviência, a passividade, a abulia, são vistas como virtudes e condicionam os favores e até mesmo os direitos como sejam saídas no fim de semana, que requerem o aval de "boa conduta".

O anoitecer desperta para algumas delas a força da sexualidade. Umas rezam para afastar os "maus pensamentos", outras escrevem poemas de amor, choram, masturbam-se, roem unhas, ficam nervosas, têm insônia, mas são aconselhadas a nem sonhar, e muito menos viver este prazer.

Uma mulher descreve seu sentimento de estar presa e me envia em forma de bilhete <sup>1</sup>

"Vocês sabem o que é estar preso? Não! É claro que não! Vocês se acham como seres superiores que perfeitos. Vocês julgam, criticam, são a favor, discutem, mas no fundo vocês não imaginam o que é você sentir vontade de tomar um sorvete na esquina com suas companheiras e filhos, e simplesmente não poder ir. Dói, dói como a furada de uma faca na pele. Quem de vocês já não furou o dedo na faca? Sabe o que é o mundo inteiro, o mundo todinho, lendo na sua testa " EX-PRESIDIÁRIO "? Vocês sabem o que acontece com um pássaro que quebra as asas? Mesmo que salem os ferimentos, ele não podendo voar, morre. Só quem sabe o tamanho da tristeza dele, é ele, os outros pássaros cantam despedidas, mas a dor só quem sentiu foi ele..."

O sentimento de ser só na dor, na incompreensibilidade do que seja estar privada do gesto primordial da

---

1. Foi frequente o gesto das detentas de me darem escritos sobre suas vidas, seus sentimentos e suas críticas sobre a prisão. Algumas o faziam com a intenção de contribuir com este trabalho. Este bilhete foi escrito para ser entregue a uma autoridade que compareceria à CPF. Na sua ausência, fui a depositária dele.

vida, a liberdade, na expectativa do estigma que lhe acompanhará como uma sombra, é bem expresso nesse depoimento. A prisão parece estimular o hábito de escrever, e tem havido publicações de trabalhos produzidos por pessoas na prisão.

O cotidiano da CPF é marcado pela tentativa de submeter a mulher presa de forma suave e eficiente, de modo a ficar bem internalizado que ela ocupa, na instituição, o "lugar de presa".

#### TRABALHO E LAZER. UM VAZIO.

O regulamento do Sistema Penitenciário de Pernambuco afirma que:

"O trabalho do sentenciado será obrigatório, salvo as exceções previstas em lei, terá adequada remuneração e será atribuído tendo-se em conta a habilitação, a condição pessoal e a necessidade futura do sentenciado".

(Art. 25 do Decreto 2341 de 13.3.71:27)

É clara a indicação de trabalho até obrigatório na prisão, visando a condição pessoal e futura do detento. Apesar disso há grande escassez de trabalho na CPF e as mulheres queixam-se com frequência da ociosidade em que vivem, manifestam desejo de trabalhar para ganhar algum dinheiro e para ajudar a "passar o tempo na prisão". Como este desejo não é satisfeito, é comum encontrá-las sentadas pelas calçadas numa total inatividade.

Lemgruber sintetiza a história do trabalho nas prisões no capítulo VI do seu livro **Cemitério dos Vivos** destacando o trabalho prisional através dos tempos e as determinações legais do mesmo no Brasil. De início o trabalho era apenas estratégia punitiva, passando depois a integrar os programas de tratamento. Lemgruber descreve que, no Brasil, o trabalho prisional prepara o preso para seu retorno à vida livre (1983).

Na CPF não se encontram trabalhos que de alguma forma possam preparar profissionalmente alguém para uma vida futura. Os trabalhos mais frequentes são os de limpeza e de arrumação da casa, que além de não serem remunerados, não despertam interesse e reproduzem o doméstico opressor em que viveram anteriormente.

Ocasionalmente um mutirão é convocado para lavar as calçadas, especialmente quando se espera a visita de autoridades ou da imprensa, ou por ocasião de alguma festa. Diariamente elas são convocadas para catar o feijão e o arroz, distribuído nas mesas do refeitório. Nessa oportunidade pequenos grupos em torno das mesas conversam sobre suas intimidades. Um desses grupos certa vez chamou-me para participar da conversa que intitularam de "assuntinho bom", referindo-se ao tema da sexualidade. O sexo e a tarefa doméstica juntam-se em torno dessa mesa, reproduzindo a visão cultural da vivência feminina da sexualidade em torno do doméstico.

Algumas mulheres são selecionadas pela direção sob alegação de "boa conduta", para o trabalho de fabricação de licores, bolos e biscoitos, que são comercializados pelas irmãs, como meio de subsistência da comunidade religiosa. Embora não seja um trabalho remunerado, é bem aceito porque é feito fora do recinto da prisão e implica em certo prestígio pelo aval de "boa conduta".

O trabalho mais valorizado por elas é o acabamento dos tapetes Casa Caiada, que lhes dá a baixíssima renda de Cz\$ 15,00 (quinze cruzados) por metro quadrado de trabalho (em maio/88), que exige aproximadamente 30 minutos de mão de obra. O número de tapetes é pequeno para a oferta de mão de obra ali disponível, atendendo apenas às necessidades mínimas de uma pequena minoria. Vale salientar que também este tipo de trabalho não prepara profissionalmente para uma função.

Certos trabalhos independentes são realizados lá dentro. Algumas mulheres fazem crochê e recebem encomendas ou fazem seus trabalhos para vender. Nestes casos, devem destinar um percentual de seu ganho para "a casa" (CPF), o que segundo a direção serve para atender pequenas emergências para as próprias detentas, já que a verba da CPF é insuficiente para sua manutenção. Outras prestam serviços às colegas que têm algum dinheiro e cobram estes serviços: lavar roupa, fazer uma comida especial, ajudar na tarefa para a qual foi escalada, etc. Outros pequenos trabalhos são

prestados como expressão afetiva.

Embora não haja trabalho para todas, a ociosidade é condenada pela direção. A chegada da diretora no pátio provoca um súbito movimento de "faz de conta que se trabalha", a fim de evitar a provável repreensão. A instituição está contraditoriamente preocupada com a prevenção do vício da ociosidade e com a produção de trabalhadores. É o que diz Foucault:

"Trabalhar sem objetivo, trabalhar por trabalhar deveria dar aos indivíduos a forma ideal do trabalhador" (1985:133).

As formas de trabalho existentes na CPF não visam o preparo profissional mas, fundamentalmente, ocupar o tempo das mulheres, para prevenir-lhes a "preguiça" e os comportamentos indesejáveis na instituição.

É lamentável a despreocupação das autoridades em oferecer condições de trabalho às mulheres detidas, uma vez que elas desejam não somente para ganhar algum dinheiro, mas para ajudá-las a suportar o tempo imposto pela pena. Na visão marxista é transformando a natureza que o homem se transforma e se dignifica. Embora poucas detentas tenham a consciência da dignificação humana pelo trabalho o projeto de reabilitação do Sistema Penitenciário não poderia ignorá-lo.

O lazer é precário na CPF. Nenhuma atividade lúdica ou esportiva é oferecida. Nenhum jogo, nenhum exercício físico vem ajudar a liberação da energia contida das detentas. Os jogos de xadrez, damas, dominó, baralho e outros semelhantes são proibidos, como estratégia de prevenção ao vício e aos possíveis conflitos entre elas.

Essa falta de atividades lúdicas e esportivas reflete a averbção existente na **Instituição pelo prazer** e a tentativa de transformar as pessoas unicamente em indivíduos sérios e produtivos. É paradoxal observar que a instituição, no controle que faz da sexualidade das detentas, não utiliza a laborterapia ou a ludoterapia como meios de canalização e utilização saudável da energia sexual contida. Isto faz crer que não há preocupação em dignificar as pessoas, mas em contê-las, em exercitá-las na obediência e na sujeição. O trabalho doméstico é utilizado com esta finalidade na CPF por isso ele é tão rejeitado pelas mulheres. Ele reproduz o modelo repressivo reservado para a mulher pela sociedade.

Todo esse exercício do desprazer obedece a uma lógica da "mortificação" e objetiva, de certo, um estado de espírito que foi muito bem expresso por Viktor Frankl ao sair do campo de concentração:

" Tínhamos esquecido literalmente a arte de nos alegrarmos" (s.d:105).

PUNIÇÃO E REABILITAÇÃO . METAS INDIVIDUALIZADAS DE  
"SALVAÇÃO"

"Sob a humanização das penas, o que se encontra são todas essas regras que autorizam, melhor, que exigem a "suavidade", como uma economia calculada do poder de punir"

Foucault

Historiando a repressão, Foucault descreve a passagem da punição para a vigilância, como a descoberta por parte do poder de que é mais rentável e político vigiar do que punir. A punição deve ser evitada pela questão econômica dos próprios efeitos do poder de punir.

A vigilância é o grande instrumento de prevenção e de dominação de todo o Sistema Penitenciário. O pátio interno da CPF permite uma perfeita visibilidade e é ali que as mulheres passam a maior parte do dia. Esta é uma armadilha, pois a mulher ali é objeto de informação e nunca sujeito de comunicação. Todos os espaços da detenção são devassáveis, até mesmo os banheiros com suas meias portas e as celas com seu visor. Não existe lugar para a individualidade em qualquer hora do dia.

Mas nem tudo pode ser retirado de uma pessoa. Há um grande acúmulo de energia nas detentas, devido a ociosidade, a passividade, a falta de exercícios físicos de

lazer e, sobretudo, a repressão sexual a que são submetidas. Cada mulher é uma espécie de barril de pólvora prestes a explodir, face a qualquer aceno de uma companheira ou à ameaça de um castigo. O medo introjetado é o grande instrumento de dominação, que quando se concretiza em castigo gera, em algumas, uma explosão de ódio e revolta. Vi uma mulher quebrar a porta da cela, uma cama e uma cadeira e por fim atear fogo no colchão, ao ser encaminhada para o castigo. Uma outra mulher já no castigo excentricamente rasgou a cabeça em camadas. Essa excentricidade valeu-lhe o diagnóstico de "periculosa" e ela foi remanejada para o Manicômio Judiciário.

A encenação da punição é um ritual político, uma manifestação ostensiva do poder da Instituição, capaz de desestimular outras iniciativas transgressoras. Esse ritual serve de exemplo à comunidade. Foucault apresenta a punição como "uma arte dos efeitos" (1984:85). Diz também que o poder de punir, repousa sobre algumas regras:

1. O crime é cometido porque traz vantagens. Com uma desvantagem um pouco maior, ele deixa de ser desejável.
2. A punição não precisa utilizar o corpo, mas a representação.
3. A pena deve ter efeitos mais intensos naqueles que não cometeram a falta.
4. É preciso que a idéia de cada crime e das vantagens que se esperam dele esteja associada a idéia de um determinado castigo, com as desvanta-

gens que dele resultam.

5. A esperança da impunidade não pode precipitar-se no silêncio da lei.

Na CPF os castigos mais severos tomam um ar de naturalidade e terminam por gerar condições diagnósticas capazes de promover o escoamento das pessoas incômodas para o Manicômio Judiciário. No entender de Foucault, isso deve ser feito de modo

"Que a lei pareça ser uma necessidade das coisas, e que o poder aja mascarando-se sobre a força suave da natureza (1984:95).

O castigo é temido numa intensidade que parece desproporcional uma vez que não há espancamentos, mas apenas o isolamento da pessoa na sua própria cela. Quando prolongado, este isolamento é considerado insuportável. Foucault lembra que

"A solidão é a condição primeira da submissão" (1984:212).

O temor do castigo é temor dessa submissão, dessa morte viva.

As presas referem-se a castigos de uma a duas semanas e até um a três meses, e dizem que "uma pessoa de mente fraca", marcada por castigos frequentes, "endoidece". Demonstram com isso uma nítida compreensão do processo que conduz ao Manicômio Judiciário e dizem: "Foi assim que endoideceram fulana".

Um outro estigma que se soma ao de presa, desviante, delinquente, é o de "louca" ou "periculosa", transformando as pessoas em "seres humanos monstruosos", enquadrados nas medidas de segurança.

"...envolta no manto de uma retórica generosa, o direito penal lançou mão de outro tipo de mecanismo mais impiedoso, desumano e eficiente, para lidar com eles: as medidas de segurança", (1983:109).

é como Thompson vê a medida de segurança.

Na CPF existem três celas de segurança que as detentas chamam de "Japão", afastadas do recinto, para fins de castigos mais severos. É uma penalidade muito temida, pois implica um absoluto isolamento, dada a distância destas celas em relação ao ambiente comum e as precárias condições sanitárias e de acomodação. A comida é entregue pelo vigilante através das grades, único contato humano mantido. Lemgruber expressa muito bem que este tipo de cela

"...configura a idéia de prisão dentro da própria prisão" (1983:85).

Frei Beto que passou por esta experiência diz sobre a cela:

"Sofrimento e imundície se mesclam onde o homem foi reduzido à condição de animal de jaula" (1985:232).

O "Japão" era um castigo usado com certa frequência e as presas afirmam que a diretora circulava pelo pátio dizendo:

"Nunca mais mandei ninguém para o Japão".

Com as visitas da OAB de Pernambuco e do Conselho Penitenciário, a instituição foi reduzindo essa forma de castigo até sua extinção. Tive oportunidade de constatar algumas mu-

O castigo funciona como um estímulo de aversão, visando à modelagem das condutas, através da utilização de um treinamento coercitivo do corpo, dentro do modelo positivista skinneriano.

Teoricamente, a instituição visa a reabilitação destas mulheres, da vida "desviante" que levavam, o que não ocorre. As mudanças obtidas através do reforço negativo não são consistentes, pois não atingem as causas geradoras do comportamento.

As detentas referem com frequência que depois da cadeia ninguém consegue mais trabalho, tendo que voltar a vender maconha, fazer descuidos e retornarem ao trabalho na zona, como único meio de subsistência. Em função do estigma adquirido com a prisão, não encontram mais espaços no mercado de trabalho. São raras as mulheres que manifestam esperança na possibilidade de mudança do seu esquema de vida.

O objetivo principal do Sistema Penitenciário não é propriamente a recuperação dos indivíduos considerados desviantes, mas sobretudo evitar, pela intimidação, a ocorrência de novos comportamentos infratores. Função semelhante é exercida pelos Manicômios, judiciários ou não. As chamadas ciências humanas, como afirma C. H. Escobar,

preparam os serviços sociólogos, psicólogos, pedagogos e outros profissionais que tramam o abafamento dos protestos e do processo dos discursos oprimidos (1974:4).

Não encontramos na CPF nenhum projeto integrado de reeducação e reabilitação das mulheres detidas. Os técnicos trabalham isoladamente, quando se faz necessária sua intervenção, nas ocorrências perturbadoras do equilíbrio do sistema institucional. A ocorrência do crime não é pensada, questionada ou discutida pela instituição e pela sociedade. Ela é apenas colocada sob controle e julgamento, numa forma de isenção de responsabilidade por parte do poder constituído, gerador de um estado social anômico, favorável ao surgimento dos "desvios".

A história da prisão é mostrada por Foucault como um projeto fracassado da sociedade que não reduz o índice de criminalidade nem recupera o delinquente:

"... a prisão, em sua realidade e seus efeitos visíveis, foi denunciada como o grande fracasso da justiça penal" (1984:23).

#### EM SUMA

Ouvindo e observando, descrevi a CPF contextualizada em meio a um religiosismo que impregna a vida de toda a instituição: embasa estruturas, produz normas, programa comportamentos e tenta prevenir pecados, reabilitar "desviantes", culpabilizar consciências, transformar pessoas.

Esse religiosismo tem raízes ocidentais arcaicas e se expressa na CPF de forma mais repressora do que libertadora das pessoas, conforme se observou pela fala das detentas. Neste sentido, esse religiosismo difere em muito dos gestos libertadores e humanos de Cristo para com os pobres e pecadores, descritos nos Evangelhos.

A proposta pretensamente reabilitadora é desmascarada pelo cotidiano da instituição que, como toda prisão, massifica, destrói individualidades, estimula a desconfiança e a hostilidade, despersonaliza, viabiliza o próprio "desvio" que quer combater.

As metas da instituição não se fazem sentir na direção de valorizar a pessoa humana, mas de contê-la e moldá-la. Nisso, a CPF reproduz na prática, com sutileza, a opressão de que já foram vítimas as detentas antes da prisão. Esse processo sutil parece marcar na CPF a eficiência e a intensificação da repressão. De forma suave e legítima a instituição oprime as mulheres que pensa reabilitar. E por ser legítimo e suave, o processo transcorre aos olhos da sociedade como se fosse "natural", como se não fosse repressivo. Essa relação instituição/indivíduo pode ser pensada nos termos em que Rousseau a coloca no Contrato Social :

"O mais forte nunca o é bastante para ser sempre o amo, se não transformar sua força em direito e a obediência em dever" (Id:30).

## Capítulo Quarto

Sexo e Repressão na CPF.

" Se se admitir que o limiar de toda cultura é o incesto interdito, então a sexualidade, desde tempos imemoriais, está sob o signo da lei e do direito".

Foucault

## INTRODUÇÃO

Nesta última parte do trabalho, procedo intencionalmente a uma mudança do discurso. O que antes era teórico, passa pelo observado e pelo vivido, gerando um outro discurso, menos abstrato e mais específico. Na essência desta etapa, está o fato de que as informantes são co-autoras do trabalho. Emerge da plurivocalidade este momento, onde a autora funciona como interlocutora, tendo seu discurso relativizado.

Concedo a palavra às mulheres detidas na CPF, sem contudo me afastar do papel que tenho, como pesquisadora, e sem mascarar o objetivo que inspira este trabalho. Proponho-me uma antropologia da transformação e não da confirmação.

As muitas falas que se seguem são marcadas por frequentes denúncias, diante das quais teço comentários e interpretações que, oxalá, clareiem as metas e os caminhos possibilitadores de acertos.

Procuro evidenciar a sexualidade vivida na CPF, as formas dessa vivência e o modo como a instituição administra suas possíveis manifestações. O controle da sexualidade é uma das formas pelas quais a instituição exerce o seu poder. Apresento os dados que parecem validar a hipótese antes levantada, ou seja, como a instituição total e religiosa intensifica a repressão sexual vivida antes da prisão, pelas mulheres.

A punição das transgressões sexuais faz parte do mecanismo de sustentação institucional que não legitima as práticas transgressoras, antes as estigmatiza, embora dependa delas para ter oportunidade de afirmar a sua autoridade e austeridade.

Trato as histórias de vida enfocando a sexualidade vivida e pensada pelas mulheres em contextos e momentos diferentes de suas vidas: na casa dos pais, na casa do primeiro parceiro, em casa de outros parceiros, sozinha ou com os filhos, na prisão e em seus projetos após a prisão. Nas diversas situações procuro compreender quem controla e reprime a sexualidade e de que forma o faz.

A saída de casa muito cedo, a precocidade das relações sexuais e a curta permanência com o parceiro são expressões claras de uma vivência reprimida da sexualidade.

Objetivo com a análise das histórias de vida, explicitar o processo de repressão sexual vivido pelas detentas em suas vidas, e intensificado na prisão que, além de ser uma instituição total, tem um contexto religioso negador do sexo. Este contexto é produtor de uma sexualidade "desviante" e culpabilizante.

#### A POPULAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Os dados apresentados neste capítulo referem-se à população geral da CPF, que durante a pesquisa variou entre

50 a 73 detentas. Os depoimentos diversos foram obtidos nos contatos e entrevistas informais na convivência estabelecida com elas, durante dois anos. As histórias de vida foram colhidas entre dezesseis mulheres que estavam em regime fechado de internamento, ou seja, sem direito a saídas em fins de semana, e que já se encontravam na CPF há mais de seis meses

Através de alguns quadros caracterizo esse universo quanto à faixa etária, artigos do Código Penal Brasileiro em que estão enquadradas e tempo de permanência na CPF. Faço uma pontuação das expressões mais frequentes encontradas nestas histórias. O quadro abaixo enfoca características gerais deste universo.

QUADRO II. UNIVERSO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

N	IDADE	TEMPO NA CPF	ENQUADRAMENTO	PENA	INSTRUCAO	FILHOS
1	23	3 anos	Art. 157 <sup>1</sup>	46a	6a s.	1
2	21	1a. 6m.	Art. 157	--	5a s.	-
3	28	1a. 8m.	Art. 121 <sup>2</sup>	16a.	1a s.	2
4	22	2a.	Art. 157	15a.	8a s.	2
5	33	4a. 6m.	Art. 121	43a.	analf.	7
6	23	1a. 6m.	Art. 12 <sup>3</sup>	6a.	8a s.	3
7	33	4a.	Art. 157	12a.	5a s.	2
8	28	1a. 6m.	Art. 12	--	3a s.	2
9	24	3a. 3m.	Art. 121	13a.	2a s.	1
10	32	10m.	Art. 12	4a.	analf.	2
11	24	1a. 6m.	Art. 157	2a.8m.	6a s.	2
12	27	2a. 6m.	Art. 12	3a.	4a s.	2
13	21	2a. 6m.	Art. 12	3a.	5a s.	-
14	36	2a. 6m.	Art. 121	12a.	4a s.	3
15	44	9m.	Art. 12	3a.6m.	analf	10
16	45	6m.	Art. 12	6a.	1a s.	2

1. Homicídio.

2. Roubo, assaltos.

3. Lei de tóxico em vigor que "dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito de substâncias entorpecentes ou que determinam dependência física ou psíquicas e dá outras providências.

As detentas participantes destas histórias de vida são jovens, situando-se a maioria na faixa de 20 a 29 anos conforme o quadro abaixo:

QUADRO III. Distribuição de idades das informantes nas histórias de vida.

Faixa etária	Número de mulheres	Percent.
De 20 a 29 anos	10	63%
De 30 a 39 anos	04	25%
De 40 a 45 anos	02	12%
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>

As mulheres escolhidas, segundo os critérios já indicados no primeiro capítulo, para estas histórias de vida, enquadram-se em três artigos do Código Penal Brasileiro:

QUADRO IV. Enquadramento das informantes nas histórias de vida no Código Penal Brasileiro

ARTIGOS	Número de mulheres	PERCENT.
12	07	44%
157	05	31%
121	04	25%
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>

A predominância do enquadramento no Art. 12. (tráfico de drogas) foi um dado constatado desde o início da pesquisa, no universo global da CPF. O Art. 157 (roubos, assaltos) também é muito frequente na população carcerária.

No final desta pesquisa, predominava porém o enquadramento no Art. 121 (homicídio). Os índices variam muito, mas o enquadramento nestes três Artigos é predominante na CPF.

Para uma visualização sinótica das histórias de vida, pontuo algumas expressões das 16 informantes que foram mais frequentes nos relatos. Como estas histórias não obedeceram a um esquema rígido, foi permitida a livre expressão das detentas no tocante às vivências da sexualidade no decorso de suas vidas. Observo por isso, que há uma relatividade na frequência das expressões que apresento no quadro a seguir.

#### QUADRO V. EXPRESSÕES MAIS FREQUENTES NAS HISTÓRIAS DE VIDA

---

Eu me perdi (entre 10 e 15 anos).....	88%
Não tive nenhuma orientação sexual na vida.....	81%
Aqui as mulheres têm parceiras.....	75%
Primeira relação sexual: foi ruim.....	69%
Meus pais eram muito pobres.....	69%
Tive uma infância muito ruim.....	69%
Gosto de sexo e sinto falta.....	63%
As mulheres se masturbam.....	50%
A diretora humilha a gente.....	50%
Trabalhei na zona.....	44%
Fui expulsa de casa.....	38%
Não quero mais viver com homem nenhum.....	37%
Meu pai era muito ruim.....	37%
Quando sair vou viver com mulher.....	25%
Minha mãe era muito ruim.....	25%
Primeira relação sexual: foi boa.....	19%
Fugi de casa.....	14%

---

É importante observar como o "eu me perdi" vem

... falta de orientação sexual T.....

experiência negativa. A condição de pobreza parece intimamente associada à infância ruim. É forte também a indicação do homoerotismo na CPF.

#### A SEXUALIDADE DAS MULHERES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

"Sexo, na minha vida, foi uma coisa muito sofrida. Se eu tivesse de voltar atrás, eu ficava moça velha".

(Uma detenta)

Este item visa detectar a sexualidade vivida e pensada pelas mulheres a partir das histórias de vida por elas narradas. Seleccionarei apenas os registros, referentes à sexualidade, relativos aos seguintes momentos e contextos de suas vidas:

1. Na casa de origem: condições socio-econômicas dos pais e sua influência na orientação, no apoio ou repressão quanto à iniciação sexual.
2. Na convivência com o primeiro parceiro, cujo rito de passagem é, quase sempre, o "eu me perdi".
3. Em outras situações, após o primeiro parceiro, ou a vivência a sós com os filhos.
4. Na CPF, onde está privada do contato heterossexual.
5. Na perspectiva do retorno à sociedade e na vivência futura da sexualidade.

Na casa dos pais

A condição de estarem presas está intimamente ligada à condição de serem pobres. A maioria das mulheres da CPF é oriunda de famílias muito pobres, o que acarretou grandes sofrimentos em suas vidas. O estado de pobreza ocasionou em grande parte a decomposição da estrutura familiar. O lar empobrecido tem gerado dificuldades concretas à continuidade da "vida em familiar", e os membros que se tornam pesados à subsistência são impelidos a retirar-se.

Algumas expressões das detentas revelam o estado de pobreza de onde provêm.

"Eu nunca tive pai, nunca tive ninguém. Vivia só com minha mãe. A gente era muito pobre e eu acordava às cinco da manhã pra carregar água de ganho...". (Clara)

"Vivemos na miséria, passamos muita fome, como eu me lembro disso!". (Dulce)

"Meu pai era pobrezinho, mas ajeitava a gente, e a vida era melhor do que quando casei". (Glória)

"Minha família era pobre. Mamãe lavava roupa e eu ajudava, mas nunca ganhava um trocado para um sapato ou um vestido. Pedia, ninguém dava". (Guida)

"Sou de família pobre e tive a vida muito apertada, foi tudo muito ruim". (Graça)

" Não sei quem são meus pais, não tenho nada de bom na história da minha vida, tudo foi muito ruim. Meus pais adotivos eram muito pobres, e eu não tinha canto pra viver". (Maria)

Com estas declarações, elas culpam a pobreza e sobretudo a miséria pela desagregação de suas famílias de origem. No entanto Glória tem saudades da infância e atribui

sua infelicidade ao próprio casamento. Guida lamenta a impossibilidade de satisfazer sua vaidade adolescente. Na sua maioria foram infelizes na infância.

Em alguns casos é a própria mãe que força a filha a sair de casa, para diminuir as despesas com a manutenção da família. Este é o caso de Roberta, que assim se expressa:

"Conheci um cara quando tinha 10 anos, e minha mãe me obrigou a ir embora com ele. Ela jurava me matar, até que um dia botou minha roupa fora de casa, e me expulsou. Tive de ir com ele."

A saída de casa foi para Roberta a passagem para uma vida sem nenhuma perspectiva e deu origem a um ciclo de parcerias e abandono e de desespero.:

"... tive um filho dele nessa idade ... voltei pra minha vó... depois tive dois filhos de outro ... não tive sorte com nada nem com homem ... não tenho medo de nada mas sou tão revoltada!"

Entre as histórias de vida, apenas Graça e Luiza afirmam ter recebido alguma orientação sobre menstruação.

"Minha mãe gostava da gente e a gente dela. Até me ensinou a ser moça." (Graça)

"Menstruei aos treze anos, mas sabia das coisas, porque minha madrasta explicava tudo". (Luiza)

A observação mais geral é a inexistência de qualquer orientação sexual.

"Até eu me perder eu não sabia de nada da vida sexual. Aprendi com o tempo". (Guida)

"Nada me ensinaram em casa, desde a menstruação aprendi com minhas colegas. (Rosa)

" Não sabia nada de sexo, se era bom, como fazia o troço. Eu sabia que existia, mas não como era."  
(Maria)

"Nunca tive carinho nem orientação nem infância".  
(Marta)

Este silêncio acerca do corpo feminino é um traço cultural presente em todas as camadas sociais e permite a dominação do homem sobre o corpo da mulher.

É generalizada a queixa sobre a falta de informação acerca de um passo decisivo da sexualidade feminina que é a menstruação.

"Quando menstruei, chorei muito, porque não sabia o que era. Cheguei em casa toda melada". (Clara)

"Menstruei aos 15 anos, sem nada saber. Pensei até que tinha me cortado e cheguei em casa chorando".  
(Lia)

"Nada me ensinaram em casa. Foi meu marido que me ensinou tudo". (Jane)

O corpo feminino, envolto em mistério, é silenciado nas suas funções de menstruar, procriar, dar e sentir prazer.

Essa casa pobre, essa família que não dá orientação sexual é também o lugar da repressão moralista contra a menina. As queixas de se sentirem presas em casa são frequentes.

"Perder a virgindade, naquela época, para os meus pais, era coisa muito séria. Mamãe queria que eu casasse. Eu não quis, mas tive que sair de casa. Fui pra rua". (Guida)

"Eu era uma pessoa muito presa em casa. Saí de ca-

sa para me ver livre de minha mãe. Papai também se aborrecia e jogava minhas coisas na rua" (Lia).

"Meus pais eram uns carrascos, e eu não podia ir nem à reza de um terço, e muito menos a uma festa. Não adianta prender, porque aí, é que os filhos se soltam mesmo". (Marta)

A primeira gravidez não legitimada acarretou para algumas das detentas o início de sua carreira de "mulher da vida".

"Em casa não me aceitaram, e tive que dormir na rua vários dias". (Clara)

"Meu pai soube e me deu uma foiçada na cabeça e me botou pra fora de casa". (Dulce)

"Eu estava grávida com 12 anos e mamãe não me quis". (Jane)

"Quando aconteceu, eu botei na cabeça que mamãe ia saber e não me aceitaria em casa. Fugiu para a casa de minha vó". (Marina)

O doméstico repressor é marcado sobretudo pela figura da mãe que repassa para a filha a opressão de que foi vítima.

O cotidiano feminino nesta classe social tem sido marcado pela pressão da necessidade de trabalhar, pela pobreza em que vivem e pelo controle da sexualidade. A mãe que já viveu experiências negativas em suas relações e parcerias prende a filha em casa, numa forma de preservá-la. Estas pressões agilizam a entrega da menina ao parceiro seja para se ver livre da mãe, da pobreza em que vive, ou da casa que a reprime. A precocidade das condutas resulta em contínuas mudanças de situações, tentativas circulares de

fuga à repressão, cujo saldo é quase sempre o início de uma crescente marginalidade que termina na prisão.

Este quadro é reforçado na CPF quando novamente confrontadas com a repressão sexual, as detentas têm de viver secretamente a sexualidade, numa nova circularidade não apenas de parceiras mas de formas alternativas desta vivência. A concepção religiosa da sexualidade como pecado, torna feio e envergonhante o desejo que só pode ser satisfeito na transgressão. Daí ser chamado de "safadeza", "saboeira" e "pecado". Por isso também se proíbe duas mulheres juntas e o uso de roupas "imodestas", como meios de se evitar a provocação do desejo.

#### Na casa do primeiro parceiro.

O rito de entrada que define este novo momento da vida sexual das mulheres da CPF, é quase sempre o "eu me perdi". Contudo, este "perder-se" marca também a tentativa de "achar-se", quando a menina entrega-se ao parceiro, para livrar-se da casa dos pais. A expressão caracteriza a supervalorização da virgindade feminina numa sociedade patriarcalista, regida por uma dupla moral. Algumas mulheres expressam essa vivência e apenas uma a questionou.

"Aos 11 anos eu me perdi. Por que o homem nunca se perde? ... No dia seguinte fui procurá-lo pra gente viajar e ele tinha ido nozinho. Eu me revoltei tanto, que minha mãe desconfiou de mim, e resolvi fugir pra casa de minha vó. Conheci

outro rapaz, mas como eu não era mais virgem a família dele não quis". (Marina)

"Esse primeiro namoro foi coisa só de três dias. Ele tirou o cabaço<sup>1</sup> e deu no pé". (Luiza)

É frequente o desencanto, por ter sido ludibriada com a primeira relação, quase sempre sonhada como projeto de libertação. Outras vezes é igualmente frustrante a vivência prematura com o parceiro.

"Quando eu me juntei, com 11 anos, era tão pequena que nem tinha peito". (Roberta)

"Eu chorava pra não ter relações com ele e pedia pra ir embora. Como é que uma criança de 12 anos pode gostar de um ato sexual?". (Jane)

"Me perdi com ele. Eu tinha 15 anos, não tinha experiência nenhuma, mas fiquei com ele dois anos e meio". (Graça).

"Eu fugi com um homem tão preguiçoso e não casei nem nada até hoje. Deixei ele com três meses". (Maria)

Estes malogros estão relacionados com a precocidade e a falta de amor da relação estabelecida, ocasionada pela insegurança econômica e agravada pelo machismo de nossa sociedade. É frequente a curta convivência com o parceiro que se tornou não o sonho dourado, mas a própria experiência desagradável, tanto na primeira como noutras relações sexuais.

É comum a referência à primeira relação sexual como uma experiência negativa.

1. O termo significa na gíria popular, desvirginizar.

"Me lembro que quando ia abrindo os olhos ele estava em cima de mim e me penetrou de vez. Foi uma dor muito grande e gritei. Como estava dopada fiquei dormindo e no dia seguinte ele deboxou de mim dizendo que eu não era mais virgem". (Dulce)

"Só fui pra cama com dezoito anos, mas foi horrível. No começo, os carinhos, foi bom. Mas o ato mesmo achei péssimo, doeu muito". (Lucia)

"A primeira noite com ele foi horrível. Ele era muito ignorante, não tinha amor. No primeiro encontro foi feito um bicho, um animal comigo. Eu me arrependi, não gostei nenhum tiquinho. Eu acho que os homens não amam porque não têm amizade, não têm afeto". (Maria)

A marca negativa da primeira relação é algumas vezes sanada por relações posteriores mais positivas. Contudo, muitas mulheres guardam o sabor amargo desse primeiro contato e apesar do desejo que experimentam, vivem com dificuldade novas experiências.

#### Em outras situações, com outras parcerias.

O malogro da primeira parceria desencadeia uma sequência de vivências, quase sempre, de parcerias e de abandono. Isto vai caracterizar a composição de uma família com vários filhos de diversos pais. Luiza espelha bem essa realidade.

"Tive vários homens. Passei dois anos com um e tive dois filhos, com outro cinco anos e tive um filho. Com outro passei quatro anos e tive dois filhos e com um outro, oito meses e tive um filho também. Eu sei que ao todo são dez filhos, tem três mortos e sete vivos".

Luiza tenta uma explicação para essa instabilidade e culpa seus parceiros.

"Era pra eu ter tido uma casa e um homem certo, mas nessa vida a gente só arruma cabra safado, caceteiro<sup>1</sup> .. São muito caceteiros e eu não gosto de apanhar, por isso mando eles ir embora".

Luiza se revolta contra os homens pela forma como estes se apropriam de seu corpo, e não admite ser objeto dessa violência machista. Marina também se decepciona e se entristece com os maus tratos de seus parceiros.

"Depois do segundo eu endoidei a cabeça e achei que não tinha sorte com homem. Me danei no meio do mundo e fui pra zona. Lá, com alguns homens, encontrei boas emoções e com outros muita tristeza, porque ao pagar faziam humilhações. Caso não aceitasse sexo oral ou anal, eles me batiam. Nessa hora a tristeza também batia".

Experiências positivas de uma nova relação também podem ocorrer, embora sejam raras. Este é o caso de Jane.

" Só conheci o prazer com meu atual marido e com quem vivo há sete anos. Mesmo assim ainda cheguei pra ele tendo repugnância de homem. Ele soube me fazer mulher, pessoa, e não um fantoche".

Algumas mulheres passaram a viver, a partir da segunda parceria, uma sequência diversificada de experiência, como é o caso de Marta.

---

1. Caceteiro, segundo elas, é o homem que gosta de bater na mulher.

"Quando deixei meu marido, meu pai não me quis mais em casa. Então fui trabalhar em casa de família e depois fui pra zona, pro fumo, e por fim pro pico. Fui mulher por sujeição só por dois anos".

A coesão de uma gang também pode dar a mulher o mínimo de solidariedade e compreensão que lhe faltou na vida. Nesta situação dramática se encontrou Clara.

"Entre na "banda voou" com um grupo que fumava maconha e roubava. Embora fosse um grupo da pesada, foram eles que me deram apoio e compreensão. Tive que deixar o Beto que não queria assumir o filho, porque desconfiava de mim. Fiquei com Carlos, mas não gostava dele, gostava era de Beto. Foi terrível ver Beto ser morto pela polícia, nos meus pés, e nada poder fazer. Na delegacia me torturaram para eu falar dele, e apanhei muito, mas nada falei. Quando mataram Beto o mundo acabou pra mim. Tentei suicídio na delegacia e aqui na CPF."

A seqüência dos malogros se abre em leque para as mulheres deixadas à margem do sistema produtivo. A fuga ou expulsão de casa para trabalhar ou para livrar-se da repressão, a experiência negativa com a primeira relação sexual, com novos parceiros, a busca da subsistência na prostituição ou no tráfico de maconha, a participação em gangs ou grupos organizados de assaltos, apresentam-se como produto da repressão e da marginalidade em que viveram as mulheres.

#### **O sexo na CPF.**

A sexualidade é intensamente vivida na CPF, assumindo as características específicas de um grupo confinado a

unissexual. A impossibilidade da heterossexualidade aquece a fantasia e multiplica os códigos sexuais. Informações mais gerais indicam que a sexualidade é vivida apesar de todo o controle.

"Muita gente aqui transa, porque na falta de oportunidade qualquer transa serve. Sexo aqui é proibido". (Dulce)

"Aqui tem muita mulher safada, só vivem de saboeira". (Glória)

"Aqui há muitos canais, mas eu acho errado" (Jane)

"Aqui o povo se resolve de todo jeito: com vela, com tubo de desodorante, com o que tiver. O problema maior dessa cadeia é esse". (Guida)

"Aqui a maioria encontra mais afeto das outras do que de certos homens". (Graça)

"Aqui quase todo mundo tem seu parzinho. Se tivesse encontro conjugal, como nos homens, acabava com toda essa saboeira daqui. Mesmo com a vigilante de olho, sempre se dá um jeitinho de estar com a mulher que se gosta". (Marta)

Estes discursos são muito apontadores da sexualidade alheia, mas de certo revelam também a sexualidade das falantes.

Algumas formas de vivência sexual são mais tabuizadas que outras, como é o caso da masturbação.

"Acho que a turma aqui se masturba, mas são as tais que dizem que não. As freiras dizem que masturbação é pecado". (Clara)

"O desejo fica como pode. Não é prisão só física, é moral é sexual é tudo. O remédio é a masturbação." (Jane)

"Muita mulher faz sexo nela mesma, é uma besteira né?". (Roberta)

O ambiente religioso da CPF e a presença constante das freiras deixam suas marcas na vivência sexual das detentas. O prazer sexual é conflitante com o ambiente da CPF, impregnado do sagrado, onde a castidade é a proposta idealizada.

"Aqui tudo é chamado de saboeira. A Irmã passa muito carão por isto e diz que é sujo". (Graça)

"A Irmã incarna em quem tem mulher aqui. Diz que é pouca vergonha e safadeza." (Luiza)

"As freiras são muito maliciosas e dizem: 'olha esse negocinho aí', quando vêem a gente com uma amiga. Elas gostam de ouvir as caboetas entregarem as colegas que têm parceiras aqui". (Clara)

"Parece que há um prazer das freiras em humilhar a gente. Elas só vêem na gente mulher pecadora". (Dulce)

As amizades homoeróticas ou não são sempre vividas sob suspeita e alvo da vigilância, da caboetagem e da fofoca. A denominação pejorativa atribuída à sexualidade pelas irmãs é assimilada também pelas mulheres presas que a ela se referem como "saboeira" e "safadeza".

"Aqui, se a gente conversa dez minutos com alguém, é chamado de saboeira e as vigilantes mandam se afastar". (Clara)

"as mulheres quando vêem outra se beijando vão na portaria caboetar. Na TV, uma não pode se encostar na outra, que já pensam que é sabão". (Dulce)

"Aqui há muita maldade de dizer, de fofocar, de suspeitar da gente. Basta a gente ter uma amizade, fica logo julgado como se fosse um caso. A maldade maior é sobre o sexo. Tudo é chamado de saboeira, e é o que mais sai aqui. É a coisa mais importante daqui". (Graça)

É bem explicitado por Graça que o sexo é a coisa mais importante da CPF. Essa importância é proporcional à proibição e à repressão. Mais uma vez a força do sexo se contrapõe à norma institucional. Algumas mulheres, no entanto, encontram formas de afastar o desejo.

"Acho que não posso viver sem sexo, mas penso que a gente pode dar um jeito, afastar o pensamento. Quando estou com desejo boto pra pensar nos bons momentos, e sonho, sonho muito". (Marina)

"Eu sinto vontade de sexo, mas aqui eu procuro tirar da cabeça e dá pra ir levando". (Maria)

"Tenho muito desejo de sexo, mas procuro tirar logo da cabeça e me resolvo assim. Aqui a gente tem que esquecer isso". (Lia)

Quando a auto-repressão não detém o desejo, ele se sublima no sonho e na fantasia, como é o caso de Guida.

"Escrevo meus poemas como uma forma de desabafar a falta que sinto dele (companheiro), e da vida em liberdade".

Algumas relações homoeróticas são veladamente expressas.

"Uma mulher se interessou por mim, mas éramos amigas só". (Clara)

"Marcia dá em cima de mim...". (Dulce)

Outras relações, porém, são claramente assumidas.

"Aqui todo mundo sabe que eu gosto de Rosa". (Roberta)

"Ela me dá carinho e a gente tem muito afeto. Não dá pra muita coisa, mas a gente troca beijinhos e barrinhos." (Rosa)

Muitas outras expressões de sexualidade são

explicitadas na CPF. O poema de Guida é um exemplo disto.

### MOMENTO DE SAUDADE

Num momento de saudades quando não suportei a  
solidão,  
Tentei abafar no silêncio,  
O desejo de ter você comigo  
Mas não consegui.  
E a única solução foi desabafar comigo mesma  
Essa insuportável paixão.  
Esse papel foi o amigo mais próximo  
E mais íntimo para meu desabafo  
Sua presença me traz a felicidade  
Que nada mais conseguiu trazer.  
Aprendi com o tempo  
Que não posso viver sem você  
E com a saudade.  
Quanto você é importante para mim!  
Aqui vai minha mensagem em pensamento de amor  
Entenda-me, somos dois em um  
E a separação de você por um momento  
É como se uma parte de mim tivesse ido embora.  
A importância da vida, o valor do amor,  
A dor da saudade, o real encanto da beleza  
Calcula-se simplesmente no prazer de amar,  
De amar você.  
Fico às vezes nas madrugadas frias  
Olhando o alto, "roendo unhas"  
Contando estrelas, sonhando com você  
Ao meu lado, sorrindo, acariciando este rosto  
macio  
E sentindo o sabor destes beijos doces.  
Eu lhe juro, é demais ter que sonhar.  
Se na realidade você está longe daqui,  
Saiba onde você estiver,  
Lá estará meu coração também.

Outros escritos são simples desabafo e contêm  
algumas expressões acerca do sexo. Um queixam-se da  
discriminação que lhes é feita como mulheres presas.

"Eu preciso de sexo e não posso ter. Por que os  
homens podem e nós não? Por que os presos têm mais  
direitos do que nós? Eu acho que do mesmo jeito  
que os homens precisam de sexo, nós também preci-  
samos".

"Meu marido está preso e tem direito a visitas  
conjugais. Eu não posso ir lá, como é que vai

ficar nosso casamento?".

Outras procuram meios para se libertar do desejo.

"Eu às vezes fico pensando em sexo quando estou deitada. Fico lembrando e começo a chorar. Mas depois eu tiro da cabeça".

"Quando a vontade aperta, eu rezo e procuro tirar o pensamento da cabeça".

"Ontem pela manhã senti muitas vontades sexuais, mas procurei conversar com as presidiárias, tentei tirar meus impulsos, me comuniquéi bastante com as outras, daí me esqueci. A noite tomei um calmante de nervos, fumei um pouco, lembrei de meu marido, se ele estava mantendo sexo com outra, depois senti que eu não devia me preocupar com isto, senão eu terminaria louca".

"Quando tenho desejos, aí eu me lembro dos bons momentos, às vezes até choro. Mas rezo e peço a Deus pra me esquecer".

Esta estratégia de "tirar da cabeça", expressa a orientação religiosa de que se deve afastar os maus pensamentos.

A expressão da sexualidade também se faz sentir na troca de favores. Pequenos cuidados e gentilezas são carregados de simbolismo erótico. Olhares também são trocados, em verdadeiros códigos afetivos. As conversas entabuladas nos pequenos grupos são, com muita frequência, sobre as lembranças de suas experiências sexuais ou programações para futuros encontros. Toques, discretos afagos e beijinhos são roubados aos olhares das vigilantes e das caboetas. Por vezes, alguém tenta desafiar e diz em alto e bom som:

"Aqui todo mundo sabe que eu gosto de fulana, e daí?".

A sexualidade também se expressa na forma sensual de vestir e de dançar, que o grupo de teatro oportuniza. Tratarei deste assunto no último item deste capítulo. A quadrilha de São João também permite que as identidades sexuais aflorem, legitimadas pela necessidade de algumas mulheres se travestirem de cavalheiros na formação dos pares.

As médicas ginecologistas afirmam que algumas queixas das mulheres têm relação com a abstinência sexual, embora sejam raras as referências explícitas da carência. Dores no baixo ventre e insônia são as mais gerais. As médicas admitem também que a constante procura de seus consultórios refletem a necessidade que as mulheres têm de falar do próprio corpo, de ser tocada, examinada, de ser alvo de atenção. Neste sentido a doença assume uma função social. Tudo isto revela o drama humano da CPF.

Houve queixas de que os exames médicos são pouco cuidadosos e pouco assépticos e que também são utilizadas expressões pouco respeitosas:

"Lavou isso hoje?"

"Com quantos homens você transa?"

"Sua doença é falta de homem".

Encontrei outras expressões menos comuns. Clara escreveu o nome do amante no solado do pé. Rosa dava comida na boca da companheira que voltou do julgamento com uma pena

muito longa a cumprir. Clara também se identificava com a mulher que desejava conquistar na forma de vestir, de pintar o cabelo e de andar. Uma delas apaixonou-se pelo irmão, pois era o único homem que a visitava.

As diversas manifestações de sexualidade são facilmente percebidas por quem se aproxima empaticamente da comunidade. A fantasia arquiteta os projetos de conquista e de prazer. Cada prazer obtido tem seu preço, podendo ser flagrado, denunciado e castigado. É compensador, no entanto, o desafio que se contrapõe aos riscos e proibições. Isso dá a certeza de ainda poder, de ainda ser, de ainda estar viva e desejosa.

As expressões todas indicam a força com que a sexualidade é vivida na CPF. Ela parece refinar-se sob a repressão, encontrando formas alternativas e criativas de expressão. Passa a reinar na instituição o que Foucault chama de "a monarquia do sexo".

#### As perspectivas de vivência da sexualidade após a prisão.

A liberdade é para as mulheres da CPF um sonho ambivalente. Suas perspectivas sexuais também estão matizadas pela mesma ambivalência. Observa-se, pelos discursos, que ocorrem algumas mudanças na futura forma de viver a sexualidade, a partir de vivências positivas ou negativas com parceiros, ou a partir de formas alternativas

vividas na CPF. Em alguns casos é clara a desistência de um parceiro fixo. Esta desistência procede, em muitos casos, de experiências negativas com parceiros, antes da prisão. Na CPF, a abstinência heterossexual e o encontro de satisfação em relações homoeróticas, reforça o desânimo em tentar novas relações com os homens.

" Não me aperreio com negócio de homem. Já sofri tanto que fiquei fria pra homem. Da rua tenho saudade da liberdade, mas não dos homens. Hoje eu gosto de mulher". (Roberta)

"Quando sair daqui, não quero mais homem não. Não tive sorte com eles. Vou tentar trabalhar e viver com minha filha, embora não tenha uma casa pra morar nem uma cama pra dormir". (Lia)

"Acho que não vou mais viver com homem nenhum acho que não vale a pena insistir. Vou lutar pelos meus filhos". (Marina)

O desapontamento das mulheres em suas relações com os parceiros provoca mudanças no sistema de vida da família. Ora elas não suportam os maus tratos, ora não encontram nos parceiros o apoio necessário à ajuda de criar os filhos. Nestes casos preferem viver sós.

Maria, contudo, programa suas futuras relações, num claro desejo de maior segurança.

"Eu prefiro um velho, porque foi um desse que me deu carinho e é mais responsável. No fim é bom ter um homem, mas quero viver com ele no sério. Isso pra ele me proteger e eu ter minha casa. É muito ruim viver pelas casas dos outros. Também mulher sozinha não é bom. Tendo marido a gente é respeitada e mulher sozinha não tem valor, é falada".

Os sonhos de Maria são os sonhos da maioria das

mulheres em nossa sociedade, cuja identidade se define como um ser em relação com o homem. Ela não é. Ela é segura, respeitada, considerada, na relação com o homem.

Algumas detentas expressam preocupação com seu futuro relacionamento afetivo e sexual. Diz Jane:

"Agora a vida vai ficar mais difícil porque a polícia está procurando ele e a gente não pode se ver. Vai ser difícil viver como a gente vivia antes com tanto amor e compreensão, pois a gente se entende muito".

Outras mulheres também expressam seus receios:

"Quando recebo uma visita, e um homem se aproxima de mim, chega fico toda gelada. Mesmo assim, eu acho que quando sair daqui, vai ser difícil retomar a vida sexual vou ter medo de encarar de novo um homem". (Guida)

"Sei que não posso viver sem sexo, mas não sei o que é que me espera lá fora". (Gloria)

As perspectivas de vivência da sexualidade após a prisão são um reflexo das experiências vividas pelas detentas e uma reafirmação de que este processo repressivo, intensificado na CPF pela "microfísica do poder" institucional e pelos princípios religiosos, apresenta um saldo. Um não querem mais as relações machistas e dominadoras que tiveram com seus parceiros, outras preferem o homossexualismo onde encontraram mais afeto, compreensão e menos dominação. O ser humano vive no tempo e com ele se

identifica. É do presente que ele projeta o seu futuro a partir das experiências passadas. O presente está sempre impregnado de passado e grávido de futuro.

#### A SEXUALIDADE NA VISÃO DOS FUNCIONARIOS, EQUIPE TECNICA E DIREÇÃO

"Uma sexualidade agradável, alegre lúcida e espontânea traz muito medo porque através dela todos conseguem perceber, ainda que nebulosamente, que a desestruturação de todo o aparelho social hierarquizado começa aí".

M. Bernardi.

A sexualidade na CPF é influenciada pelo modo como é concebida pela direção, pelo pessoal técnico e pelos funcionários. As detentas são pensadas pelo grupo dirigente em suas atividades e destinos. Como foi visto em capítulos anteriores, a forma de pensar a mulher e sua sexualidade tem raízes remotas. Como aconteceu na história da humanidade, também na CPF a mulher tem seu corpo e sua sexualidade controlados por princípios morais e religiosos que concebem o sexo como feio, sujo, desnecessário e pecaminoso.

#### A Direção

A forma de pensar a sexualidade tem por base uma concepção ascética, que fundamenta uma vida "agradável a

Deus". A ascese está definida pelo *Dictionnaire de Spiritualité* (Beauchesue, MCMXXXVII) como:

" Método moral, consistindo em satisfazer o menos possível os instintos da vida animal ou as tendências naturais da sensibilidade. ... Especialmente na moral religiosa, busca da dor como expiação ou mortificação, julgada útil ao progresso da alma e agradável a Deus".<sup>1</sup>

A direção da CPF parece acreditar que evitar o prazer e buscar a dor são meios de purificação e de regeneração. E como tal proposta ascética não constitui uma opção da comunidade, ela é imposta sem uma explicitação clara das suas razões ou possíveis valores, através das obrigações e proibições cotidianas. Todas as formas de expressão da sexualidade por parte das detentas constitui uma transgressão a essa proposta.

A diretora expressou claramente sua percepção negativa acerca das detentas, desacreditando na possibilidade da sua reabilitação.

"Elas já trazem uma grande falta de educação do lar e depois de adultas não querem mais nada a não ser voltar para a mesma vida".

Acerca da sexualidade vivida no âmbito da CPF ela assim se expressou:

" Há a maior cachorrada dos pares lá por dentro e agora deram para pedir encontros conjugais. Ultimamente elas andam muito cheias de direitos, por causa de todas essas visitas que recebem. E como é? Poucas são casadas. Vai virar zona aqui numa casa religiosa?".

Esta forma de tratar a sexualidade, além de ser

---

1. Tradução própria.

desrespeitosa, considera-a como pecaminosa fora das normas do casamento cristão.

Uma das religiosas que auxilia nos trabalhos da CPF, embora não pertença ao quadro funcional, demonstrou ser um pouco mais compreensiva dizendo:

"Elas são pessoas marcadas pela vida. Não são más. Não têm culpa do que são."

Embora tenha uma percepção mais humana acerca das detentas, também avalia negativamente a questão da sexualidade entre elas:

"Esse homossexualismo que está aí é uma coisa que elas já trazem de fora. Não sei se é safadeza ou mau costume".

Percebe-se a preocupação das Irmãs, e até mesmo de alguns funcionários, de isentar a instituição de qualquer culpa, pela prática do homossexualismo.

### Os funcionários

Estas concepções institucionais da sexualidade influenciam também a ótica dos funcionários, ou pelo menos os previne em seus discursos.

Quando se aborda um funcionário, e sobretudo as vigilantes e agentes penitenciários sobre a questão da sexualidade entre as detentas, eles ficam surpreendidos e revestem-se de cautela nas respostas que dão. No cotidiano,

as vigilantes são as verdadeiras repassadoras da concepção institucional do sexo como algo perigoso, ocasionador de indisciplina e "safadezas". Uma agente penitenciária assim se expressou:

"A Igreja condena o sexo fora do casamento. Por isso jamais aqui deverá haver isso, pois é uma casa de religiosas. Sou pela Igreja ainda. O sexo é um dever do casamento. Além disso, elas são presas e têm que sentir falta de alguma coisa. Aqui elas têm tudo".

A mulher tornada carcereira de outra mulher reproduz, com intransigência, a repressão de que é vítima na nossa sociedade. As vigilantes mostram-se compreensivas com as detentas, mas são inflexíveis no que diz respeito à sexualidade, pois têm ordem de punir as mulheres que forem apanhadas em "safadezas". Diz uma delas:

"Isto aqui é um ambiente religioso, não podemos permitir estas coisas, senão vira imoralidade".

As vigilantes estão bastante impregnadas da dimensão religiosa da CPF e cumprem com rigor as determinações controladoras da sexualidade. Contudo, elas parecem não se dar conta de certos códigos afetivos e sexuais ali existentes. Também pareceu não perceberem que, na medida em que vigiam e reprimem, elas sexualizam o ambiente da CPF.

Os agentes masculinos são bastante antipatizados pelas mulheres que os consideram muito repressores. Contudo, um deles observou que as mulheres têm desejo de sexo e que

isso é natural, embora sejam privadas disso, por causa do ambiente religioso. Diz ele:

"Como aqui o sistema é religioso não se pode, mas minha opinião é que elas deviam ter esse direito, pois os homens têm. As religiosas vêem o sexo como pecado e não como forma de liberar as tensões".

### Os técnicos

Os técnicos, mesmo pensando de forma diferente a sexualidade, não questionam e submetem o seu trabalho à visão da instituição.. Essa atitude é embasada por um acordo implícito de que prisão é lugar de negação do prazer, e que na CPF deve ser respeitada a condição de "casa religiosa".

Alguns técnicos entrevistados foram extremamente cautelosos em suas respostas a ponto de um deles me perguntar: "O que você escreveu aí?". Falavam baixo e facilmente desviavam o assunto se uma pessoa, e sobretudo se uma Irmã, se aproximasse. O estado de medo, ao qual me referí anteriormente, presente entre as detentas, parece também presente entre os técnicos e funcionários.

Timidamente alguma expressão de desacordo se faz revelar. Um técnico considerou o ambiente "puritano" e difícil para se lidar com a questão da sexualidade. Uma médica referiu o fato de que ao tomar iniciativa de falar com as mulheres sobre medidas de higiene e riscos da masturbação não foi bem vista pela direção.

Com relação à sexualidade, acreditam alguns técnicos que as mulheres evitam falar do assunto para não sentirem maior desejo, ou por medo de que a Irmã tome conhecimento. Quanto à masturbação, afirmam que elas não só se recusam a falar, como negam. "Isto é um tabu criado pela Igreja", disse um técnico. Outras justificativas sobre este silêncio são de que as mulheres pensam que:

"A masturbação faz mal porque o esforço é maior e esgota as energias".

Os técnicos afirmam que as detentas não fazem abordagens explícitas sobre suas carências sexuais, mas que dão indicadores desse desejo, sobretudo nas consultas ginecológicas.

"Quando eu não transo eu adoço".

"Saí no fim de semana e estava menstruada. Fiquei ruim o resto da semana".

"Era bom que fosse mais grossinho doutora". (na aplicação de creme vaginal)

Dentre as concepções expressas, foi também considerado que a preocupação com a sexualidade na prisão constitui-se em artigo de luxo, uma vez que nos presídios faltam as condições mínimas de subsistência. Embora pareça secundário problematizar a sexualidade na prisão, não se pode esquecer que antropologicamente o sexo se inscreve no eixo da cultura, marcando, segundo Freud (1913:511 e passim), o grande momento humano da organização social com o surgimento da primeira lei: a proibição do incesto. Se a

humanidade precisou para sua organização fazer tão rigoroso controle da sexualidade, é que ela tem uma intensidade e uma importância capital no ser humano.

Os técnicos constataam a revolta de algumas mulheres pela abstinência sexual a que são submetidas, mas acomodam-se ou racionalizam:

" Há toda uma estrutura e elas têm que reprimir a sexualidade, pois é norma da casa e elas precisam obedecer. As mais primitivas, quando não podem dar evasão pela heterossexualidade, dão evasão pelo homossexualismo. Algumas trazem essa prática do baixo meretrício, outras têm menos autocontrole de suas fantasias e energias sexuais".

Poucos técnicos demonstraram alguma crença na possibilidade de recuperação das detentas e acreditam que a maior preocupação na instituição é com relação à recuperação moral e religiosa.

Cabe questionar aqui qual o saldo reabilitador de uma instituição, cuja direção, corpo técnico e funcionários desacreditam basicamente no que fazem. A instituição prisão é óbvia em seu papel de aparelho transformador dos indivíduos e, neste sentido, a CPF não difere das demais instituições penais. E embora seja uma instituição religiosa parece nada acrescentar de construtivo às vidas futuras das detentas.

## CONTEXTOS E MECANISMOS INSTITUCIONAIS CONTROLADORES DA SEXUALIDADE NA CPF

Diversos são os mecanismos utilizados na CPF para o controle e administração da sexualidade das mulheres presas. Parto do princípio de que a forma de controle mais penetrante e mais presente, e também a mais imediata e a que dispensa qualquer discurso, é a própria condição da Instituição do Bom Pastor.

O termo Bom Pastor evoca, na linguagem popular, a imagem da ovelha perdida a ser recuperada. Embora esta imagem bíblica tenha uma conotação de humanismo, reveste-se de um significado estigmatizante para as detentas da CPF, que são as "desviantes", arrependidas ou não. A estrutura do Bom Pastor é conventual e são claras as referências das Irmãs, de algumas funcionárias e até mesmo de algumas detentas de que: "Isto aqui é uma casa religiosa!". Esta afirmativa impossibilita a legitimação de qualquer vivência sexual nesse ambiente, já que o sexo é concebido como algo a ser evitado. Por se tratar de "uma casa religiosa" não se permite discutir a possibilidade, e muito menos a necessidade, de encontros conjugais na CPF, um direito já conquistado pelos presos de ambos os sexos.

A decoração abusivamente religiosa, com a presença de imagens católicas nos diversos lugares, é uma das estratégias usadas para lembrar as virtudes e culpabilizar

as transgressões. Uma detenta dizia, acerca do Cristo que fica numa casinha, em meio ao pátio:

"A gente não senta na casinha dele, pra não soltar palavirão junto dele".

Desta forma, as imagens espalhadas por toda a parte contribuem para conter as expressões contrárias à moralidade e aos bons costumes da instituição e somam força com o "olho mágico do poder". A mensagem penetra mais pelos olhos do que pelos ouvidos, uma vez que não são feitos muitos discursos religiosos. Os símbolos religiosos sacralizam o ambiente, culpabilizando o desejo e todo movimento transgressor.

O hábito das religiosas é um signo, o indicador da existência de dois grupos distintos de mulheres: desviantes e castas, prostitutas e virgens, pecadoras e redentoras, profanas e sagradas, "Evas" e "Marias". São os binômios polarizantes da satanização e sacralização da sexualidade feminina, que destina estas mulheres à Cidade de Deus ou à Cidade dos Homens, conforme expressão de Santo Agostinho. É assim que pensa Zita:

"Elas são virgens, por isso elas vestem essa roupa, né?"

Uma das detentas goza de muita consideração junto à direção pelo fato de ser considerada virgem.

A administração do vestuário das detentas parece respaldar-se no modelo monacal de cobrir o mais possível o corpo, fonte de desejo, lugar do pecado. Uma delas escreveu:

"Ninguém aqui está num noviciário. Tudo bem que se tenha que manter a disciplina, mas nós não vamos ser freiras, até nossas roupas tem de ser do jeito que elas querem, nós não podemos usar short, não podemos usar camiseta, roupa de alça, saia curta, qual é?... "

A vigilância contínua ocupa todos os ambientes: o pátio, o refeitório, os corredores e as salas. Dele não escapam os espaços mais individualizados e pessoais: as celas com visor e os banheiros de portas semicerradas. Não barreiras continuam à circulação do afeto, do entrosamento, dos gestos amigos ou eróticos. A sexualidade é o pecado a ser prevenido pela vigilância. As próprias companheiras são utilizadas para a delação, na busca de uma suposta credibilidade junto à direção.

Um outro mecanismo controlador da sexualidade é o "baculejo", na medida em que devassa êscritos eróticos, trocas afetivas por bilhetes e outras expressões erotizantes consideradas pornográficas existentes nas celas, abundantemente decoradas em sua maioria.

O material existente nas celas da CPF é muito diversificado. Além de grafitos,<sup>1</sup> há colagens de revistas,

---

1. Analisando grafitos encontrados em banheiros públicos, Barbosa considerou-os como "veículos de determinadas manifestações culturais marginalizadas, ... de pessoas ou grupos sob forte pressão social" (1984/16), e que não encontram abrigo em outros veículos de comunicação.

cartazes e até paninhos com mensagens bordadas. Algumas celas são totalmente nuas, sem qualquer mensagem ou decoração. Outras estão saturadas de escritos e colagens como se pode observar nas fotos no anexo nº 10. Como há rotatividade na ocupação das celas, quase sempre essa decoração acumula a história das diversas usuárias que por lá passaram.

Sobretudo apenas os registros e expressões que não contrariam os parâmetros de moralidade da instituição.

Este material tem a desvantagem de denunciar seus autores. Diferentemente dos grafitos anônimos dos banheiros públicos, os escritos são facilmente identificáveis porque as celas são individuais. Dessa forma os grafitos e expressões existentes são fortemente censurados e autocensurados, o que de certo inibe sobretudo expressões referentes à sexualidade.

Da gama de expressões encontradas, pontuei apenas as que considere mais significativas para este trabalho, ou seja, as que se referem à sexualidade e à religião. Entre as expressões religiosas é clara a influência do carisma da congregação sobre elas:

- "O Senhor é meu pastor, nada mim faltará"
- Retrato da santa fundadora da Congregação do Bom Pastor.

Outras expressões são mais gerais.

"Quando rezam estão perto de Deus, quando sofrem Deus está perto de ti".

"Deus ainda me interessa". (vide foto anexo nº 10)

" Só Jesus Cristo me salva".

"Se Deus é por mim, quem é contra mim?".

As expressões relativas à sexualidade que existem e subsistem nas celas são veladas e revelam mais o afeto do que o erotismo. São exemplos inscrições como:

"Se queres que te ame com amor verdadeiro deves tirar do coração quem tu amaste primeiro".

Dentro de um coração esculpido:

"Eu amo minha vida por que minha vida é voce".

"DEIO e ROSE separados fisicamente, mais unidos sentimentalmente".

"Te amo  
Te adoro  
Te odeio"

"Quando sonho com você esse inferno vira céu".

Outras formas de expressão como panos bordados com nomes - "Bari e Eunice. Eu te amu".

Muitas fotos de mulheres, sempre aos pares.

Mulheres nuas, vestidas, desenhadas, com roupas íntimas ou roupa de banho.

A usuária da cela onde se exibem tais fotos assume de público seu homoerotismo. Semelhante a esta, uma outra mulher expressa seu heterossexualismo com:

Várias fotos de cuecas, e homens vestidos de cuecas.

Apesar de algumas pinceladas de tinta encobrendo certamente as expressões consideradas indesejáveis, as mensagens encontradas reforçam a constatação de que a

sexualidade subsiste a qualquer repressão ali existente. O maior número de registros encontrados referiam-se à sexualidade, apesar dos controles.

Todo este contexto controlador gera um estado de medo que é mantido pela ameaça do castigo. O sentimento de culpa, já inerente à condição de presa e ao estigma de desviante, é intensificado pela presença constante dos princípios religiosos já descritos.

Algumas formas concretas de controle são pública e oficialmente expressas. Quando uma mulher é castigada, a direção baixa uma portaria enquadrando a infração cometida, no Código Penitenciário e a expõe num mural da sala de visitas. Diz uma detenta:

"... aqui a gente passa o dia inteiro com medo; medo da portaria, medo do arquivo, medo da diretora, medo de pegar um castigo a troco de nada..."

A transgressão também é registrada na ficha individual, o que pode interferir na condição de boa conduta, necessária ao livramento condicional e às saídas em fins de semana.

As ações cotidianas na CPF se desenrolam entre o proibido e o obrigatório, cerceando sempre mais a liberdade das detentas. Certas proibições definem os limites das manifestações da sexualidade, tais como: proibição de roupas curtas e decotadas, permanência de duas mulheres juntas por muito tempo, conversa nas celas, circulação de revistas e jornais. Em contrapartida, a assistência à missa dominical

é obrigatória, do mesmo modo que as orações antes das refeições e, até bem pouco tempo, a reza do terço.

Apesar de todos esses mecanismos e controles da instituição, a sexualidade das detentas se realiza intensamente na transgressão, conforme será visto a seguir.

#### DIMENSÃO INSTITUCIONAL DA SEXUALIDADE

"Viver é muito perigoso"

Guimarães Rosa.

"O que se faz por amor, sempre  
está além do bem e do mal".

Nietzsche

Estudando a sexualidade na instituição asilar, Birman (1980:11) chama a atenção para a dimensão social que ela manifesta no asilo e que exige uma perspectiva de análise diferente da que se costuma fazer da sexualidade do indivíduo que não está confinado. É por isso que ele destaca:

"... o papel das condições institucionais na organização de uma série matizada de comportamentos sexuais dos internados" (1980:12).

Entendo que na CPF os contextos controladores já explicitados são condições geradoras de comportamentos sexuais típicos desta instituição.

Reduzir as práticas e as manifestações da

sexualidade numa instituição a perspectivas meramente individuais, segundo Birman, é incorrer numa dupla redução teórica e ideológica: impede a emergência da dimensão social, silencia a sexualidade sob o poder da instituição, que a recoloca como disfunção, como desvio ou patologia. Birman alerta que esta redução é frequente nas instituições com discursos legitimadores do poder disciplinar.

Birman (1980:25 e passim) vê também a sexualidade no asilo como uma prática transgressora, a entende que é por essa prática que o interno se restabelece como sujeito. Despojado de tudo, resta ao indivíduo o próprio corpo, que não pode ser totalmente submetido à vontade institucional. É através desse resíduo que ele tenta reencontrar o seu lugar social, impondo-se com o seu gozo. É desta forma que o interdito estimula a transgressão.

As dimensões da transgressão e do proibido são analisadas por Bataille. Ele recorre a Sade <sup>4</sup> para dizer que nada contém a libertinagem:

"... a verdadeira maneira de espalhar e multiplicar os desejos é querer lhes impor limites".  
(1987:45)

Estas dimensões são vistas também por Barbosa quando admite que:

"... a proibição existe para ser violada..."  
(1984:35).

A proibição é uma imposição do cultural numa

tentativa de controlar o natural. Para Barbosa subsiste, no entanto, o natural. A função sexual lança o indivíduo no primado do natural e o desnuda da cultura, daí a sua proibição. No entanto, para Bataille, é na transgressão que a sexualidade se revela plenamente.

A repressão sexual na CPF estimula a transgressão e desencadeia formas criativas de vivência da sexualidade, como será visto no próximo item.

Erasmus de Roterdã identifica a loucura com a transgressão e a chama de sabedoria:

"Sois todos muito sábios, uma vez que, ao meu ver, loucura é o mesmo que sabedoria" (1984/17).

Ironicamente questiona:

"Dizei-me, por favor: serão, talvez, a cabeça, a cara, o peito, as mãos, as orelhas, partes do corpo reputadas honestas, que geram os deuses e os homens? Ora, meus senhores, eu acho que não: o instrumento propagador do gênero humano é aquela parte, tão deselegante e ridícula que não se lhe pode dizer o nome sem provocar o riso. Aquela, sim, é justamente aquela fonte sagrada de onde provêm os deuses e os mortais" (idem).

Interpretando a mitologia ele assim se expressa em relação à mulher:

"Quando Plutão pareceu hesitar se devia incluir a mulher no gênero dos animais racionais ou no dos brutos, não quis com isto significar que a mulher fosse um verdadeiro bicho, mas pretendeu, ao contrário, exprimir com essa dúvida a imensa dose de loucura do querido animal" (idem/26)

É assumindo a loucura e a sabedoria da transgressão que as mulheres da CPF vivem sua sexualidade. Na expressão delas

" a gente sempre acha um jeitinho e toma os cuidados da vigilante não flagrar, senão zebra".

Arriscando-se elas se mantêm vivas. Essas formas loucas, transgressoras e perigosas de viver a sexualidade também existem na sociedade mas, na CPF, elas são as únicas possíveis. Elas se intensificam na mesma proporção em que são reprimidas.

A vivência transgressora da sexualidade é vista por Birman (1980:25 e passim) como uma forma de contrapoder. O indivíduo restitui o prazer ao seu próprio corpo na relação com o outro e recupera a identificação que lhe foi retirada pela mortificação. É o que ocorre na CPF quando algumas transgressões são revitalizadoras do eu, frequentemente negado. Se a instituição objetiva a anulação do eu, a transgressão, que reinveste na identidade do indivíduo, pode ser considerada como uma forma de contrapoder.

A constante mortificação a que está submetida a mulher presa é desafiada pela força transgressora, através da qual, ela se descobre ainda viva, dona do próprio corpo, sujeito de alguma ação e capaz do prazer. As manifestações sexuais na CPF são um contrapoder desafiador às normas institucionais do desprazer, da abulia e da anulação. Essas práticas, que na ótica da instituição e de alguns autores podem ser chamadas "desvios" ou "patologias", possibilitam à mulher da CPF a certeza de que ainda é alguém, que não morreu totalmente e que ainda se identifica com alguma parte de si mesma. Elas se restabelecem vivendo as suas fantasias,

escrevendo os seus poemas, masturbando-se, seduzindo suas parceiras, trocando afagos nos lugares e oportunidades esquecidos pelo sistema controlador. No pátio aberto e sob a luz do sol, desafiam a vigilância e roubam beijos e carícias às suas parceiras. É a prática "desviante" da sexualidade, uma forma silenciosa de continuar a existir.

As manifestações da sexualidade na CPF têm as características próprias de uma comunidade fechada, unissexual, religiosa e fortemente reprimida.

#### PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA CPF

"O homem que procura outro, ou a mulher que procura outra mulher, são seres tão fiéis ao seu instinto, como os que procuram o sexo oposto. Cada qual, neste mundo, não ama o que quer, mas o que pode".

Gregório Marañon

Na CPF, o homossexualismo e a masturbação são as práticas sexuais mais viáveis, embora proibidas. Tais práticas, embora produzidas pela instituição, são avaliadas e definidas como "safadeza" e como "desvio". O sexo assume nestas condições uma característica anômala, pois a heterossexualidade, desejada pela maioria das mulheres, é impedida pela instituição.

A masturbação, uma manifestação da sexualidade tabuizada na CPF

As detentas falaram com certa naturalidade de suas parcerias homossexuais, mas encontrei um verdadeiro tabu para a fala da própria masturbação. Houve uma afirmação generalizada de que

"Aqui todo mundo se masturba".

mas apenas três mulheres ousaram falar da própria masturbação, e mesmo assim era uma espécie de lamento ou culpa:

"Eu sei que Deus vê, que a ele não se engana, mas eu me masturbo que eu não vou ficar doida né?"  
(Clara)

"Satisfazer-se só, dá ódio deste povo daqui, da direção". (Jane)

"Quando estou com muito desejo, eu me masturbo, que é que eu posso fazer?". (Dulce)

O autoerotismo é muito antigo mas seu estudo é recente. Isto revela o tabu de que se cerca o tema. A masturbação, o fazer sexo em si mesmo, é confundido muitas vezes com o onanismo. O onanismo, porém, refere-se ao coito interrompido, como se observa no texto bíblico: Onam

"... quando se juntava com a mulher de seu irmão (levirato) <sup>1</sup> impedia que ela concebesse, a fim de que não nascessem filhos em nome de seu irmão"  
(Gen. 38,9).

---

1. Instituição matrimonial muito difundida entre povos naturais, especialmente entre os antigos hebreus, que impunha à viúva o casamento com o irmão ou o herdeiro do nome de seu defunto marido, a fim de assegurar a continuidade da família, ou, segundo a Bíblia, a descendência na linha masculina, ou patrilinearidade. Aurélio: 1986:1026

Tissot, um médico suíço, escreveu em 1770 sobre as doenças causadas pela masturbação: epilepsia, tuberculose, cegueira, imbecilidade, loucura, reumatismo, gonorréia, priapismo, tumores, obstipação, hemorróidas, lesbianismo, enfim pode causar a morte por esgotamento (Apud Lima, 1987/67).

Nesta mesma obra Lima chama a atenção para o fato de que na segunda metade do século XIX, as medidas para combater o mal foram drásticas:

"Repressão violenta, clitoridectomia, punição severa e intimidação pressionante"

Com o advento da psicanálise, uma atitude de maior tolerância teve início com relação à prática masturbatória. A circuncisão foi rejeitada e vem se afirmando que a masturbação não provoca qualquer dano físico e que os problemas podem advir do sentimento de culpa que acompanha o ato. É por esta razão que

"Deve se evitar o medo, as ameaças, a intimidação física ou espiritual. Isso poderia propiciar a formação de obsessões..." (Lima, 1987:67).

Estudando a sexualidade feminina em camadas de baixa renda, Fátima Quintas observa:

" Não encontrei discursos que aprovassem a masturbação, integralmente, como compensação do prazer entre homem e mulher" (1986/166).

Mais do que isso, as mulheres por ela estudadas não reconhecem a satisfação individual obtida pela masturbação, como gozo. Uma condenação do prazer individualizado, ou uma crença de que o prazer da mulher é alcançado na relação

com o homem? Uma detenta disse-me acerca do seu prazer:

"Eu vivia o prazer como se o prazer estivesse nele (no homem). O prazer que eu sentia pensava que era por causa dele. Não entendia que o prazer estava em mim. Quando ele faltou neguei minha sexualidade e fiquei três anos sem querer saber de sexo".

De uma forma ou de outra subsistem os preconceitos com relação à masturbação. Disse outra detenta:

"Eu sofro muito por estar afastada do sexo, mas não sinto vontade de me masturbar, pois acho que é besteira e não me conformaria só com os dedos, e isto traria grandes e graves problemas de saúde para mim. Eu tenho que me conformar com a vida que estou levando sem o meu marido".

Na população estudada por Fátima Quintas, 60% das entrevistadas admitiram com naturalidade a prática da masturbação, mesmo que não a considerem gozo. Na pesquisa realizada por Isméri Conceição (1987:133 e passim), no Manicômio Judiciário de São Paulo, num total de 22 pacientes, doze falaram da sua prática masturbatória. O fato de que na CPF apenas três mulheres admitiram sua própria masturbação, faz-me suspeitar de que tal atitude é resultante do contexto institucional religioso que a considera pecaminosa. Deve ser considerado também o fato de que nesta pesquisa não utilizei questionários nem fiz perguntas diretas, mas induzi as pessoas a me falarem de sua sexualidade. Neste contexto a masturbação foi silenciada, talvez ainda, porque sobre ela não havia perguntas explícitas a serem respondidas.

Ouvi também referências negativas quanto à

masturbação, considerando-a como uma forma diminuída da sexualidade, desvalorizada, inferiorizada e pouco digna de ser vivida e tratada. Dulce expressa bem isto:

"Aqui todo mundo se masturba, mas muita gente tem vergonha disso".

Questionando algumas mulheres sobre essa dificuldade de falar da masturbação, elas alegaram:

" É uma coisa que faz mal e é pecado".

O homossexualismo, a mais clara expressão da sexualidade na CPF.

A literatura pertinente tem revelado que as instituições unissexuais são o locus favorável ao desenvolvimento e à prática do homossexualismo. Isméri Conceição diz que

"Os ambientes que segregam pessoas de um sexo, na ausência do sexo oposto, são comprovadamente fator desencadeante do homossexualismo" (1987/135).

Na impossibilidade da heterossexualidade, é o homossexualismo a principal força propulsora do dinamismo social da instituição. Os sentimentos, as emoções, as ilusões, os confrontos e as conquistas, assim como as delações e os ciúmes, só podem se expressar nessas relações. Paradoxalmente o homossexualismo torna-se o fator de sustentação da própria instituição, um elemento necessário à economia carcerária.

Pelo combate formal ao homossexualismo enquanto a

prática mais visível da sexualidade, a CPF cumpre seu papel repressor enquanto instituição penal. O estigma daí resultante é atribuído, não à instituição que produziu essa condição, mas às mulheres, cuja "carne é fraca" segundo a expressão da direção.

José Carlos Rodrigues refere-se ao fato de que a cultura tem seus distúrbios prediletos, ou seja, cada sociedade tem sua patologia dominante, de natureza tipicamente cultural, Levi Strauss também a isso se refere dizendo que:

"... o domínio do patológico nunca se confunde com o domínio do individual" (1967:156).

Ao nível da instituição acredito que a mesma reflexão se coloca, ou seja, o patológico não se restringe ao individual, mas tem aspectos institucionais. Na CPF é a instituição que patologiza as condições de vivência da sexualidade. Ali, o sexo só pode ser vivido pela transgressão ou pela "anomalia".

A homossexualidade vivida na CPF tem algumas características específicas.

1. Percebi uma frequência maior de relações homossexuais entre as mulheres que viviam com parceria instável, como é o caso daquelas que procedem da prostituição.

2. Constatei a existência de parcerias simultaneamente hetero e homossexuais, com a afirmativa de algumas de que desejavam experienciar a bissexualidade.

3. Algumas parcerias são exclusivamente homo ou heterossexuais.

4. Observei relações triangulares, onde as mulheres transam entre si, mas sem qualquer conotação de sexo grupal.

Em fevereiro de 1987 elaborei um mapeamento das relações homossexuais vividas na CPF, e as representei no quadro da página seguinte.

A rede de relações que se observa neste mapa exige algumas considerações.

1. Existe apenas uma dupla com parceria estável que é Antônia e Ângela.

2. Nas duplas Graça/Clara e Ester/Dulce, Graça e Dulce repetem suas vivências em outros grupos.

3. Dulce vive a experiência de ser simultaneamente parceira ativa, parceira principal e parceira alternativa<sup>1</sup> em grupos diferentes. É notável sua versatilidade o que talvez se justifique pela sua vivência na prostituição.

4. Graça vive a experiência de ser parceira ativa de Clara e parceira principal de Roberta.

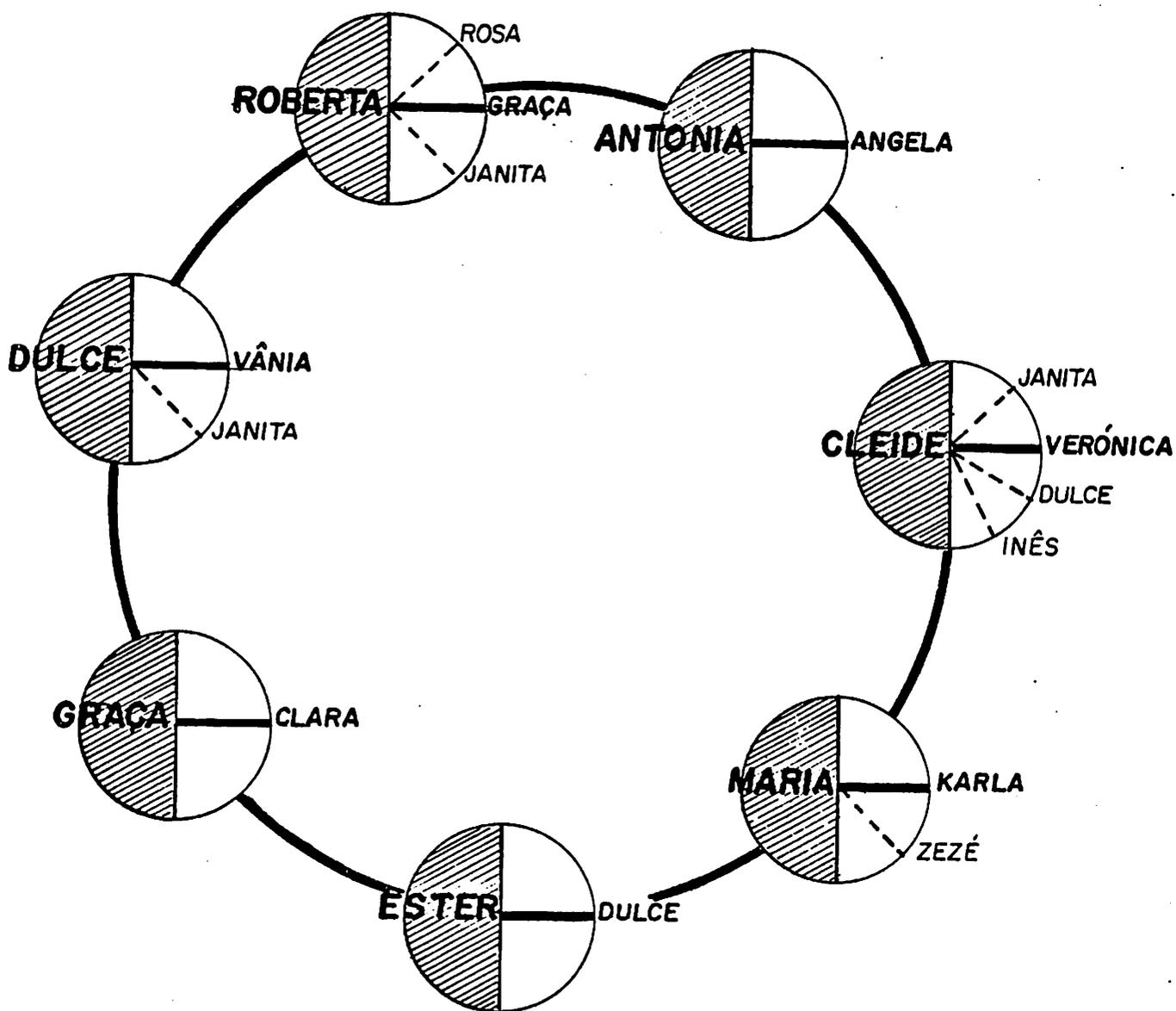
5. Janita também se repete em três grupos diferentes, mas somente como parceira alternativa. Ela também tem vivência na prostituição.

---

1. Chamo de parceira ativa, à mulher que toma a iniciativa da busca de parceria, e que na CPF desempenha um papel masculino na relação com a parceira principal ou alternativa. Parceira principal é a que mantém relação estável com uma parceira ativa. Parceira alternativa é aquela que não constitui um par, mas mantém relações em diversos grupos.

# MAPEAMENTO DAS RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS NA CPF

— Fevereiro 87



## LEGENDA

-  PARCEIRA ATIVA
-  PARCEIRA PRINCIPAL
-  PARCEIRA ALTERNATIVA

Estas relações são frequentemente conflitantes e geram ciúmes e desavenças, quando é descoberta a "infidelidade". O mapa modifica-se rapidamente ganhando nova estrutura em função da grande rotatividade das parcerias. É evidente o descompromisso destas relações, com algumas exceções. Uma das mulheres dizia:

"A gente transa aqui e acolá, é só pra matar o tempo".

O caráter institucional da homossexualidade na CPF pode ser entendido a partir das expressões de algumas mulheres:

"Eu gosto mesmo é de homem. Mas como aqui não tem, eu pego uma mulher pra gente se gostar".

"Tem mulher aqui que fica louca no dia de visita quando vê um homem, mas vive transando com outra mulher".

"Eu gosto de homem, mas aqui tenho que ter uma mulher pra me ajudar a tirar a cadeia".

"A gente é muito só. Por isso eu gosto de .... e ela gosta de mim".

Fica evidente que as vivências homossexuais destas mulheres, estão marcadas pela contingência unissexual em que têm que permanecer. Algumas delas referem-se à existência do fenômeno na CPF e fazem suas avaliações:

"Aqui tem muita saboeira. A senvergonhice é grande".

"Tem gente que só vive se esfregando nas outras. Eu nunca fui de castigo por estas safadezas".

"Quem faz saboeira vai de castigo"

" Não vou ficar nessa pouca vergonha daqui, de uma mulher com outra, isso não. Minha ficha aqui é limpa".

O fantasma da "ficha limpa" detém muitas expressões da homossexualidade entre elas. Mas há quem tenha real repulsa por este tipo de relações. Diz uma delas:

"Sei que não tenho temperamento para esperar tanto tempo por sexo, mas não me passarei para manter sexo com outra mulher. Penso até em morte ou fuga".

Há também quem assume de público a sua condição homossexual.

"Eu aqui sou homem. As mulheres gostam de mim. Mas eu não faço como Roberta que usa calcinha de mulher. Eu uso aquelas unissex.

E há quem tenha descoberto uma nova dimensão de vida com o homossexualismo.

"A emoção de viver com Roberta supera tudo o que eu já vivi com três homens. Agora eu só quero ela".

Vejo a pertinência de alguns enfoques teóricos, já abordados, sobre o homossexualismo, e que embasam as vivências diversas na CPF.

O homossexualismo adquire na CPF proporções claras de contágio, de aprendizagem, de substituição do heterossexualismo. É a parte da concepção sócio-cultural enfocada por Peter Fry (1982:87). Por outro lado, algumas mulheres prefeririam ter nascido homens, enquanto outras vivem com satisfação a experiência homossexual, mesmo que se definam heterossexuais. Este enfoque é mais pertinente à visão de Luiz Mott, em sua obra **Lesbianismo no Brasil** (1987), segundo o qual o fenômeno faz parte da natureza do indivíduo.

As formas de controle existentes na instituição produzem o homossexualismo e outras expressões não genitalizadas da sexualidade. É a visão de Birman, que pergunta pelo papel da instituição na determinação dessas condutas (1980:12).

#### NIMUENDAJU - UM PROGRAMA CULTURAL

Quando é muito densa a escuridão, o brilho de uma pequena luz traz um aceno de esperança. No repressivo cotidiano vivido pelas detentas, os tímidos exercícios teatrais são capazes de despertar nas mulheres um mínimo de identidade pessoal. Refiro-me ao Projeto Coringa, implantado na CPF, através da SUSIPE, em novembro de 1987.

O Projeto faz parte do Programa Nimuendaju<sup>1</sup>. De iniciativa pessoal da pernambucana Maria Rita Costa Freire, transformou-se num projeto específico do Ministério da Cultura. Destina-se às comunidades confinadas e está sendo aplicado, no Recife, às crianças da FEBEM, aos internados no Manicômio Judiciário e às pessoas idosas. Desenvolve-se em três fases:

1. Apresentação de espetáculos, que permitem a tomada de contato da comunidade com a arte.
2. Oficinas de apoio para os trabalhos com a dança, o canto, a cenografia e a dicção.
3. Formação de grupos e montagens de espetáculos.

---

1. Nimuendaju é uma palavra indígena que significa: "Aquele que constrói seu próprio caminho"

Embora o projeto não tenha nenhuma pretensão terapêutica, tem-se mostrado catártico e estimulador na CPF. Seu objetivo é especificamente cultural. Contudo, pelas atividades que propõe, as pessoas assumem papéis, lideranças e responsabilidades, e são, com isso, exercitadas no resgate de sua identidade e cidadania. Este exercício é tão contrastante com o contexto da CPF, que se assemelha a uma ilha de liberdade em meio ao fechamento da instituição.

Participam deste projeto umas dezoito mulheres. Funciona numa sala afastada, acentuando ainda mais a distância que o programa mantém em relação à vida da CPF. As mulheres fazem exercícios de dança, de teatro, de canto e de expressão corporal, atitudes e gestos tão reprimidos no cotidiano da comunidade. Também criam textos, assumem papéis, coordenam ensaios, funcionam como atrizes e/ou diretoras das peças por elas mesmas produzidas. Fazem suas roupas para os espetáculos, produzindo-se com graça e criatividade.

Este ambiente privado permite que elas usem shorts, camisetas, bustiês improvisados, malhas e colantes, pequenas transgressões que ficam legitimadas pelo programa. A feminilidade e a sensualidade afloram e se expressam, sobretudo nos movimentos das danças e nas roupas que produzem, com retalhos. Neste lugar especial e neste momento de liberdade, algumas mulheres parecem descobrir uma nova dimensão de vida. Uma delas me afirmou:

"O que está me sustentando aqui é esse teatro".

Participando de uma das avaliações da oficina de teatro, ouvi as detentas assim se expressarem:

"Eu estava nervosa na apresentação, mas muito alegre, porque é um negócio nosso".

"Eu estou dando o melhor de mim nesse teatro".

"É uma sensação maravilhosa a de dançar".

"Eu fiz força para que elas dessem o melhor delas mesmas na peça", dizia a detenta que funcionou como diretora do espetáculo.

Betia ilusório pensar que o Projeto Coringa vai trazer soluções para o sistema repressivo da prisão. Contudo, ele está demonstrando que as detentas são pessoas humanas e, portanto, capazes de se desenvolverem positivamente, desde que se mantenham para com elas atitudes humanas e construtivas. Deste modo trabalha o grupo do Projeto Coringa. É provável que a ação deste projeto desenvolva um certo grau de consciência e organização entre as mulheres, que permita mudanças no cotidiano da CPF.

Convém salientar que a presença do Projeto Coringa na CPF não é uma opção da direção, mas uma programação da SUSIPE.

Do mesmo modo que o grupo de teatro, outras pessoas ou visitas parecem perturbar o sistema repressor da CPF.

- Visitas frequentes da OAB, da Comissão de Justiça e Paz, da Imprensa, da SUSIPE, do Conselho Penitenciário.

- A presença do padre responsável pela pastoral carcerária no Estado, e que se tornou menos doutrinário e mais amigo das detentas.

- A própria presença de uma pesquisadora em quem as detentas depositam confiança.

Segundo expressões da diretora, esses contatos têm deixado as mulheres "muito cheias de direitos"

#### EM RESUMO

A partir dos contextos e mecanismos controladores existentes na CPF, observa-se uma dimensão própria na sexualidade que lá é vivida - uma dimensão que é gerada pela própria instituição, mas que é por ela negada, rechaçada e patologizada. Ao mesmo tempo em que na CPF é impedida a heterossexualidade, a homossexualidade é "adoecida", é considerada como desvio, é chamada de safadeza e identificada com o pecado. Este misto de prazer e de pecado, de grandeza e de fraqueza, de desafio e de culpa, de realização e de fracasso cria uma tremenda ambigüidade na sexualidade vivenciada nesta instituição que, por sua vez, é extremamente contraditória: um cárcere conventual, instrumento de opressão de um sistema marcado pela injustiça e revestido com a capa da santidade monacal.

Na CPF tudo conspira para que a sexualidade seja negada, evitada, vigiada, proibida, impedida. E, no entanto,

ela explode, desafia a instituição e se realiza das mais diversas maneiras, como uma forma do contrapoder dos dominados, dos oprimidos.

A instituição instaura um processo de violência simbólica, usando meios conceituais e discursivos, para a regeneração das detentas. É um processo "ascético" e anulador da personalidade, mas que não atinge seus objetivos, tendo em vista a orientação positiva existente em todo ser humano.

Desta forma, a CPF intensifica o processo repressor contra a sexualidade das detentas, já tão marcado pela violência nos contatos com seus parceiros nos diversos momentos de suas histórias pessoais. Uma sexualidade bem mais sofrida, agonizante e atormentada do que relaxante, vitalizadora e realizadora. Uma sexualidade que, segundo Marta, não valeu a pena da forma como foi vivida, pois:

"Se eu tivesse de voltar atrás, eu ficava moça velha".

## Considerações Finais

...

Mas logo raiou o dia  
E a cidade em cantoria  
Não deixou ela dormir  
Joga pedra na Geni  
Joga pedra na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni

Chico Buarque

"O essencial não é aquilo que se fez do Homem, mas aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele"

Sartre.

É sempre difícil concluir sem incidir numa atitude reducionista. Inquieta-me este momento, seja pelo risco de ser simplista e utópica ao propor mudanças, seja pelo desejo real de contribuir concretamente para o processo de libertação da mulher, que continua oprimida nesta sociedade. Uma das contribuições deste trabalho consiste no desnudamento de uma forma camuflada de opressão, que na CPF suprime a violência sobre o corpo para atingir o que há de mais profundo, a personalidade das detentas. É uma forma "suave" que atinge o Eu das pessoas na sua existência na sua condição humana. Esta forma sutil de reprimir, é reforçada pelos princípios religiosos culpabilizantes do desejo feminino.

As detentas pertencem ao grupo de mulheres mais humilhado e marginalizado de nossa sociedade. Punidas como culpadas, são na verdade vítimas do sistema injusto, desigual e opressor. Na CPF, elas são vistas como más e perigosas, por outras mulheres, não companheiras, mas carcereiras, que não conseguem ou não podem perceber a situação anômica da sociedade brasileira atual.

Em lugar de buscar a união dos oprimidos num processo libertador e desafiante do poder da classe

dominante que esmaga a maior parte do nosso povo, busca-se incutir nas mentes das mulheres marginalizadas da CPF, um sentimento de culpa e a busca da "salvação individual", destruindo a solidariedade humana, indispensável para as verdadeiras mudanças sociais.

As consequências do descumprimento do documento de Bogotá criaram as condições que validam a hipótese levantada. As experiências sexuais vividas pelas mulheres, antes da prisão, com seus parceiros foi, em geral, muito repressora e por vezes violenta. Esta repressão foi intensificada na CPF pela própria condição de ser uma instituição total, unissexual e religiosa, controlada pelo "olho mágico do poder". De forma sutil, a religião colaborou com esse processo, culpabilizando o desejo, condenando e adoecendo qualquer expressão da sexualidade. Essa condição de culpa inscreve-se na base do EU, na existência mesma da pessoa, e desenvolve sentimentos inquietantes ante a sexualidade, como se ela não fosse um bem em si, mas algo perturbador, indevido, indesejado. A abordagem teórica feita apontou na direção de fazer entender as raízes dessa conduta cristã de evitar o prazer neste mundo para a conquista da felicidade numa outra vida que se inicia com a morte. Enfocou também a histórica repressão sobre o gênero feminino, e o fato de que essa repressão passa pela sexualidade da mulher e pelo doméstico que a restringiu aos cuidados dos filhos e da casa. A sexualidade porém é uma dimensão especial da

existência humana. Mesmo sob a mais intensa repressão ela encontra formas próprias de realização. Quanto mais intensamente é reprimida, mais criativos e inesperados são seus canais de expressão. A sexualidade desafiada pela vigilância e pelos princípios religiosos culpabilizantes da CPF, é intensamente vivida, driblando o "olho mágico do poder" ela desafia, contrapõe-se e reafirma a identidade ameaçada das mulheres. Na descoberta de seus corpos prazerosos, elas ainda se sentem vivas e capazes. A experiência da prisão tanto pode aniquilar como fortalecer a resistência do indivíduo.

A violência das mulheres encarceradas não foi iniciada por elas, mas pelo sistema no qual estão inseridas. Trata-se de uma contraviolência, de um contrapoder, e em alguns casos, da única forma de continuar a viver. Quando alguém nada mais significa, vem a apatia e depois a violência. Rollo May expressa bem isto ao afirmar que

"... o ser humano é incapaz de suportar constantemente a experiência paralisante de sua própria impotência" (1973:11).

Este trabalho denuncia, portanto, uma realidade, que não tem solução sem a mudança das estruturas sociais. Sem uma autêntica democracia, sem o povo no poder, os pobres continuarão superlotando as penitenciárias. Se o povo não pode legislar, terá sempre a legislação contra ele. A riqueza está altamente concentrada na nossa

sociedade e quem tem a riqueza tem também o poder, inclusive o poder de punir.

A Congregação do Bom Pastor sempre procurou desenvolver um trabalho social corajoso. Elegeu para seu campo específico de ação pastoral a mulher marginalizada e a prostituta. Foi uma atitude audaciosa para o século XIX, embora pouco crítica, desde que reproduz a situação social ao aderir à dupla moralidade burguesa que fez da mulher um mero objeto de prazer.

Conforme o documento de Bogotá, fevereiro/84 sobre o apostolado nas prisões, elaborado pelas superiores provinciais da Congregação, ficou decidido que, em nome de Cristo, as Irmãs não mais devem continuar como carcereiras de outras mulheres. O papel de carcereira é incompatível com os princípios mais elementares do cristianismo, sobretudo em se tratando dos governos totalitários da América Latina, mantenedores das desigualdades sociais e fabricantes dos próprios desviantes.

A Igreja Renovada da América Latina coloca-se ao lado dos oprimidos e convoca, de certo, as Irmãs do Bom Pastor para se posicionarem ao lado das mulheres marginalizadas lutando com elas e não contra elas. Continuando como carcereiras, as Irmãs estão colaborando com uma sociedade injusta, que pune o pobre para mantê-lo submetido e silenciado.

A inquietação que experimento ao concluir este trabalho, vincula-se também à consciência de que não basta desnudar a instituição e apontar-lhe as falhas,. A fidelidade aos fatos que caracteriza este trabalho pode fornecer dados necessários a algumas mudanças na estrutura da CPF.

Limito-me a fazer algumas considerações relativas à formas de tratamento mais dignas a ser dispensadas às detentas.

Ficou evidente com este trabalho, que o tratamento dispensado às detentas tem sido apenas punitivo e não reeducativo ou reabilitador como se pretende. Os espaços ociosos do cotidiano são destrutivos porque não são preenchidos com ocupações educativas e remuneradas, de forma a prepará-las profissionalmente. Um processo reabilitador supõe trabalho remunerado que ainda inexiste praticamente, na CPF.

A vida na instituição total leva as pessoas a uma perda de sua identidade e cidadania. É inconcebível nos dias atuais, que as mulheres na CPF sejam proibidas de ler jornais e revistas atualizadas. Este é um dever, e não apenas um direito de qualquer cidadão. Considero esta atitude da direção da CPF, como uma anticultura.

É importante que se tenha um conceito digno da

mulher presa, por parte de quem lida com elas. Consideradas unicamente como seres desviantes e transgressores, não são alvo do respeito a que têm direito como seres humanos.

É como mulher que me identifico com as detidas da CPF e com as mulheres oprimidas, em todos os tempos e em todos os lugares. Embora não tenha vivenciado a experiência da prisão, vivi numa instituição total, o que me permite compreender sutilezas usadas nessas instituições para manter a pessoa submissa. A salvação individual é proposta como forma de perpetuar a força da instituição, que quase sempre está a serviço de um sistema maior.

Defendo o direito das detentas, a cultivar seus deuses e viver suas práticas religiosas, contanto que não sejam incompatíveis com o bem comum.

Associo minha voz à de todos os que lutam pelos direitos humanos das mulheres encarceradas, e mais precisamente pelo direito ao relacionamento sexual com seus parceiros, que continua a ser negado às detentas da CPF.

A ênfase que atribuo à sexualidade, neste trabalho, não pode ser confundida com uma visão hedonista e esvaziada da intencionalidade,<sup>1</sup> ou como a busca de um prazer mecânico.

---

1. Intencionalidade, segundo Rollo May, é a estrutura que dá significado à experiência (1973/284).

Na era vitoriana, segundo Rollo May, buscava-se o amor sem o sexo e na era tecnológica busca-se o sexo sem amor. Quando o desempenho é mais importante do que o prazer sexual, o amor está morto.

Assiste-se, nos dias atuais, a uma apologia ao atletismo sexual, como valor máximo, fazendo-se do quantitativo orgástico, uma cortina de fumaça para encobrir o vazio existencial. Não é isso o que defendo. Luto pelo direito do ser humano ao prazer, à vivência da sexualidade, sem constrangimentos ou falsos moralismos. Defendo a integridade da pessoa, e seu direito a uma autêntica sexualidade, elemento indispensável para seu equilíbrio emocional.

## Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, G. J. A. - *Metáforas da Desordem*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- ARIÈS, P. e BEJIN, A. - *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- AZEVEDO, M. A. - *Mulheres Espancadas*. São Paulo, Cortez, 1985.
- BADINTER, E. - *Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BALANDIER, G. - *Antropológicas*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- BARBOSA, G. - *Gráficos de Banheiro. A Literatura Proibida*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- BARDIN, L. - *Análise de Conteúdo*. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- BASAGLIA, F. - "A Instituição da Violência". In *As Instituições e os Discursos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- BATAILLE, G. - *O Erotismo*. Porto Alegre, L&PM, 1987.
- BEAUCHESUE, G. - *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*. Paris, Ed. Gabriel Beauchesue et ses fils, MCMXXXVII
- BEAUVOIR, S. - *O Segundo Sexo. A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. - *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- BERNARDI, M. - *A Deseducação Sexual*. São Paulo, Summus Editorial, 1985.

- BETTO, FREI. - *Cartas da Prisão*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1985.
- BÍBLIA SAGRADA - Tradução do Padre Matos Soares. Paulinas, 1957.
- BIRMAN, J. - *Sexualidade na Instituição Asilar*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.
- BOFF, L. - *O Rosto Materno de Deus*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- BRAGA, C. M. L. - *Prisão Feminina*. Comunicação apresentada no 13º Encontro Anual do CERU, São Paulo, 1986.
- BRITTO, L. - *A Questão Sexual nas Prisões*. Rio de Janeiro, Livraria Jacinto, s. d.
- BRANDÃO, J. S. - *Mitologia Grega*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CAMARGO, M. S. - *Terapia Penal e Sociedade*. Campinas, Papyrus, 1984.
- CARDOSO, R. - *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CELEM, R. - *As Relações Sociais em Prisão de Tipo Semi-Aberta*. São Paulo, Cortez, 1983.
- CHAUÍ, M. - *Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CHAVES, N. - *Sexo Nutrição e Vida*. Recife, Imprensa Universitária, UFPE, 1986.
- CONCEIÇÃO, I. - "Homossexualismo Feminino no Manicômio Judiciário de São Paulo". In *Sexologia I*. São Paulo, Roca, 1984.
- CONSTANTINE, L., MARTINSON, F. - *Sexualidade Infantil. Novos Conceitos, Novas Perspectivas*. São Paulo, Roca, 1984.
- COSTA, J. F. - *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- CORREA, M. - *Morte em Família*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- CURRIER, R. L. - "Perspectiva Global da Sexualidade dos Jovens." in *Sexualidade Infantil. Novos Conceitos, Novas Perspectivas*. São Paulo, Roca, 1984.
- DANTAS, D. - *Sobre a Sexualidade Feminina*. Trabalho apresentado na III Jornada do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Mimeo, 1984.

- DAMATTA, R. - *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- \_\_\_\_\_ *A Casa e a Rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DAVIS, S. H. - *Antropologia do Direito*. Rio de Janeiro. Zahar, 1973.
- DEGRIS, M. E. - *De Santa Maria Eubrásia Até Nós. O Essencial Não Muda*. São Paulo, Loyola, 1977.
- DIAS, M. - *Sexualidade Atormentada. O Problema Sexual nas Prisões*. São Paulo, Serviço Gráfico da Secretaria de Segurança Pública, 1962.
- DRUON, M. *O Menino do Pedaço Verde*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- DURHAM, E. R. - *A Reconstituição da Realidade*. São Paulo, Atica, 1978.
- ENCONTRO de Superiores Provinciais da América Latina, Bogotá. *O Nosso Apostolado nas Prisões (s. n. t.)*, 1984, Mimeo
- ENGELS, F. - *Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- ESCOBAR, C. H. - "As Instituições e o Poder." in *As Instituições e os Discursos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- EVANGELISTA, M. D. R. - *Prisão Aberta*. São Paulo, Cortez, 1983.
- FERNANDES, F. - "A História de Vida na Investigação Sociológica: A Seleção dos Sujeitos e suas Implicações" in *Sociologia Geral e Aplicada*. São Paulo, Ed. Nacional, 1960.
- FERREIRA, A. B. H. - *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FILHO, V. M. - A Questão Social do Preso e a Sistemática do Direito Brasileiro. *Revista do Conselho Penitenciário Federal*, Brasília, nº33, pg. 84 a 112, Ano XII.
- FLANDRIN, J. L. "A Vida Sexual dos Casados na Sociedade Antiga." in *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- FOUCAULT, M. - *História da Loucura*. São Paulo, Perspectivas, 1978.

- \_\_\_\_\_*História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.* Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_*História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres.* Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_*História da Sexualidade III: O Cuidado de Si.* Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_*Microfísica do Poder.* Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_*Vigiar e Punir.* Petrópolis, Vozes, 1984.
- FOX, R. - "As Condições da Evolução Sexual". in *Sexualidades Ocidentais*, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- FILSTEAD, W. J. - *Qualitative Methodology: Firsthand Involvement with the Social World.* Chicago, Markan Publishing Company, 1970.
- FREUD, S. - "El Malestar en la Cultura". in *Obras Completas*. V. III, Madrid, Biblioteca Nueva, 1967.
- \_\_\_\_\_*"Metapsicologia"*. in *Obras Completas*. Vol. I. Madrid, Biblioteca Nueva, 1967.
- \_\_\_\_\_*"Uma Teoria Sexual"*. in *Obras Completas*. Vol. I. Madrid, Biblioteca Nueva, 1967.
- \_\_\_\_\_*"Totem y Tabu"*. in *Obras Completas*. Vol. II. Madrid, Biblioteca Nueva, 1967.
- FRY, P. - *Para Inglês Ver. Identidade e Política na Cultura Brasileira.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_*O Que é Homossexualidade.* Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- GARAUDY, R. - *Liberação da Mulher, Liberação Humana.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GEORGES, E. - *Sainte Marie Euphrasie Pelletier - Fondatrice de la Congregation du Bon Pasteur d'Angers.* Paris, P. Lethielleux, 1942.
- GOFFMAN, E. - *Manicômios, Prisões e Conventos.* São Paulo, Perspectivas, 1974.
- \_\_\_\_\_*Estigma. Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GUIMARAES, A. - *Desvendando Máscaras Sociais.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

- GREGERSEN, E. - *Práticas Sexuais. A História da Sexualidade Humana.* São Paulo, Roca, 1983.
- GRUPO CERES - *Espelho de Vênus. Identidade Social e Sexual da Mulher.* São Paulo, Brasiliense, 1981.
- HOCQUENGHEM, G. - *A Contestação Homossexual.* São Paulo, Brasiliense, 1980.
- HYPOLITE, J. - *Introdução à Filosofia da História de Hegel.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- JAPIASSU, H. - *O Mito da Neutralidade Científica.* Rio de Janeiro, Imago, 1981.
- JELIN, E. e GOGNA, M. - *Los Pobres: Familia y Vida Cotidiana.* Trabalho apresentado na CLACSO, Recife, novembro, 1987.
- JUNIOR, J. F. D. - *A Política da Loucura.* Campinas, Papirus, 1983.
- KAPLAN, A. - *A Conduta na Pesquisa.* São Paulo, Herder, 1972.
- HEATHER, N. - *Perspectivas Radicais em Psicologia.* Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- KUJAWSKI, G. M. - *Fernando Pessoa - O Outro.* Petrópolis, Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_ *Viver é Perigoso.* São Paulo, Ed. GRD, 1986.
- LALANDE, L. L. - *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie.* Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
- LANGNESS, L. L. - *História de Vida na Ciência Antropológica.* São Paulo, EPU, 1973.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. - *Vocabulário da Psicanálise.* São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- LEACH, E. - *As Ideias de Lévi-Strauss.* São Paulo, Cultrix, 1970.
- LEVI-STRAUSS, C. - *Antropologia Estrutural.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- \_\_\_\_\_ *Estruturas Elementares do Parentesco.* Petrópolis, Vozes, 1967.
- LEMGRUBER, J. - *Cemitério dos Vivos. Uma Análise Sociológica de Uma Prisão de Mulheres.* Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

- LEPARGNEUR, H. - *Antropologia do Prazer*. Campinas, Papirus, 1985.
- LEWIS, O. - *Os Filhos de Sanchez*. Lisboa, Moraes Ed., 1979.
- LIMA, H. A. M. - "Autoerotismo." In *Sexologia I*, São Paulo, Roca, 1987.
- LIMA, J. C. R. *Espelho Quebrado. Algañan e Desvio*. Dissertação de Mestrado - UFPE, 1987.
- LOWEN, A. - *Bioenergética*. São Paulo, Summus Editorial, 1982.
- MAFESOLI, M. - *A Violência Totalitária - Ensaio de Antropologia Política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MAHOMET - *Le Koran*. Paris, Garnier Frères, 1960.
- MALINOWSKI, B. - *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_ - *A Vida Sexual dos Selvagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- MARX, ENGELS, LENIN. - *Sobre a Mulher*. São Paulo, Global, 1979.
- MARX e ENGELS, - *Manifesto Comunista*. São Paulo, Nova Stella, 1985.
- MAY, R. - *Eros e Repressão. Amor e Vontade*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- MEZAN, R. - *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- MICELA, R. - *Antropologia e Psicanálise - Uma Introdução Produção Simbólica, ao Imaginário, à Subjectividade*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MIOTTO, A. B. - "Sexo e família dos Presos" *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, V. 21, nº 84:p.315/340, out/dez, 1984.
- MONTEIRO, P. M. - *Feminilidade. - O Perigo do Prazer*. Petrópolis, Vozes, 1984.
- MORIN, E. - *O Enigma do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MOTT, L. R. B. - *Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

- \_\_\_\_\_ "Escravidão e Homossexualidade". in *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- MOTTA, R. e SCOTT, P. - *Sobrevivência e Fontes de Renda - Estratégias das Famílias de Baixa Renda no Recife*. Recife, Massangana, 1983.
- MURARO, R. M. - *Sexualidade da Mulher Brasileira. Corpo e Classe Social no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_ - *Sexualidade, Libertação e Fé. Por Uma Eritica Cristã*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- NETO, M. I. - *O Autoritarismo e a Mulher - O Jogo da Dominação Macho-Fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.
- NOGUEIRA, O. - "A História de Vida." in *Pesquisa Social: Introdução às Suas Técnicas*. São Paulo, Nacional, 1986.
- NUNES, C. A. - *Desvendando a Sexualidade*. Campinas, Papirus, 1987.
- OLIVIER, C. - *Les Enfants de Jocaste*. Paris, Denoël/Gonthier 1980.
- PAIXÃO, L. A. - *Recuperar ou Punir? Como o Estado Trata o Criminoso*. São Paulo, Cortez, 1987.
- PELTO, P. J. - *Anthropological Research - The Structure of Inquiry*. New York, Harper & Row Publishers.
- PERRUCI, M. - *Mulheres Encarceradas*. São Paulo, Global, 1983.
- PIRES, C. - *A Violência no Brasil*. São Paulo, Moderna, 1985.
- PLATÃO, - "Timée." In *Oeuvres Completes*. Tome V. Paris, Classiques, Garnier, 1950.
- PONZI, C. G. - "Problema Sexual nas Prisões". *Revista do Conselho Penitenciário Federal*, Brasília, 1971.
- QUEIROZ, E. - *Tabus Sexuais e Eufemismos - Um Estudo Comparativo entre Homens e Mulheres*. Dissertação de Mestrado UFPE, 1987.
- QUINTAS, F. - *Sexo e Marginalidade*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- REGULAMENTO do Sistema Penitenciário do Estado de Pernambuco. Decreto 2341 - 13.3.1971.

- RIGOL, P. N. - *Sociologia do Terceiro Mundo. Crítica ao Modelo Desenvolvimentista*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- RODRIGUES, J. C. - *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- ROTTERDAM, E. - *Elogio da Loucura*. Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- ROUSSEAU, J. J. - *Emile ou de l'Éducation*. Paris, Classiques Guarnier, 1951.
- \_\_\_\_\_ - *O Contrato Social*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- SAFFIOTTI, H. - *A Mulher na Sociedade de Classes. Mito e Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_ - *O Poder do Macho*. São Paulo, Moderna, 1987.
- SCOTT, R. P. - *Economia, Gênero e o Controle sobre a Casa. Trabalho apresentado no Seminário Relações de Trabalho e Relações de Poder - Fortaleza, novembro, 1986*.
- SEABRA, Z. e MUSZKA, T. M. - *Identidade Feminina*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- THOMPSON, A. - *Quem São os Criminosos?* Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- \_\_\_\_\_ - *A Questão Penitenciária*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- VELHO, G. - *Desvio e Divergência. Uma Crítica da Patologia Social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

## *A*nexos

ENCONTRO DE SUPERIORAS PROVINCIAIS DA AMÉRICA LATINA

O NOSSO APOSTOLADO NAS PRISÕES

Bogotá, 4 de Fevereiro de 1984

Muito queridas Irmãs da América Latina:

"O Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me a levar a boa nova aos que sofrem, a curar os de coração despedaçado, a anunciar a amnistia aos cativos e a liberdade aos prisioneiros... Is. 61, 1-2

As Superiores Provinciais da América Latina, reunidas com a nossa Superiora Geral e Conselheira Geral, em Bogotá, Colômbia, depois de rezar e reflectir, iniciaram um processo que nos leva a realizações concretas, para responder às interpelações que a nossa fé em Jesus Cristo, o nosso serviço à Igreja e a nossa pertença à Congregação exigem de nós.

Movidas pela Palavra de Deus, após examinarmos cuidadosamente a essência do nosso Carisma Congregacional, actualizado de maneira especial no Capítulo Geral de 1979, cremos necessário situar-nos melhor e mais evangélicamente no contexto sócio-histórico do mundo no qual servimos, reencontrar a nossa função de religiosas do Boz Pastor, e vislumbrar novos horizontes de acção apostólica, de acordo com a nossa missão junto às presas.

Reflectindo neste serviço, realizado durante tanto tempo por nossas Irmãs, pensamos que é necessário actualizá-lo e, para isso, remontamo-nos às nossas origens: quando Sta. M. Eufrásia pensou em trabalhar na libertação total da mulher privada de liberdade, compreendeu a situação desumana e a grande miséria moral em que se encontrava, e não vacilou em ver nela a destinatária privilegiada de nossa missão.

Segundo o seu exemplo, muitas Irmãs nas diversas partes do mundo, impelidas pelo amor misericordioso, dedicam-se a esta porção de Igreja que sofre a maior das marginalizações: ver-se privada de liberdade. No meio de grandes sacrifícios, realizam esta árdua tarefa e seu zelo se agiganta ao ver que, pouco a pouco, podem melhorar as condições das reclusas e levá-las a um encontro com Deus.

Quantas Irmãs entregam a sua vida neste labor silencioso! Para todas, o nosso reconhecimento e gratidão. Entretanto, queremos fazer-lhes um apelo ao discernimento e à abertura, para redescobrir o nosso ser de consagradas e enviadas a encarar o amor misericordioso de Jesus Bom Pastor, de acordo com a realidade do nosso tempo.

Nós, Irmãs Provinciais, unidas por um único sentir e movidas - por uma mesma inspiração, constatámos que:

• Com frequência somos identificadas com a lei que castiga ou com o regime injusto do poder, por causa dos governos, de facto muito comuns na América Latina, caracterizados por abusos do poder, repressão sistemática ou selectiva acompanhada de delação, de violação da privacidade, de pressões exageradas, de torturas, de exílios, do desaparecimento de pessoas, de detenções sem ordem judicial, de justiça submetida ou atada (Puebla No. 26)

• Da mesma forma, as ideologias de segurança nacional têm contribuído para fortalecer, em muitas ocasiões, o carácter totalitário dos regimes de força e alimentado o abuso do poder e da violação dos direitos humanos. Há casos em que pretendem amparar suas atitudes com uma subjectiva profissão de fé cristã (Puebla No. 26).

Como consequência destas situações, em muitos casos, temos visto obrigadas por alguns governos, a receber prisioneiras políticas em número considerável, nas prisões dirigidas por nossas Irmãs.

A presença desta categoria de internas, constitui para nós uma grande interrogação, ainda maior quando sob o mesmo título se incluem pessoas que estão por motivos diferentes: algumas chamadas guerrilheiras ou terroristas, que o governo não considera propriamente como prisioneiras políticas, mas como criminais comuns, pelos delitos de que se lhes acusa. Outras ao contrário que, embora em número mais reduzido, estiveram por motivos ideológicos porque não pensam como o governo ou por terem trabalhado pela promoção e evangelização dos pobres, são considerados como subversivas.

Em relação às primeiras, elas dificultam o nosso trabalho nas prisões, pelas idéias que propagam, as prerrogativas que reclamam e a repercussão negativa que criam na opinião pública mundial, através dos meios de comunicação social. Além do perigo que representam para as outras internas, a mentalidade que trazem criou nelas fortes estruturas, perante as quais o nosso trabalho não tem nenhuma eficácia.

Tudo nos leva a concluir que não convém de maneira nenhuma a sua presença nas prisões que as Irmãs dirigem.

Ao considerar de maneira concreta o nosso trabalho nas prisões, encontramos alguns aspectos que nos questionam profundamente:

- Ao assumir a direcção das prisões vemos-nos obrigadas a aceitar as condições que o governo impõe, mesmo que estas sejam muitas vezes injustas, contrárias à moral e aos princípios cristãos e violadoras dos direitos humanos. Isto limita a nossa liberdade de acção e frustra as Irmãs que realizam estas funções.
- Nas grandes Instituições, é necessário estabelecer estruturas rígidas que muitas vezes, em situações concretas, se antepõem ao bem e aos direitos da pessoa.
- Os sistemas disciplinares trazem consigo a aplicação de sanções que na maioria dos casos são odiosas, levando-nos a parecer, perante as prisioneiras, pessoas duras e injustas, nascendo daí uma contradição entre o nosso SER de religiosas do Bom Pastor e o nosso FAZER, como funcionárias do governo.
- Perguntamo-nos então: é possível reflectir a identidade da religiosa do Bom Pastor através da repressão e do castigo?

Por outra parte, existem muitas funções administrativas que são da competência dos laicos e que ao serem realizadas pelas Irmãs, diminuem as forças para a tarefa da evangelização, na qual deveríamos estar mais comprometidas.

Há na Congregação um forte despertar e preocupação pela promoção e defesa dos direitos humanos, nos quais estão empenhadas muitas de nossas Irmãs. Toda esta análise suscita o nosso interesse por novas formas de presença que o mundo reclama das Irmãs do Bom Pastor.

Perguntamo-nos, com efeito, com que novas formas apostólicas poderíamos ajudar a transformar as estruturas injustas que são causa de delinquência no nosso continente Latino Americano?

Em que medida poderíamos trabalhar nos meios marginalizados, nos quais brota a delinquência como efeito de situações de opressão e de miséria, realizando assim um trabalho de prevenção?

De que modo poderíamos influir sobre o governo para criar instituições, onde os sistemas repressivos fossem mudados por motivações e realizações da pessoa, num sistema de liberdade e de respeito aos seus direitos pessoais, familiares e sociais?

Tudo isso conduz a horizontes cada vez mais vastos o nosso campo de acção, obrigando-nos a buscar novos caminhos, não isentos de riscos; porém, ao mesmo tempo nos faz sentir a exigência de uma urgente e adequada pre-

paração que capacite as Irmãs para realizar a nossa missão de maneira mais evangélica e efectiva.

Como mulheres de Igreja, vamos tomando consciência, cada vez mais clara e profunda, de que a evangelização é nossa missão fundamental e de que não é possível o cumprimento desta missão sem um esforço permanente do conhecimento da realidade e de uma adaptação dinâmica, nova, coerente com a mensagem evangélica de hoje.

A formação a todos os níveis é um imperativo se queremos assegurar o futuro das nossas obras apostólicas. Porém, ela impõe-nos sacrificar algo do presente: reduzir as nossas obras apostólicas à medida das nossas forças e liberar-nos progressivamente das grandes Instituições que absorvem energias em campos que não são da nossa competência, como os acima indicados. Com efeito, eles dificultam a execução dos planos de formação e a possibilidade de realizar novas formas de apostolado em favor da mulher privada de liberdade.

Estas e não outras são as razões que nos movem, como responsáveis da Congregação nas Províncias da América Latina, a renovar-nos para ser mais presença de Igreja nas prisões, a ser uma força que busque a promoção da justiça e a solidariedade com os pobres. Desta maneira, poderemos tornar realidade o desejo expressado pelos Bispos em Puebla: "A Igreja, Mãe e Irmã, está unida especialmente aos pobres, aos marginalizados, aos que sofrem qualquer forma de injustiça e discriminação, para alçar a voz pelos sem voz".

Esperamos na força do Espírito do Senhor Jesus, na protecção de Maria, que com sua disponibilidade tornou possível a história da salvação, na eficaz intercessão de Santa M. Eufrásia e na boa vontade e apoio de todas, que nos esforçamos para construir o Reino.

Afectuosamente no Senhor,

Irmãs Provinciais da América Latina.

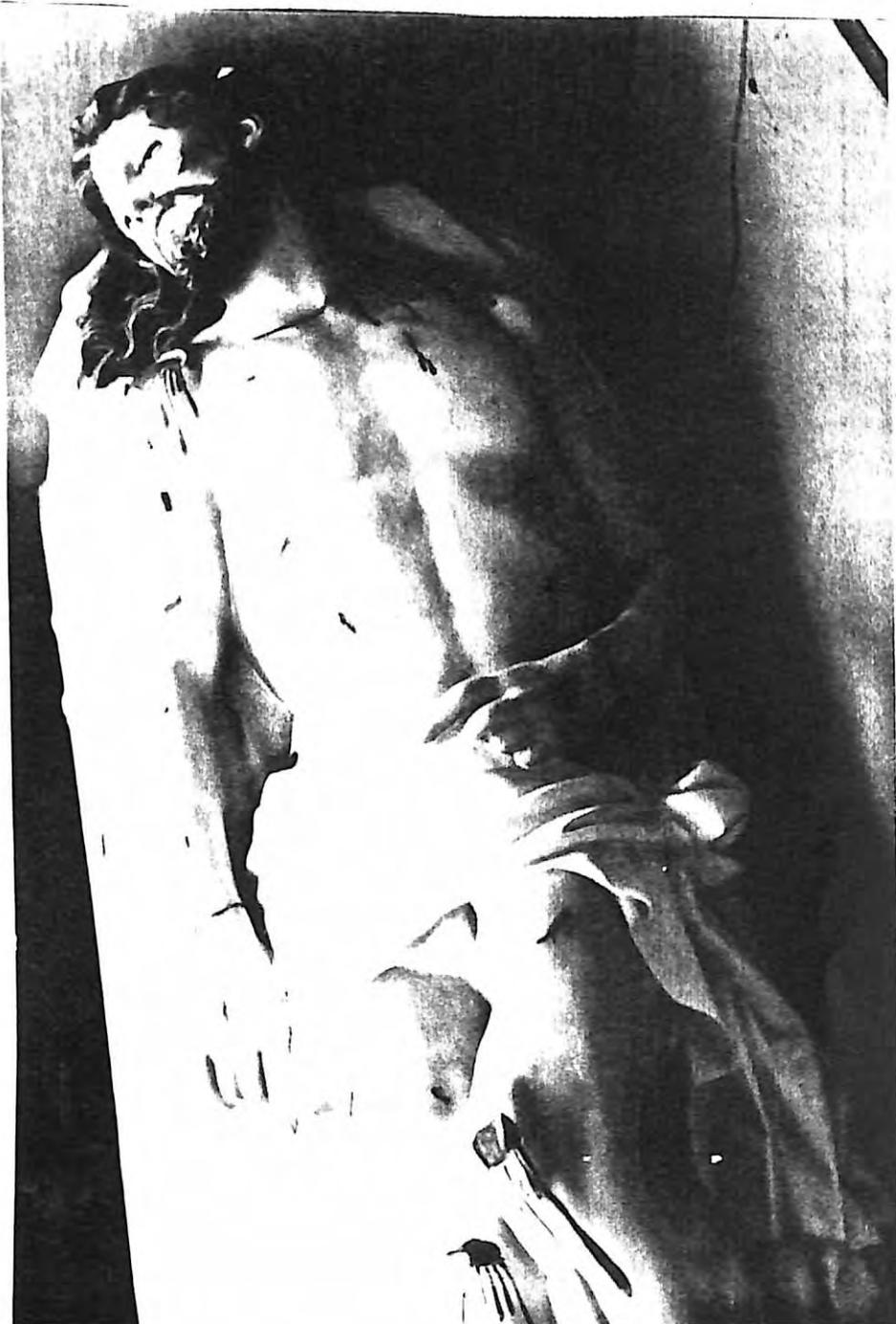


IMAGEM DO SENHOR MORTO (no pátio)



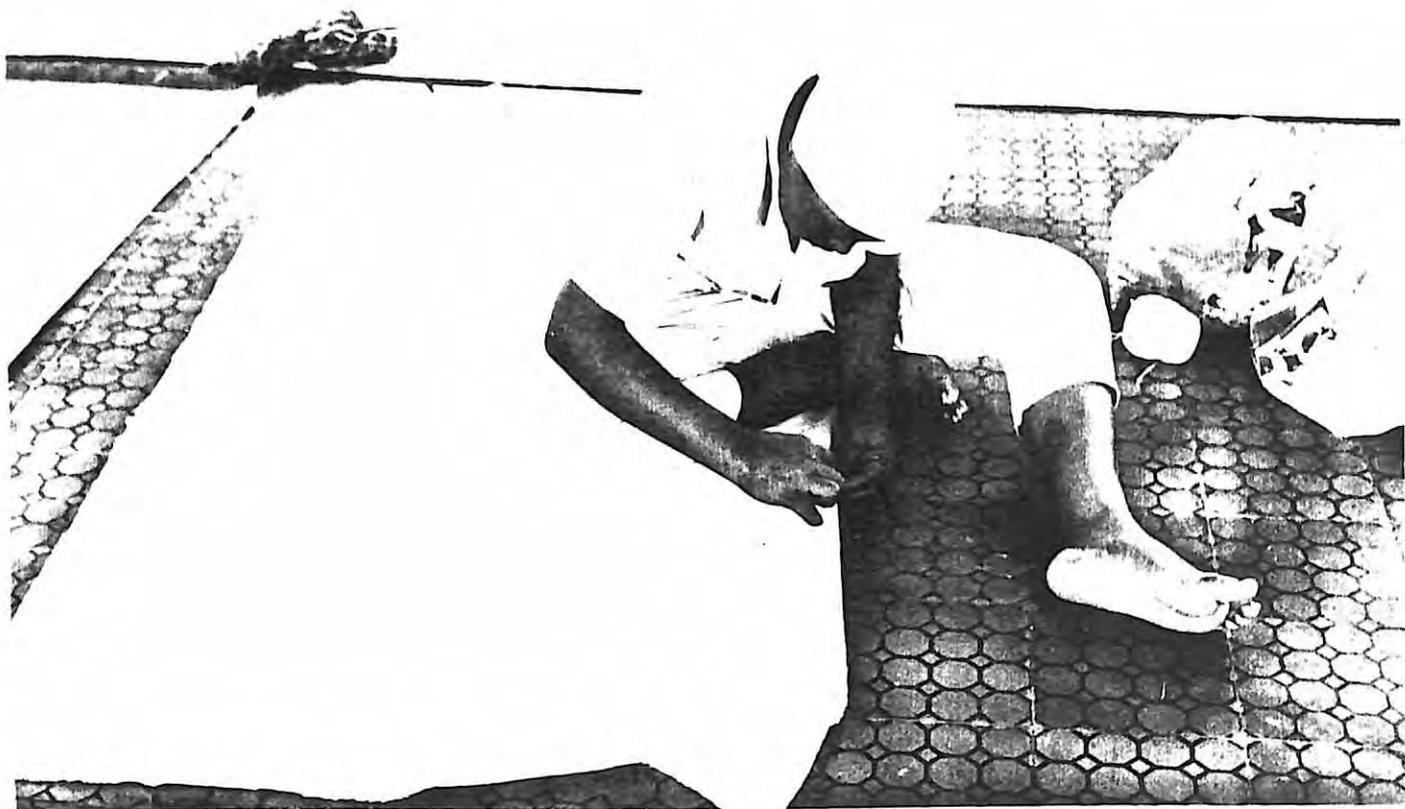
SALA DE VISITAS DECORADA COM VÁRIOS QUADROS E IMAGENS CATÓLICAS.



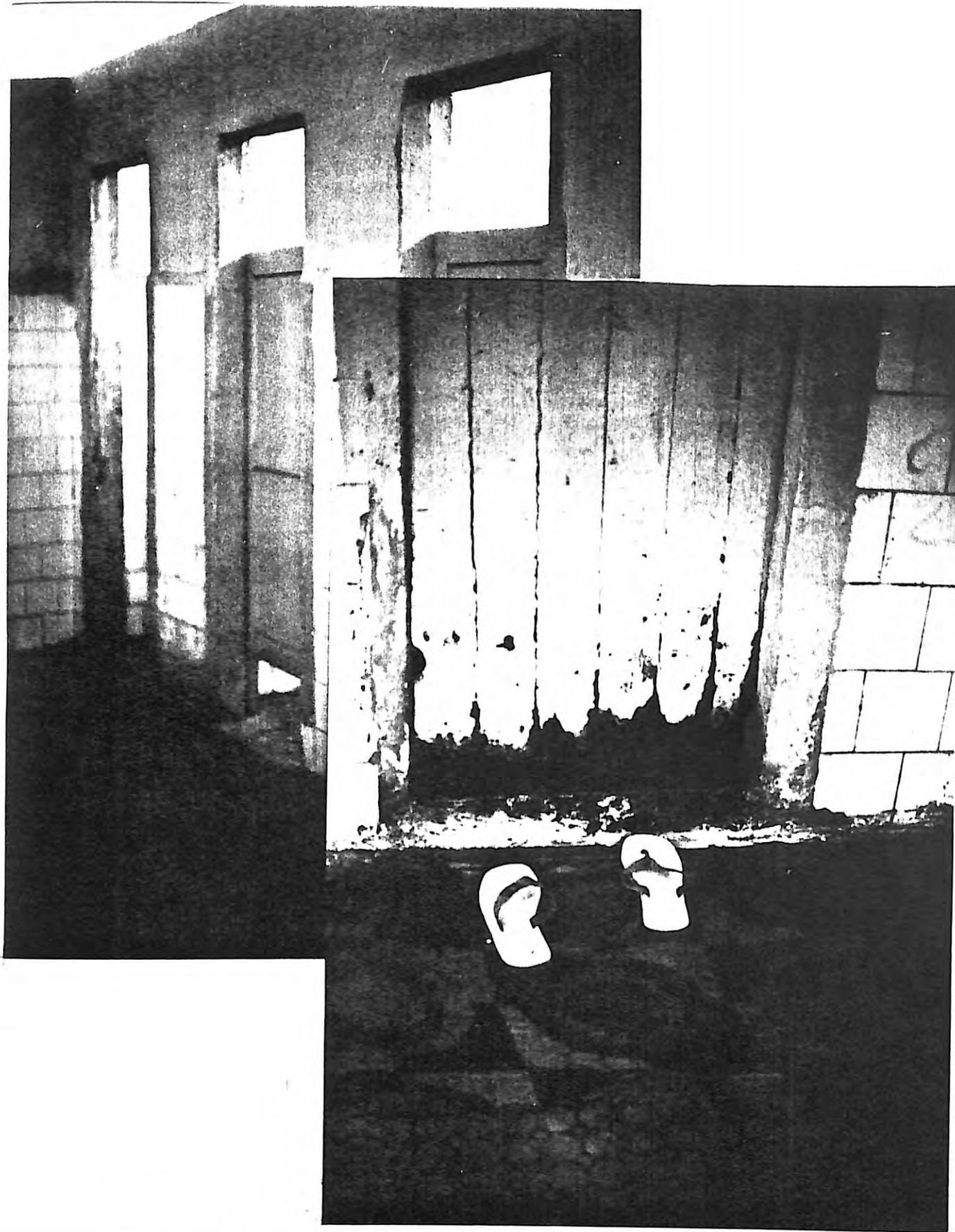
QUADRO DE MARIA MADALENA CHORANDO AOS PÉS DO  
CRISTO ( decoração da sala de visitas )



IMAGEM DA VIRGEM MARIA (no corredor de celas).



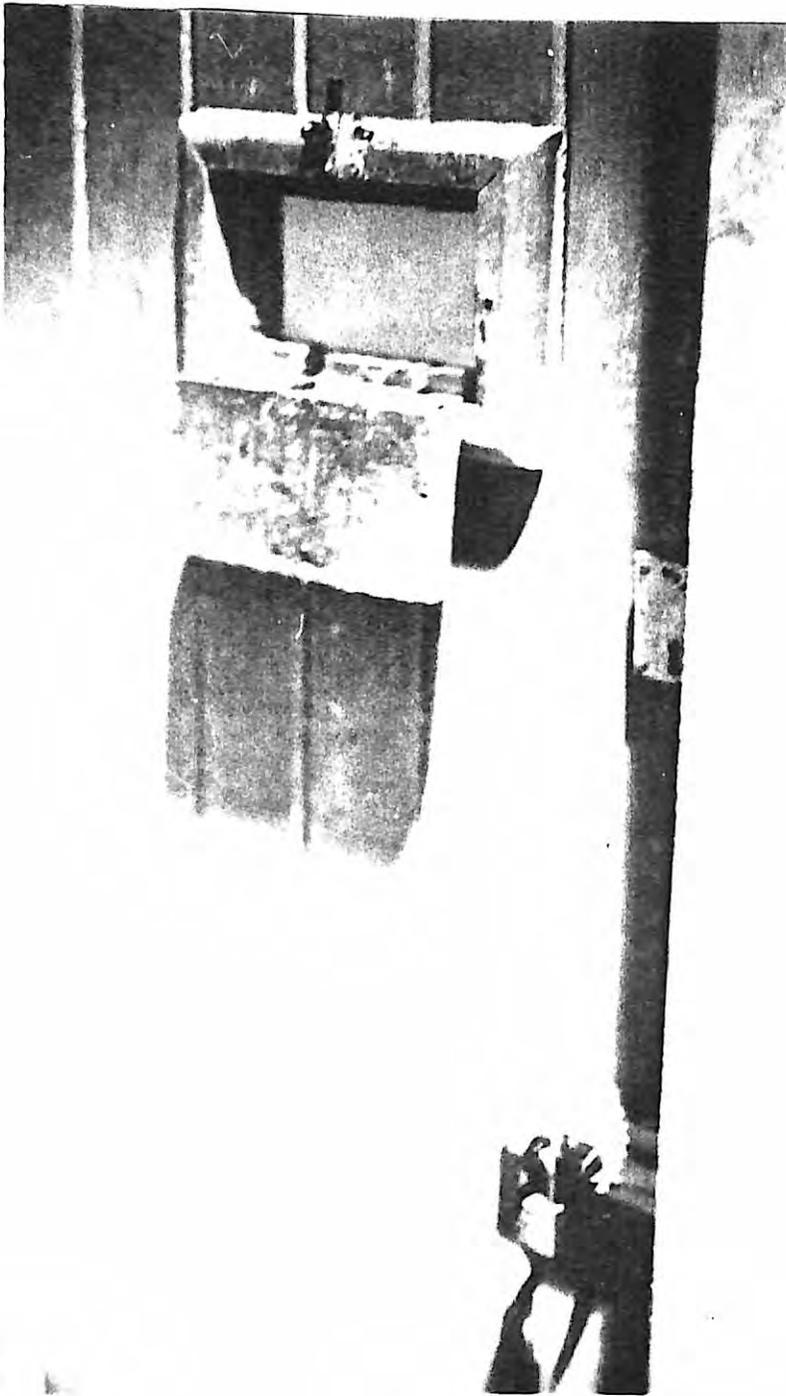
TRABALHO COM OS TAPETES CASA CAIADA.



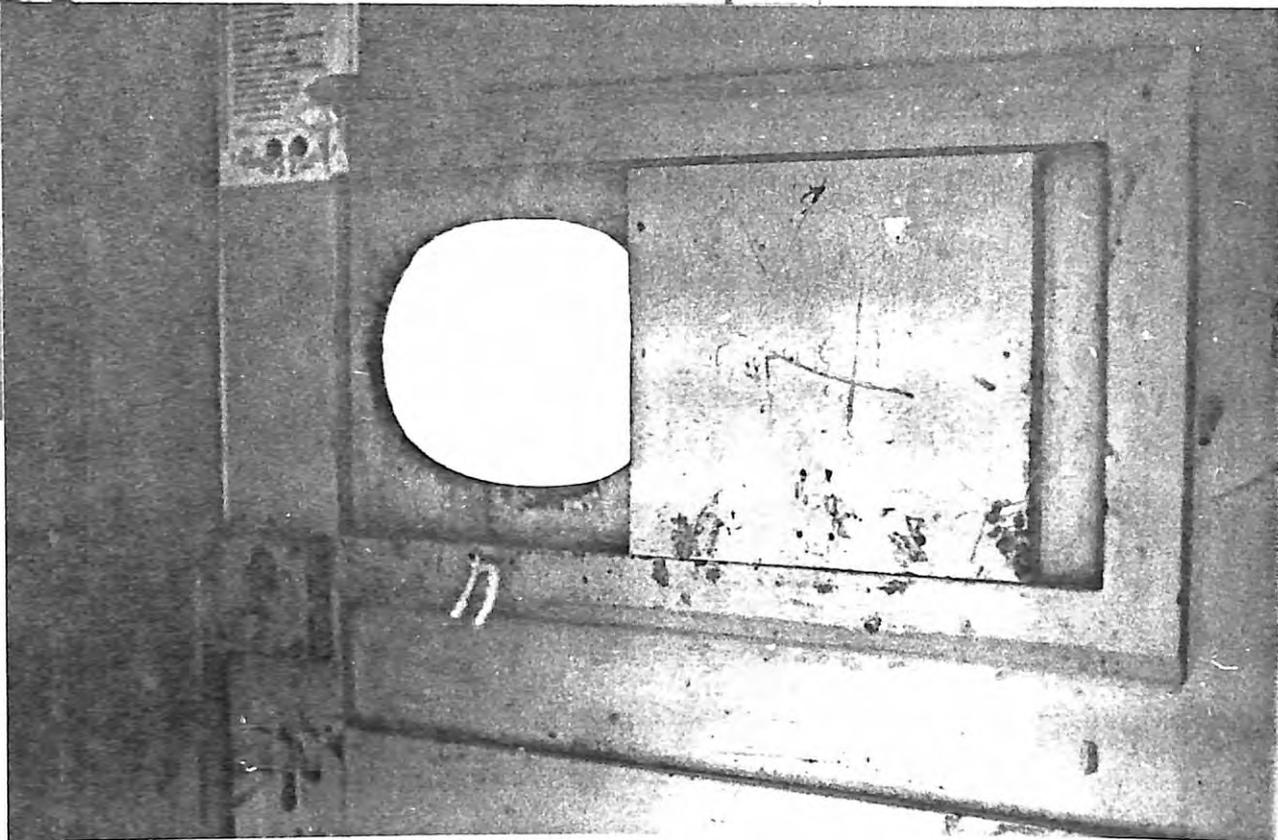
BANHEIROS



CORREDOR DE CELAS



O VISOR NAS PORTAS DAS CELAS

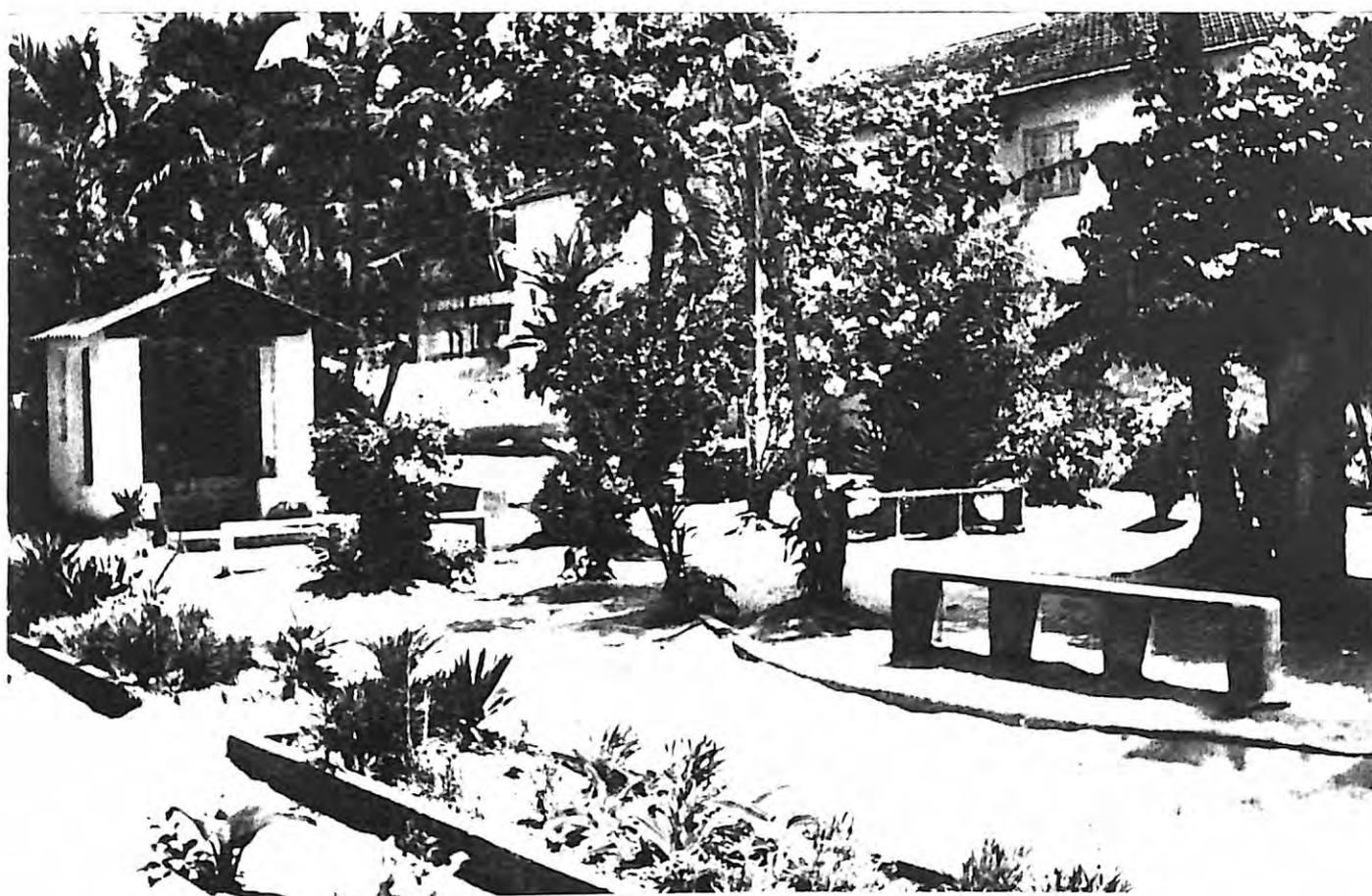


VISOR DAS CELAS

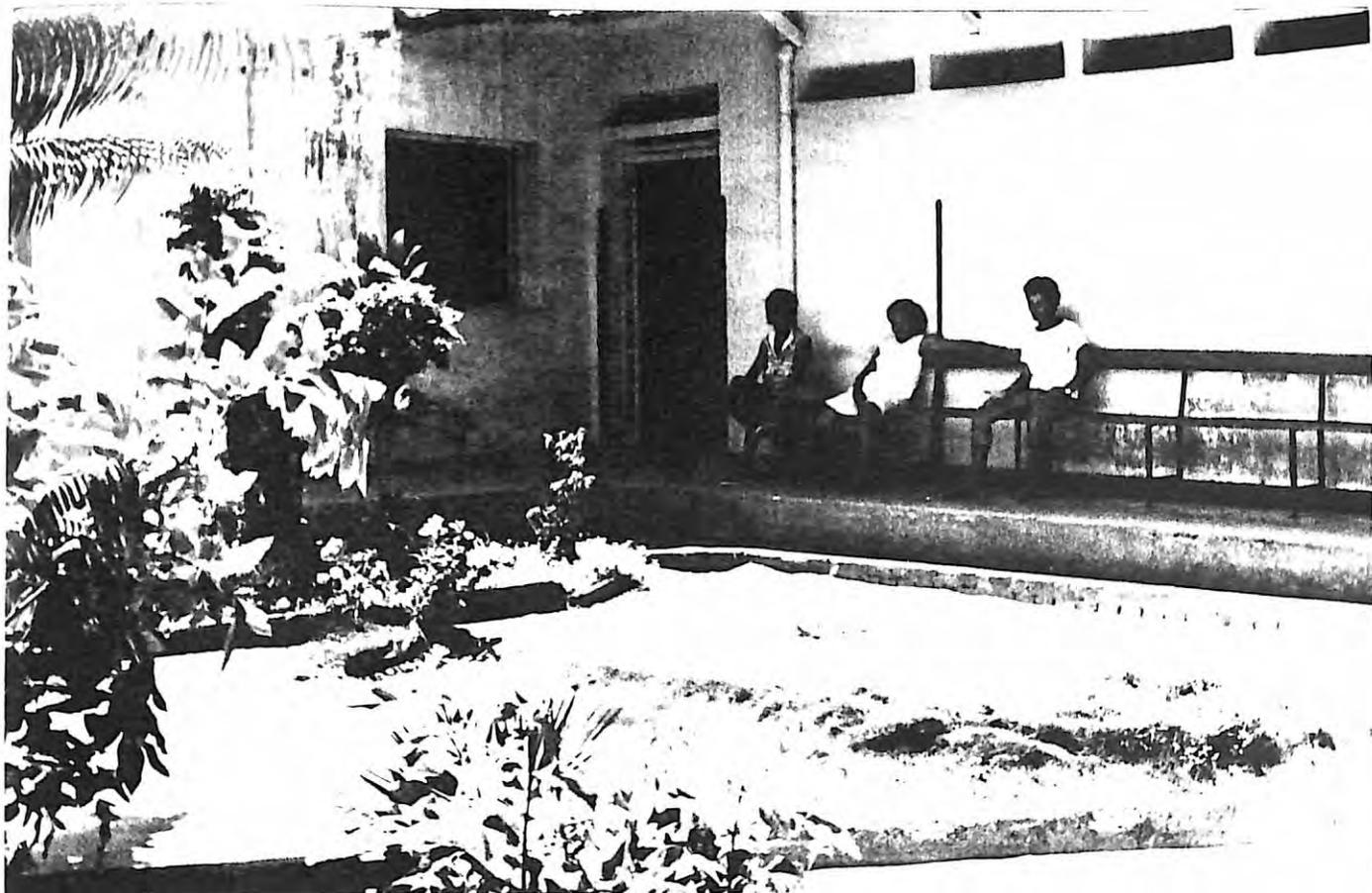
D2US Oliveira



VISÃO INTERNA DE CELAS



VISÃO GLOBAL DO PÁTIO



VISÃO DO PÁTIO



MURAL COM PORTARIA DE CASTIGO, NA SALA DE VISITAS.

# COLÔNIA PENAL FEMININA

- RECIFE -

MAT. \_\_\_\_\_

PRONT: \_\_\_\_\_

QUALIFICAÇÃO											
NOME(s) :-				VULGO(s) :-							
Polgar Direito											
FILHA DE _____											
E DE _____, PRÓLE											
NASCIDA A _____ DE _____ DE _____, NÓ MUNICÍPIO DE _____											
ESTADO _____, PAÍS _____, ESTADO CIVIL _____											
PROFISSÃO _____, INSTRUÇÃO _____, RELIGIÃO _____											
RESIDÊNCIA _____, CÔR _____											
DATAS											
DO RECOLHIMENTO	DA PRISÃO EM FLAGRANTE PREVENTIVA (P)	DA SENTENÇA CONDENATÓRIA	1/3 DA PENA	1/2 DA PENA	3/4 DA PENA	DA CONCLUSÃO					
AUTORIDADE ORDENADORA DO RECOLHIMENTO		COM	DATADO DE	JUIZO DA SENTENÇA							
NATUREZA DA PENA											
RECLUSÃO						DETENÇÃO					
ANOS	MESES	DIAS	MULTA	INCURSO NO ART.	DO	ANOS	MESES	DIAS	MULTA	INCURSO NO ART.	DO
PRISÃO SIMPLES						MEDIDA DE SEGURANÇA					
ANOS	MESES	DIAS	MULTA	INCURSO NO ART.	DO	ANOS	MESES	DIAS	TIPO. ETC.		
Reincidência: _____ ; específica: _____ ; genérica: _____											
Obs: _____											









## Atores encenam peça em Colônia Penal Feminina

Está definitivamente marcada a estréia do espetáculo "Braziliu di todos os Cantos (Nas maravilhas de Calbetas)", criação coletiva do Grupo de Teatro Alvará de Soltura em Terra Proibida, constituído pelas presas da Colônia Penal Feminina do Bom Pastor. A peça cumprirá temporada na Colônia Penal (Engenho do Meio), aos sábados, às 17 hs, durante este e o próximo mês, tendo no elenco as atrizes Luziara Maria, Cida Pereira, Kika Siqueira, Sônia Sena, Maria Pereira, Francisca Santos, Do Carmo Rufim, Ione Barros, Marluce Silva, Luiza Buarque, com sonoplastia operada por Lindalva Neves, iluminação e direção de José Manoel.

A peça terá coreografias de Otacílio Júnior, com assistência de

Alberto Braynner, cenários, figurinos e adereços de Teka Miranda, mesa de luz criada por Gil Rocha, com assistência de Márcio Moraes.

Este espetáculo é o resultado do Projeto Coringa, do Programa Nímuendaju, sob coordenação de Eivaldo Miranda, Iluminata Rangel e José Manoel, realização da Federação do Teatro Amador de Pernambuco - Feteape e Superintendência do Sistema Penitenciário de Pernambuco - Susipe, sob auspícios dos Ministérios da Cultura e da Justiça.

"Braziliu", busca discutir problemas do ser presidiário, brinca e joga com a questão da Justiça no País e, com certeza, será um bem cuidado espetáculo, divertido, sem apelações, nem conotações sentimentais, extre-

mamente teatral, dançado, cantado e brincado. Espera-se, pois, receber boa afluência de público na Colônia, onde será cobrada uma entrada no valor de Cz\$ 200,00. Vale frisar que a renda será revertida para os 13 integrantes do Grupo. O grupo realizou aulas de canto, com Romualdo Medeiros; voz e dicção, com Jáder Austregésilo; Teka Miranda ministrou aulas de cenografia e Otacílio Júnior, de danças populares.

Os coordenadores do Projeto, em Pernambuco, seguirão para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, para participar do II Seminário Nímuendaju, onde a experiência de Pernambuco será repassada para os outros 7 Estados participantes do projeto, no Brasil.

39  
02778

R\$ 30,00

João / BC. PIU (3)

10/88

C\$ 150,00